

MICHELLE KELLEN RAMOS BRITO JARDIM

**Estratégias de Ensino da Língua Portuguesa para Alunos Surdos do 1º ano do Ensino
Médio: Um Estudo nas Escolas Centro de Ensino Dr. Geraldo Melo e Centro Educa Mais
Estefânia Rosa da Silva em São Luís – MA**

SÃO LUIS – MA

2025

MICHELLE KELLEN RAMOS BRITO JARDIM

**Estratégias de Ensino da Língua Portuguesa para Alunos Surdos do 1º ano do Ensino
Médio:** Um Estudo nas Escolas Centro de Ensino Dr. Geraldo Melo e Centro Educa Mais
Estefânia Rosa da Silva em São Luís – MA

Dissertação apresentado(a) como requisito parcial para
obtenção do título de Mestre em Educação Inclusiva, pelo
Programa de Mestrado Profissional em Educação
Inclusiva da Universidade Estadual do Maranhão -
UEMA.

Orientador. Dr. Jakson dos Santos Ribeiro

SÃO LUIS – MA

2025

Jardim, Michelle Kellen Ramos Brito.

Estratégias de Ensino da Língua Portuguesa para Alunos Surdos do 1º ano do Ensino Médio: um estudo nas Escolas Centro de Ensino Dr. Geraldo Melo e Centro Educa Mais Estefânia Rosa da Silva em São Luís – MA./ Michelle Kellen Ramos Brito Jardim. – São Luís (MA), 2025.

92p.

Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Inclusiva - PROFEI) Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, 2025.

Orientador: Prof. Dr. Jakson dos Santos Ribeiro.

1. Ensino de Língua Portuguesa. 2. Alunos Surdos. 3. Estratégias de Ensino da L2. I. Título.

CDU: 376-056.26:373.5(812.1)

MICHELLE KELLEN RAMOS BRITO JARDIM

Estratégias de Ensino da Língua Portuguesa para Alunos Surdos do 1º ano do Ensino Médio: Um Estudo nas Escolas Centro de Ensino Dr. Geraldo Melo e Centro Educa Mais Estefânia Rosa da Silva em São Luís – MA

Dissertação apresentado(a) como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Inclusiva, pelo Programa de Mestrado Profissional em Educação Inclusiva da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA.

Data de aprovação: São Luís (MA), 16 de junho de 2025.

Banca Examinadora:

Documento assinado digitalmente
 **JAKSON DOS SANTOS RIBEIRO**
Data: 21/07/2025 21:44:26-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr Jakson dos Santos Ribeiro-UEMA

Orientador

Documento assinado digitalmente
 **ELIZETE SANTOS**
Data: 21/07/2025 18:58:23-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dr^a Elizete Santos

Examinadora Interna – PROFEI- UEMA

Documento assinado digitalmente
 **SOLANGE SANTANA GUIMARAES MORAIS**
Data: 20/07/2025 15:14:50-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dr^a Solange Santana Guimarães Morais

Examinadora Externa – PPGLETRAS-UEMA

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que me deu o dom da vida, me proporcionou a oportunidade, a bênção e o milagre de cursar esse mestrado, para que através do conhecimento adquirido, ajude ainda mais os alunos público-alvo da educação. Obrigada Senhor, por me abençoar todos os dias com o seu amor infinito.

Sou grata as minhas filhas Milena e Mirela, a minha mãe Helena, a minha tia Maria do Carmo, que me apoiam e me incentivam. Agradeço, em memória, Magnólia Guimarães Ramos, minha vó querida. Em memória, Victor Ângelo Serejo Filho, meu pai. Em memória, Marigerson Oliveira Brito, meu pai. Que todos eles, em vida, não mediram esforços em me educar, me incentivar e muito me amar.

Aos meus mestres ao longo da minha trajetória escolar e acadêmica, ao meu orientador Dr. Jakson Ribeiro, que serviram de exemplo para que eu me tornasse uma profissional melhor a cada dia.

Aos meus amigos, meu muito obrigada por torcerem e vibrarem com a minha conquista. Aos meus colegas do PROFEI da Turma 3, por toda união, amizade, ajuda, companheirismo, parceria e incentivo. Amo todos vocês!

Dedico este trabalho a Deus e a minha família que muito me incentiva para que meus planos e projetos, se tornem reais. Sem vocês, eu nada sou.

“O ensino da Língua Portuguesa para surdos deve ser mediado por práticas que respeitem a diferença linguística e cultural dos alunos, valorizando a Língua Brasileira de Sinais como seu primeiro idioma.” (Antunes, 2007).

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEE - Atendimento Educacional Especializado

CENESP - Centro Nacional de Educação Especial

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CNE - Conselho Nacional de Educação

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

FACIBRA – Faculdade de Ciências de Wenceslau Braz

INES - Instituto Imperial dos Surdos-Mudos

LBA - Legião Brasileira de Assistência

LDBEN - Lei de Diretrizes e Bases

Libras - Língua Brasileira de Sinais

MEC – Ministério da Educação

NEP– Núcleo de Educação Popular Paulo Freire

PAEE – Professor de Atendimento Educacional Especializado

PCNEM - Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio

PEI - Plano Educacional Individualizado

PDE – Plano de Desenvolvimento da Educação

PNEE - Plano Nacional de Educação Especial

PNE - Plano Nacional de Educação

PROFEI - Mestrado Profissional em Educação Inclusiva - (SEDUC) - Secretaria de Estado da Educação

RTT - Recurso Técnico-Tecnológico

SEDUC-MA - Secretaria de Estado de Educação do Maranhão

SEESP - Secretaria de Educação Especial

TIC - Tecnologia da Informação e Comunicação

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

RESUMO

A pesquisa buscou investigar as “Estratégias de Ensino da Língua Portuguesa para Alunos Surdos do 1º ano do Ensino Médio: Um Estudo nas Escolas Centro de Ensino Dr. Geraldo Melo e Centro Educa Mais Estefânia Rosa da Silva em São Luís – MA, situadas em São Luís – MA”. Nesse sentido, o objetivo principal é analisar as estratégias de ensino da Língua Portuguesa utilizadas para alunos surdos no 1º ano do Ensino Médio nas escolas supracitadas em São Luís – MA, buscando identificar as práticas pedagógicas eficazes e propondo melhorias para a inclusão e o aprendizado desses alunos. A metodologia adotada inclui um estudo qualitativo, que contemplará a observação participante em sala de aula, entrevistas semiestruturadas com professores e alunos, bem como a análise de materiais didáticos utilizados no ensino da Língua Portuguesa. As informações coletadas foram analisadas por meio de categorias emergentes que refletem as práticas pedagógicas e as barreiras enfrentadas pelos professores. A análise dos dados foi realizada por meio da técnica de análise de conteúdo, visando identificar padrões e temáticas recorrentes. Sendo assim, o objetivo da pesquisa foi elaborar um Caderno com Estratégias Pedagógicas, como instrumento que pode nortear o professor ouvinte da disciplina língua portuguesa, a entender o universo da pessoa surda, sua trajetória de lutas e conquistas, história da educação de surdos, cultura, comunidade surda, particularidades da surdez, sua língua, a legislação, desafios e estratégias de ensino, casos de sucesso no ensino da língua portuguesa. Este caderno tem como base as informações obtidas na pesquisa e visou auxiliar os professores a desenvolverem estratégias pedagógicas inclusivas. Desse modo, esperou-se que os resultados da pesquisa pudessem oferecer insights relevantes sobre as atitudes e percepções dos professores em relação ao ensino de língua portuguesa como L2 para alunos surdos, contribuindo para o aprimoramento das estratégias e práticas pedagógicas. Além disso, esperou-se que a utilização dele, pudessem subsidiar melhorias do ensino de Língua Portuguesa para alunos surdos do 1º ano das escolas do ensino médio.

PALAVRAS CHAVES: Ensino de Língua Portuguesa. Alunos Surdos. Estratégias de Ensino da L2.

ABSTRACT

The research aims to investigate the “Portuguese Language Teaching Strategies for Deaf Students in the 1st Year of High School: A Study in the Dr. Geraldo Melo Teaching Center and Estefânia Rosa da Silva Educa Mais Center in São Luís – MA, located in São Luís – MA”. In this sense, the main objective is to analyze the Portuguese Language teaching strategies used for deaf students in the 1st year of High School in the aforementioned schools in São Luís – MA, seeking to identify effective pedagogical practices and proposing improvements for the inclusion and learning of these students. The methodology adopted includes a qualitative study, which will include participant observation in the classroom, semi-structured interviews with teachers and students, as well as the analysis of teaching materials used in the teaching of the Portuguese Language. The information collected will be analyzed through emerging categories that reflect the pedagogical practices and the barriers faced by teachers. Data analysis will be performed through the content analysis technique, aiming to identify patterns and recurring themes. Therefore, the objective of the research is to develop a Notebook with Pedagogical Strategies, as an instrument that can guide hearing teachers of the Portuguese language discipline, to understand the universe of deaf people, their trajectory of struggles and achievements, the history of deaf education, culture, the deaf community, particularities of deafness, their language, legislation, challenges and teaching strategies, and success stories in teaching the Portuguese language. This notebook will be based on the information obtained in the research and aims to help teachers develop inclusive pedagogical strategies. Thus, it is expected that the results of the research can offer relevant insights into teachers' attitudes and perceptions regarding the teaching of Portuguese as a L2 for deaf students, contributing to the improvement of pedagogical strategies and practices. In addition, it is expected that its use can support improvements in the teaching of Portuguese for deaf students in the 1st year of high school.

KEYWORDS: Portuguese Language Teaching. Deaf Students. L2 Teaching Estrategies.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2. PERSPECTIVA HISTÓRICA DO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA SURDOS NO BRASIL.....	16
2.1 Marco das Políticas públicas e da legislação relacionadas ao ensino para alunos surdos.....	23
3 ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA ALUNOS SURDOS.....	31
3.1 Uso de recursos visuais e tecnológicos para o ensino da Língua Portuguesa para alunos surdos.....	34
3.2 Currículo, ensino em sala de aula para alunos surdos.....	38
3.3 O Papel do Intérprete de Libras no processo de ensino aprendizagem do aluno surdo em relação a L2.....	41
3.4 Desafios e limitações do ensino da língua portuguesa para surdos e professores no Ensino Médio.....	44
4 METODOLOGIA.....	48
4.1 Locus da pesquisa.....	48
4.2 População e Amostra.....	51
4.3 Entrevista professoras de Língua Portuguesa.....	51
4.4 A observação do participante.....	62
4.5 Entrevista com aluno surdo.....	62
5 PRODUTO EDUCACIONAL.....	71
5.1 Delineamento do produto educacional.....	73
5.2 Estratégias Metodológicas Utilizadas no Ensino- Aprendizagem de Alunos Surdos	76
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	80
REFERÊNCIAS	
APÊNDICES	
ANEXOS	

1 INTRODUÇÃO

Como afirma Souza (2021), no ensino de Língua Portuguesa para alunos surdos no Ensino Médio, apresentam desafios específicos, tanto para os estudantes quanto para os professores. Nesse sentido, é relevante investigar as atitudes e percepções dos docentes em relação a esse tema, de forma a compreender as práticas adotadas e identificar possíveis dificuldades e potenciais estratégias de superação. Assim, a presente Dissertação busca contribuir com a reflexão do docente no ensino de Língua Portuguesa para os educandos surdos como segunda língua.

Ademais, é interessante apresentar esses desafios singulares, como por exemplo o planejamento das aulas por parte dos docentes a vistas a inclusão desses discentes, e quais demandam atenção e estratégias específicas por parte dos professores. O desenvolvimento de práticas pedagógicas, com vistas a dinamização do ensino aprendizagem inclusivas e eficazes para esse grupo de discentes, que diz respeito a aquisição de conhecimento atrelado as práticas pedagógicas docentes, constituem um desafio relevante no âmbito educacional.

Nesse sentido, senti a necessidade de pesquisar sobre o tema, afinal, no meu dia a dia em contato com estudantes surdos, percebo essa carência, principalmente em relação a Língua Portuguesa na modalidade escrita para os surdos L2. Portanto, sabemos que é imprescindível compreender as atitudes e percepções dos professores de Língua Portuguesa para alunos surdos, entendermos, como eles se apresentam através de seu planejamento, como incluem seus discentes, visando identificar tanto as dificuldades enfrentadas, como as estratégias adotadas para superá-las. Desse modo, esses estudos nos levam a empreender a pesquisa intitulada: Estratégias de Ensino da Língua Portuguesa para Alunos Surdos do 1º ano do Ensino Médio: Um Estudo nas Escolas Centro de Ensino Dr. Geraldo Melo e Centro Educa Mais Estefânia Rosa da Silva em São Luís – MA. A presente Dissertação que tem como Objetivo Geral: analisar as estratégias de ensino da Língua Portuguesa utilizadas para alunos surdos no 1º ano do Ensino Médio nas escolas CEM Geraldo Melo e CEM Centro de Ensino Estefânia Rosa da Silva em São Luís – MA e específicos: identificar e analisar as estratégias de ensino de Língua Portuguesa utilizadas nas escolas CEM Geraldo Melo e CEM Centro de Ensino Estefânia Rosa da Silva, visando observar, compreender e analisar a eficácia no ensino de alunos surdos; investigar e entender as dificuldades enfrentadas pelos alunos surdos no processo de aprendizagem da Língua Portuguesa, a fim de adaptar as metodologias de ensino às suas necessidades específicas; elaborar um caderno com estratégias pedagógicas inclusivas que possam ser utilizadas por educadores para melhorar o aprendizado da Língua Portuguesa por

alunos surdos, baseadas nas práticas e dúvidas dos professores observadas e socializadas por eles nas escolas; desenvolver um produto educacional, como um guia prático de estratégias metodologias inclusivas para o ensino da Língua Portuguesa, que possa ser utilizado por professores do primeiro ano do Ensino Médio em contextos com alunos surdos, no intuito de proporcionar melhorias nas práticas pedagógicas, podendo melhorar assim, a inclusão e o aprendizado desses discentes surdos.

Desse modo, pretendeu-se investigar a partir das questões norteadoras: Quais são as atitudes e percepções dos professores de Língua Portuguesa do 1º ano do Ensino Médio de São Luís – MA, em relação ao ensino de alunos surdos, incluindo quais os desafios enfrentados e as quais estratégias utilizadas para superá-los? Há insuficiência na formação e capacitação de professores para o ensino de estudantes surdos, essa insuficiência pode levar a metodologias inadequadas e à dificuldade de atender às necessidades específicas desses alunos? Há carência de materiais e recursos didáticos adaptados para o ensino da Língua Portuguesa para surdos nas escolas investigadas, dificultando assim a aprendizagem efetiva? Mediante as questões levantadas lançou-se as seguintes hipóteses:

- As dificuldades enfrentadas pelos alunos surdos são, em grande parte, decorrentes da falta de estratégias de ensino adaptadas às suas especificidades linguísticas;
- Professores que recebem formação específica sobre a surdez e sobre metodologias inclusivas têm mais sucesso na educação de alunos surdos do que aqueles que não têm essa formação;
- A inclusão de recursos didáticos adaptados e a utilização de Libras como suporte ao ensino da Língua Portuguesa melhoram significativamente a compreensão e produção textual dos alunos surdos.

Estas problemáticas, objetivos e hipóteses são fundamentais para a estruturação de base de sustentação da Dissertação, permitindo um olhar crítico e focado nas soluções a serem desenvolvidas para a efetividade do ensino da Língua Portuguesa para alunos surdos.

O produto educacional desenvolvido, a partir da dissertação de mestrado que investiga práticas inovadoras no ensino da Língua Portuguesa para estudantes surdos no 1º ano do Ensino Médio será um caderno, elaborado com base nas experiências e resultados do estudo realizado nas escolas Centro de Ensino Dr. Geraldo Melo e Centro Educa Mais Estefânia Rosa da Silva em São Luís – MA, visa fornecer estratégias didático-prático que poderá auxiliar os docentes na construção de aulas mais inclusivas e efetivas.

Com uma abordagem centrada na diversidade linguística e nas necessidades específicas dos alunos surdos, o caderno apresenta estratégias pedagógicas que poderão ajudar a promover a aquisição da língua de forma contextualizada e significativa. O material, é um convite à reflexão e à prática, estimulando professores a explorarem novas formas de ensino que valorizem o potencial de cada aluno, favorecendo sua inclusão e participação ativa no processo de aprendizagem. Acreditamos que este caderno será uma ferramenta valiosa para transformar a sala de aula em um ambiente mais acolhedor e estimulante para todos os estudantes. (KARNOPP,2012)

O interesse pela pesquisa deu-se devido as dificuldades presenciadas no ambiente de trabalho, às queixas dos alunos surdos em relação ao uso da Língua Portuguesa na modalidade escrita. Passamos a entender a tamanha relevância dessa pesquisa. A dificuldade em redigir uma redação, a dificuldade em fazer uma pesquisa, a dificuldade em preencher um formulário, a dificuldade em elaborar um currículo, a dificuldade em conversar e expor sua opinião nas redes sociais.

Alguns até sofrem bullying e discriminação por ser surdo e escrever de maneira não convencional. Apesar de possuírem uma diversidade de recursos tecnológicos, eles fazem a opção de chamada de vídeo ou gravação de vídeos curtos enviados em mensagem nas redes sociais, pois a sinalização em língua de sinais é mais cômoda e rápida para eles, pois é a sua primeira língua, sua língua materna. Sendo que, a grande maioria da população é ouvinte, e não domina as línguas de sinas. Cabendo ao surdo, utilizar a modalidade escrita da língua portuguesa da maneira correta. (KARNOPP,2012).

Outrossim, a complexidade do ensino da Língua Portuguesa para alunos surdos no ensino médio reside na necessidade de conciliar a aprendizagem da língua portuguesa como segunda língua, o desenvolvimento da linguagem escrita e a compreensão das especificidades linguísticas presentes nesse processo (VASCONCELOS,2021). Além disso, a integração de recursos e metodologias que considerem a peculiaridade da percepção e comunicação dos alunos surdos torna-se vital para a efetividade do ensino. É nesse contexto que se insere o presente projeto de pesquisa, que busca investigar as atitudes e percepções dos professores de língua portuguesa do ensino médio para educandos surdos.

A reflexão sobre a complexidade do ensino da Língua Portuguesa para alunos surdos no ensino médio, conforme mencionado por Vasconcelos (2021), destaca um ponto crucial: a necessidade de integrar diversas dimensões da aprendizagem. O desafio de ensinar a língua portuguesa como segunda língua para surdos envolve não apenas a aquisição de vocabulário e gramática, mas também a construção de habilidades de expressão escrita e a compreensão das

particularidades linguísticas que caracterizam essa população. Além de conhecimento da sua cultura, identidade, comunidade e especificidades da deficiência. Todo esse contexto, norteará a prática educativa e sala de aula.

Um aspecto relevante a ser considerado é a forma como a língua de sinais (Libras) se estabelece como uma língua primeiro para esses alunos, exigindo que a aprendizagem do português ocorra em um contexto que respeite e valorize essa base. Assim, é fundamental que os educadores estejam preparados e capacitados para abordar essa complexidade, utilizando metodologias que promovam a acessibilidade e o envolvimento dos alunos.

Além disso, a promoção de um ambiente inclusivo e adaptado às necessidades específicas dos alunos surdos pode facilitar bastante esse processo. Isso inclui materiais didáticos diferenciados, atividades que estimulem a interação e a prática da escrita, bem como a valorização das línguas e culturas dos alunos. Dessa forma, a educação se torna não apenas um meio de transmitir conhecimento, mas também uma forma de empoderar esses alunos a se tornarem ativos na sua própria aprendizagem e, consequentemente, na sociedade. (KARNOPP, 2012)

O desafio, portanto, está em desenvolver um currículo que considere a pluralidade linguística e cultural e que busque garantir que todos os alunos tenham acesso a uma educação de qualidade, respeitando suas particularidades e promovendo suas potencialidades.

Ao compreender as dificuldades enfrentadas por esses profissionais e identificar as estratégias por eles empregadas, deseja-se contribuir para o desenvolvimento de práticas pedagógicas mais eficazes e inclusivas, capazes de atender às demandas específicas desse público-alvo. (SOUZA, 2021).

A afirmativa de Souza (2021) destaca a importância de reconhecer as dificuldades enfrentadas por determinados profissionais, possivelmente na área da educação ou em contextos similares, e como essa compreensão pode levar ao desenvolvimento de práticas pedagógicas mais eficazes e inclusivas. Essa abordagem é fundamental, pois a educação inclusiva exige que se leve em consideração as particularidades e os desafios que diversos grupos enfrentam, permitindo assim uma adaptação das práticas de ensino que atendam a essas necessidades específicas. (SOUZA, 2021). Quando conhecemos essas dificuldades, entendemos a relevância de conhecer previamente as especificidades de cada necessidade e como ajudá-los a superar os desafios. Como consequência a aprendizagem flui de uma maneira praticamente natural.

Identificar as estratégias utilizadas por esses profissionais, poderão servir não apenas como um diagnóstico das situações enfrentadas, mas também como um guia para a criação de novas abordagens que promovam um ambiente mais acolhedor e igualitário. O

desenvolvimento de práticas pedagógicas, que sejam realmente inclusivas, requer um conhecimento aprofundado das realidades dos alunos e dos educadores, assim como uma disposição para inovar e modificar métodos de ensino tradicionais.

Nesse sentido, a afirmação de Souza (2022) reforça a ideia de que a inclusão não se resume apenas à presença física dos alunos em uma sala de aula, mas também à efetividade das metodologias empregadas, que devem ser adaptadas para atender à diversidade existente. Portanto, a reflexão crítica sobre as dificuldades e as práticas atuais é um passo essencial para a melhoria da qualidade educacional e para a promoção de uma educação que valorize e respeite as singularidades de cada indivíduo.

Através dessa pesquisa, pretendeu-se investigar duas escolas da rede estadual de Ensino Médio, buscando observar a realidade e conversar com os professores da rede estadual que lecionam a disciplina de Língua Portuguesa. Sendo assim, destaca-se a importância de realizar uma boa observação e uma boa análise dos detalhes, pois com olhares atentos, podemos imergir no universo de cada escola, podendo de maneira neutra e científica, ajudar com sugestões para cada realidade pesquisada. Dissertação de mestrado intitulada "Estratégias de Ensino da Língua Portuguesa para Alunos Surdos do 1º ano do Ensino Médio: Um Estudo nas Escolas Centro de Ensino Dr. Geraldo Melo e Centro Educa Mais Estefânia Rosa da Silva em São Luís – MA" apresenta uma análise profunda e detalhadamente estruturada sobre as metodologias e práticas pedagógicas aplicadas ao ensino da Língua Portuguesa para alunos surdos. A seguir, uma breve descrição dos capítulos que compõem a obra. À Introdução apresenta a importância do tema abordado, contextualizando o ensino da Língua Portuguesa para alunos surdos. Discute o impacto que uma educação inclusiva pode ter na formação desses estudantes, bem como os objetivos e a relevância da pesquisa. Este capítulo estabelece a base para a discussão dos desafios e possibilidades que permeiam o ensino de uma segunda língua para surdos no Brasil. No segundo item aborda-se a perspectiva histórica do ensino da língua portuguesa para surdos no Brasil. Neste capítulo, traça-se um panorama histórico do ensino da Língua Portuguesa voltado a alunos surdos no Brasil, destacando as transformações nas práticas educativas ao longo do tempo. É importante ressaltar os marcos das políticas públicas e a legislação que influenciaram a educação de surdos, sendo fundamental para compreendê-los no contexto atual. A seção 2.1 aborda especificamente os avanços e retrocessos das políticas implementadas, evidenciando a evolução do reconhecimento dos direitos educacionais de alunos surdos.

Ensino da língua portuguesa para alunos surdos

O terceiro capítulo aprofunda o tema central, apresentando as variadas metodologias que podem

ser empregadas no ensino da Língua Portuguesa para alunos surdos. A seção 3.1 discute o uso de recursos visuais e tecnológicos como ferramentas pedagógicas indispensáveis nesse processo. Já a seção 3.2 aborda o currículo e as práticas de ensino em sala de aula. A seção 3.3 analisa o papel crucial do intérprete de Libras, que atua como mediador no aprendizado dos alunos surdos. Por fim, a seção 3.4 reflete sobre os desafios e limitações enfrentados tanto por alunos como por professores no Ensino Médio, revelando as dificuldades que ainda persistem. O capítulo de metodologia descreve os procedimentos adotados na pesquisa, começando pela escolha do locus (seção 4.1), que detalha as escolas onde a pesquisa foi realizada. A escolha da população e amostra (4.2) é discutida, assim como os métodos de coleta de dados empregados, que incluem entrevistas com professoras de Língua Portuguesa (4.3), observação do participante (4.4) e entrevistas com alunos surdos (4.5), oferecendo uma visão abrangente das práticas e percepções sobre o ensino da língua. Este capítulo delinea o produto educacional desenvolvido como resultado da pesquisa. A seção 5.1 apresenta o formato e os objetivos do material produzido, enquanto a seção 5.2 discute as estratégias metodológicas utilizadas para promover uma melhor compreensão e aprendizagem da Língua Portuguesa entre os alunos surdos.

Em suma, o último capítulo oferece reflexões sobre os resultados da pesquisa, destacando a importância das estratégias educacionais adotadas e as direções futuras para o ensino da Língua Portuguesa a alunos surdos. Essa seção sintetiza os principais achados e propõe recomendações para a prática pedagógica. A Dissertação é complementada por um conjunto de referências que fundamentam a pesquisa, além de apêndices e anexos que oferecem informações adicionais e material de apoio relevante para a compreensão do estudo. Este trabalho é uma contribuição significativa para a educação inclusiva no Brasil, apresentando um olhar crítico e propositivo sobre o ensino da Língua Portuguesa para alunos surdos, enfatizando a necessidade de práticas pedagógicas adequadas e inclusivas que respeitem as especificidades linguísticas e culturais desse público.

2 PERSPECTIVA HISTÓRICA DO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA SURDOS NO BRASIL

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) é oficialmente reconhecida como a língua natural dos surdos, sendo essencial para a comunicação e desenvolvimento linguístico desse público. No entanto, é primordial garantir que os alunos surdos tenham acesso ao ensino da língua portuguesa, em sua forma escrita, a fim de possibilitar o desenvolvimento de habilidades de leitura, escrita e compreensão textual. (KARNNOP,2012).

Como afirma a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que reconhece a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como meio legal de comunicação e expressão dos surdos no Brasil. Apesar do reconhecimento, a Libras não é a segunda língua oficial do país; o português continua sendo a língua oficial, e a Libras é reconhecida como um meio legal de comunicação e expressão.

Ademais, cabe mencionar que antes da Libras ser reconhecida, ao longo do tempo, foram desenvolvidas várias abordagens e métodos para o ensino da língua portuguesa para alunos surdos. Essas abordagens, levam em consideração as características linguísticas e as necessidades educacionais desse grupo. Atualmente, a educação bilíngue tem sido defendida como uma abordagem que reconhece a importância tanto da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) quanto da língua portuguesa. Essa abordagem, permite que os alunos surdos desenvolvam plenamente suas habilidades linguísticas e acadêmicas (CORRÊA,2021)

Cabe ao professor, orientar a análise e a reflexão dos alunos surdos para o ensino da Língua Portuguesa como segunda língua (L2). Como figura central no processo de aprendizagem, o professor deve proporcionar oportunidades para que compreendam a estrutura e as especificidades desta língua, promovendo a análise crítica e a reflexão sobre esses elementos linguísticos.

Segundo, Fernandes, o processo de aprendizagem, cabe ao professor orientar a análise e a reflexão para as questões relevantes veiculadas pelo texto, bem como direcionar o olhar do estudante para aspectos do texto que, sozinho, ele não conseguiria apreender (FERNANDES, 2003).

A afirmação do autor destaca a importância do papel do professor no processo de aprendizagem. Segundo ele, é responsabilidade do professor guiar os alunos na análise e reflexão sobre os aspectos relevantes de um texto, bem como direcionar sua atenção para elementos que eles não seriam capazes de perceber sozinhos.

Além disso, o professor deve ter a habilidade de facilitar a compreensão do texto, usando estratégias de ensino adequadas, como fazer perguntas estimulantes, fornece exemplos adicionais e explicações claras. Quando o aluno surdo sabe língua de sinais, com a ajuda do intérprete de Libras, essas ações ajudam os alunos a desenvolverem habilidades de análise, reflexão e compreensão crítica, promovendo uma aprendizagem mais completa e significativa.

Em suma, a abordagem destacada por Fernandes ressalta a importância do professor como mediador do processo de aprendizagem, pois é através de sua orientação e direcionamento que os alunos podem alcançar um entendimento mais profundo e significativo do texto.

Isso pode ser feito por meio de atividades que estimulem a reflexão sobre a gramática, a estrutura da língua, o contexto sociocultural em que ela é utilizada e a compreensão do significado em diferentes contextos. Além disso, o professor pode incentivar discussões e análises de textos em língua portuguesa, ajudando os alunos surdos a compreenderem como a língua é usada em diversos contextos comunicativos. Utilizando estratégias inclusivas e de fácil percepção visual.

O professor também pode orientar os alunos surdos, a fazerem comparações com a língua de sinais, quando pertinente, e a refletirem sobre as diferenças e semelhanças com vistas a aproximar a aquisição entre as duas línguas. Isso contribuirá para que os alunos desenvolvam uma compreensão metalinguística e se tornem mais conscientes das estruturas linguísticas da língua portuguesa.

O ensino da Língua Portuguesa como segunda língua (L2) para alunos surdos, é bastante complexo devido a diversos fatores. Primeiramente, a língua portuguesa é uma língua oral-auditiva, o que pode representar um desafio para alunos surdos que utilizam a língua de sinais como sua língua primária. Além disso, a estrutura gramatical e fonológica da língua portuguesa é muito diferente da língua de sinais, o que pode tornar o processo de aprendizagem mais desafiador (CORRÊA, 2021)

Dessa forma, os alunos surdos precisam aprender a Língua portuguesa como uma língua visual-espacial, utilizando recursos visuais para compreender e expressar a linguagem. Grannier (2002) relata que pode ser mais fácil para um surdo aprender a escrita do chinês, que possui uma escrita ideográfica que representa ideias, do que a escrita do português, que representa unidades sonoras.

Podemos destacar como principal diferença entre as unidades sonoras da língua portuguesa e a Libras. A língua portuguesa possui unidades sonoras, como fonemas e sílabas, para transmitir significado. Possui também, um sistema de escrita alfabético, onde cada letra representa um som específico.

Já na Libras, utilizamos unidades visuais, como sinais e parâmetros, para transmitir significado. Nosso sistema de comunicação é visual-espacial, que utiliza a combinação de mãos, braços, rostos, expressões, movimentos e corpo para transmitir significado. Temos nossa estrutura gramatical própria, que é diferente da língua portuguesa. Essas diferenças são fundamentais para entender como as duas funcionam e como podem ser ensinadas e aprendidas de forma eficaz.

Por todos os motivos examinados acima, ensinar português a surdos (assim como, para o surdo, aprender português-por escrito) é uma tarefa sem paralelos. Requer empenho excepcional, metodologia especial, condições gerais e um tempo que nem sempre são encontrados (GRANNIER, 2002, p. 5).

Ao discutirmos as produções escritas destes discentes, o docente pode identificar os pontos fortes e as dificuldades linguísticas encontradas, fornecendo orientações direcionadas para aprimorar a compreensão e a expressão escrita em Língua Portuguesa. Lembrando que a sequência normal da escrita na língua portuguesa, quando se fala de termos essenciais da oração, é sujeito-verbo-objeto (SVO). Essa ordem é considerada a mais natural e, geralmente, a mais clara para o entendimento. Já na Libras é permitido variações na ordem dos elementos, dependendo do contexto e da ênfase que se pretende dar à frase. A topicalização, que é a colocação de um elemento no início da frase para destacar sua importância, é uma forma de variar a ordem dos elementos. Em algumas situações, o objeto pode vir antes do sujeito, ou o sujeito pode ser omitido. Também podem ter concordância com o sujeito ou com o objeto, como acontece com os verbos em português, que concordam com o tempo da ação. A gramática da Libras é diferente da gramática do português, sendo uma língua visual e gestual, e não falada.

O aprendiz de português como L2, diferentemente do aprendiz de português como L1, chega à aula sem saber falar a língua portuguesa e precisa, por essa razão, de um ensino com uma abordagem e uma metodologia adequadas para a aprendizagem de tudo o que constitui essa língua (GRANNIER, 2014, p. 15, grifo nosso).

Abaixo, segue um quadro ilustrativo, mostrando as variações da Libras, referente a sinalização de frases S-V-O, O-S-V e S-O-V.

Variações na Língua Brasileira de Sinais		
Sujeito	Verbo	Objeto
		
Macaco	Gosta	Banana
Objeto	Sujeito	Verbo
		
Banana	Macaco	Gosta
Sujeito	Objeto	Verbo
		
Macaco	Banana	Gosta
FONTE: ABNT. Capovilla - 2017		

Para superar esses desafios, é importante que os professores tenham conhecimento das características e necessidades dos alunos surdos em relação a língua, a identidade e cultura surda, bem como uma formação específica em ensino de Língua Portuguesa como segunda língua para alunos surdos. Além disso, estratégias de ensino que incluam recursos visuais a atividades práticas e interação em grupo podem ser fundamentais para facilitar a aprendizagem da língua portuguesa como L2 para alunos surdos.

Também, é essencial que haja uma parceria e colaboração entre professores de português como L2 e intérpretes de língua de sinais para garantir que os alunos tenham acesso a uma educação linguística que respeite suas necessidades e potencialidades (CORRÊA, 2021).

Segundo Karen Strobel, ressalta a importância de se promover situações em que os estudantes surdos escrevam sem o modelo do professor. Como qualquer estudante, eles necessitam ser desafiados a escrever, a experimentar, a errar e a refletir sobre seus erros. A leitura e a discussão das produções dos estudantes surdos são estratégias importantes para favorecer a reflexão linguística no ensino da língua portuguesa como segunda língua (L2). (STROBEL, 2016)

Ao lerem e discutirem textos produzidos pelos alunos, o professor e os próprios estudantes têm a oportunidade de analisar e compreender as estruturas linguísticas da língua portuguesa, além de refletir sobre questões de gramática, vocabulário, coesão e coerência. O ensino da gramática vai se dar quando os alunos estiverem usando a língua (PEREIRA, 2011).

Além disso, as discussões em sala de aula permitem que os alunos compartilhem suas experiências e estratégias de linguagem, ampliando o repertório linguístico de todos. Em outras palavras, o conhecimento de mundo e de língua elaborado na Língua Brasileira de Sinais permitirá que os estudantes surdos vivenciem práticas sociais que envolvem a escrita e, deste modo, constituam o conhecimento da Língua Portuguesa (PEREIRA, 2011).

Não poderia deixar de enfatizar o papel dos tradutores intérpretes de Libras que desempenham uma função fundamental em aulas tanto para os alunos surdos, quanto para os ouvintes; facilitando a compreensão e a comunicação entre pessoas surdas e ouvintes. Eles auxiliam na tradução do conteúdo ministrado pelo professor, possibilitando que o aluno surdo tenha acesso à informação e participe ativamente das atividades em sala de aula. (GRESSER, 2023)

Além disso, os intérpretes de Libras também atuam como mediadores culturais, ajudando a superar as barreiras linguísticas e contribuindo para a inclusão dos alunos surdos no

ambiente escolar. Eles tornam possível que o aluno surdo tenha acesso à língua portuguesa como segunda língua, o que é essencial para o seu desenvolvimento acadêmico e social. (STROBEL,2016)

Nesse interim, o apoio dos intérpretes de Libras é essencial para tornar o ensino de língua portuguesa mais acessível e eficaz para os alunos surdos, garantindo que eles tenham as mesmas oportunidades de aprendizado que os demais estudantes. A parceria entre tradutores intérpretes de Libras e professores de língua portuguesa é fundamental para promover a inclusão e o sucesso acadêmico dos alunos surdos (STROBEL,2016)

Dessa forma, outro fato importante de ser analisado é que educação e tecnologia caminham juntas, mas unir as duas é uma tarefa que exige preparo do professor dentro e fora da sala de aula. Ao mesmo tempo em que oferece desafios e oportunidades, o ambiente digital não pode tornar-se um empecilho para o aprendizado. Ainda sobre esse aspecto, cabe ao educador fazer inclusão de conteúdo pertinente à disciplina ministrada, de modo que os discentes têm ficado cada vez mais conectados, assim, professores têm repensado suas metodologias e as maneiras mais eficazes de manter a atenção dos estudantes.

Segundo, Barros comenta que que a tecnologia possa ser utilizada de maneira a facilitar a absorção de um conteúdo, não descarta a responsabilidade do professor, que tem o papel de personalizar este meio, a fim de conseguir melhores resultados quanto a compreensão do conteúdo por seus discentes (BARROS, 2018).

Nessa perspectiva, o autor defende a ideia de que se por um lado o uso das novas tecnologias tem seus méritos, o acesso à todas estas ferramentas, conteúdos digitais e os diversos recursos que as novas tecnologias proporcionam ainda se revela uma tarefa desafiadora.

Assim, cabe ao professor este papel, ou seja, o de adequar-se às estas ferramentas usando-as a seu favor apoiando-se nas políticas públicas e procurando equilibrar-se no papel de mediador do conhecimento no de ensino-aprendizagem. Aprender depende da motivação e este novo jeito de ensinar pode ser a chave para o sucesso na criação do conhecimento.

Dito isso, essas novas práticas pedagógicas estão em um fazer pedagógico voltado a educação digital, ao se apropriar do conhecimento que demanda as novas tecnologias, estamos vivenciando um novo contexto histórico, social e cultural de nossa escola, precisamos nos adaptar à realidade e a educação perpassa por esse viés de constante transformação. Isso envolve inclusão como bem aponta FERREIRA (2005, p. 44):

[...] uma filosofia que valoriza diversidade de força, habilidades e necessidades [do ser humano] como natural e desejável, trazendo para cada comunidade a oportunidade de responder de forma que conduza à aprendizagem e do crescimento da comunidade como um todo, e dando a cada membro desta comunidade um papel de valor.

Logo, a verdadeira educação inclusiva é aquela que procura valorizar e defender os princípios e valores éticos que formam os ideais de cidadania e justiça. No contexto da escola esses princípios e valores tendem a influenciar sobretudo nas práticas pedagógicas capazes de contemplar o estudante em sua peculiaridade, durante o processo de ensino e aprendizagem, assim como apropriar das mudanças socioculturais que adentram o chão da escola e que precisam ser vivenciadas. Desse modo, MANTOAN (2003, p. 15) cita que: A escola não pode continuar ignorando o que acontece ao seu redor. Não pode continuar anulando e marginalizando as diferenças – culturais, sociais, étnicas – nos processos pelos quais forma e instrui os alunos. Afinal de contas, aprender implica ser capaz de expressar, dos mais variados modos, o que sabemos; implica representar o mundo a partir de nossas origens, de nossos valores e sentimentos.

É preciso se pensar uma nova educação, que a escola ande em conformidade com as novas possibilidades de construção do conhecimento, baseando o processo ensino aprendizagem a educação digital na perspectiva da educação inclusiva.

O trabalho com os professores que atuam no primeiro ano do ensino médio e lecionam a disciplina Língua Portuguesa, perpassam pelo processo da formação e diálogo, contribuindo para um novo olhar para essa realidade educacional que não pode ser negligenciada, principalmente no contexto atual em que se predominam no campo da comunicação e aprendizado as ferramentas tecnológicas. (CHIOFI, 2014, p78).

Desse modo, faz-se necessário frisar que ação docente deve ser pautada por fundamentos esclarecedores dos benefícios e malefícios do uso da tecnologia, cabendo ao profissional desenvolver o processo de planejamento e ação em favor da aprendizagem significativa de uma forma geral e ampla. CHIOFI (2014). O autor também afirma que:

Escola tem um compromisso social e pedagógico com a formação do educando, cabendo a responsabilidade de mediar o conhecimento dos alunos. Para tanto, há a necessidade de que os envolvidos estejam preparados para essa realidade que invade a vida social e a própria prática educativa escolar CHIOFI (2014 p.333).

É importante salientar que é necessária urgência na formação dos docentes, além das estruturas fundamentais garantidas no processo educativo, para a promoção da dinâmica escolar, de forma mais qualitativa e significativa, melhorando a qualidade no ensino dos professores e nas aprendizagens dos estudantes com o uso dos recursos tecnológicos em especial se tratando da educação inclusiva (LEITE, 2020, p2(3)).

Esta formação deve incluir o conhecimento sobre a surdez, a língua de sinais, estratégias de ensino e adaptações curriculares para atender às necessidades específicas desses alunos. Além disso, é essencial que os professores estejam cientes das dificuldades que os surdos enfrentam e sejam capacitados para promover um ambiente inclusivo e acolhedor em sala de aula.

A formação dos docentes para o ensino da língua portuguesa como L2 para alunos surdos é fundamental para garantir que esses alunos tenham acesso a uma educação de qualidade e possam desenvolver suas habilidades linguísticas e comunicativas de forma efetiva. STROBEL (2016)

Por isso, é importante que as instituições de ensino e os órgãos responsáveis pela formação de professores invistam nessa capacitação, proporcionando cursos, workshops e materiais de apoio que possam qualificar os docentes para atender às demandas da educação inclusiva. Somente assim será possível garantir o direito à educação e à inclusão social desses alunos.

2.1 Marco das Políticas públicas e da legislação relacionadas ao ensino de alunos surdos

Intencionalidades políticas, ideológicas e econômicas fizeram suas demarcações, ou seja, “[...] as políticas públicas educacionais estão ancoradas nos aspectos sociais e culturais de um determinado universo” COSTA (2014, p. 26). A contextualização dos marcos legais e políticos da educação de surdos obedece a uma linha do tempo demarcada nos seguintes períodos da história do nosso país: Brasil Império, República Velha, Era Vargas, Período Democrático, Ditadura Militar e a atual República Nova. PIETZAK (2023) analisa a educação de surdos no Brasil do período Imperial (1855) até os dias atuais, mas percebe que em momentos específicos é preciso buscar no contexto internacional os aspectos políticos e marcos legais que também perpassam a educação de surdos.

No período Brasil Império, é importante destacar que a linha do tempo do percurso da educação de surdos no Brasil remonta a emigração do professor surdo francês, E. (Ernest ou Eduard) Huet, oriundo do Instituto de Surdos de Paris, no ano de 1852. ROCHA (2008) disserta que em 1855, Huet apresentou a D. Pedro II, um relatório revelando o plano de fundar um estabelecimento escolar para surdos em nosso país.

As atividades do Instituto iniciaram em 1856 como uma instituição privada e um ano depois, em 1857, o Instituto passa a ser financiado pelo governo. Sendo assim, Dom Pedro II inaugurou o Instituto Imperial de Surdos-Mudos no Brasil (hoje Instituto Nacional de Educação de Surdos), em 26 de setembro de 1857. (STROBEL, 2009, p.25).

Em 1880, no Congresso de Milão, na Itália, definiu-se o Oralismo como a abordagem exclusiva utilizada na educação de surdos. Tais prerrogativas logo chegaram ao Brasil, influenciando a metodologia de ensino do Instituto Nacional de Educação de Surdos-Mudos. O Oralismo tem uma visão clínica/médica, enfatiza a fala e objetiva a reabilitação do surdo, STROBEL (2009).

A educação de alunos surdos no Brasil tem avançado ao longo das últimas décadas, impulsionada por um conjunto de políticas públicas e marcos legislativos que visam garantir o acesso e a permanência desses estudantes no sistema educacional. A Constituição Federal de 1988 foi um ponto de partida crucial, ao assegurar no seu artigo 205 que "a educação é um direito de todos e dever do Estado e da família".

Um dos marcos mais relevantes na legislação brasileira foi a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes gerais para a educação no Brasil. A LDB reconhece a importância da educação especial, afirmando que "a educação especial deverá ser oferecida, preferencialmente, na rede regular de ensino" (Brasil, 1996, Art. 58). Esse princípio tem promovido a inclusão de alunos surdos nas escolas regulares, embora ainda existam desafios significativos para sua efetiva implementação. STROBEL (2009).

Em 2008, o Decreto nº 6.571, que regulamenta a LDB, veio a reforçar a necessidade de formação específica para professores que atuam com alunos com deficiência auditiva, enfatizando que a educação bilíngue (Libras e Língua Portuguesa) é uma das abordagens recomendadas para o ensino de surdos. Segundo a Educação Bilíngue Ministério da Educação (MEC), "a Libras é reconhecida como a língua da cultura surda e a língua Portuguesa é ensinada como segunda língua" (Brasil, 2008).

Ainda nesse contexto, a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, instituída pela Resolução CNE/CEB nº 2/2001, reforça a educação inclusiva como princípio orientador das práticas educativas e deve ser integralmente aplicada à educação de alunos surdos. Essa resolução enfatiza a importância de "assegurar as condições necessárias para o atendimento educacional especializado" (BRASIL, 2001).

A Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015) também se destaca como um marco nessa jornada. Em seu Art. 28, essa legislação afirma que "a educação é um direito de todos e deve ser assegurada em todos os níveis de ensino", ressaltando que "o sistema educacional deve garantir a formação de professores capacitados e a oferta de recursos de acessibilidade" (BRASIL, 2015).

Contudo, apesar dos avanços legais, a implementação efetiva dessas políticas ainda enfrenta desafios, como a falta de capacitação dos professores, a escassez de materiais didáticos adequados e o preconceito por parte da sociedade. De acordo com um estudo da UNESCO, "a inclusão educacional não se traduz apenas na presença física do aluno surdo na sala de aula, mas em condições que garantam sua participação efetiva no processo de aprendizagem" (UNESCO, 2017).

O texto acima apresenta um panorama histórico e contextualizado da educação de surdos no Brasil, destacando como as intencionalidades políticas, ideológicas e econômicas moldaram as políticas públicas educacionais ao longo do tempo. A citação de Costa (2014) reforça a ideia de que a educação não é um fenômeno isolado, mas profundamente entrelaçada com os aspectos sociais e culturais de uma sociedade específica, sugerindo que a educação de surdos, assim como outras áreas, é influenciada por um conjunto de fatores históricos e sociais.

A delimitação de períodos relevantes da história brasileira – desde o Império até a atual República Nova – é uma abordagem que permite entender as transformações e continuidades na educação de surdos. A menção a figuras históricas como Ernesta Huet e o estabelecimento do Instituto Imperial de Surdos-Mudos em 1857 são fundamentais para reconhecer os primeiros esforços sistematizados de inclusão e educação de surdos no Brasil. Este momento marca um importante passo na institucionalização da educação para esse público, sinalizando um reconhecimento social e governamental da necessidade de atender às especificidades da população surda. (BRASIL,2001)

A influência do Congresso de Milão de 1880 e a adoção do Oralismo na educação de surdos no Brasil é um ponto crítico mencionado, pois representa a imposição de uma visão médica e reabilitadora sobre a surdez, limitando o uso da Língua de Sinais e reforçando estigmas em torno da condição surda. Essa abordagem teve profundas implicações na formação dos estudantes surdos, em sua identidade e na forma como a sociedade os percebe. O Oralismo, na sua essência, prioriza a função da fala, muitas vezes desconsiderando a língua de sinais como uma forma válida e rica de comunicação. (BRASIL,2001).

O Congresso de Milão de 1880 foi um marco crucial na história da educação de surdos e teve repercussões significativas em várias partes do mundo, incluindo o Brasil. A adoção do Oralismo, defendida neste congresso, trouxe uma mudança radical na abordagem pedagógica voltada para surdos, enfatizando a habilidade de fala em detrimento da Língua de Sinais. Essa perspectiva refletia uma visão médica e reabilitadora, que via a surdez não apenas como uma condição fisiológica, mas como um déficit a ser superado. (BRASIL,2001).

No contexto brasileiro, essa imposição resultou em um ensino altamente limitado e na marginalização das culturas e identidades surdas. O uso da Língua de Sinais, que é uma rica forma de comunicação e expressão cultural, foi desconsiderado e, em muitos casos, reprimido nas escolas. Isso não só prejudicou o desenvolvimento linguístico e acadêmico dos estudantes surdos, mas também afetou sua identidade, pois foram incentivados a se adaptar a um modelo de normalidade que não contemplava suas realidades. (BRASIL,2001).

O Oralismo frequentemente reforçou estigmas em torno da surdez, perpetuando a ideia de que os surdos eram pessoas "Deficientes" que precisavam ser "corrigidas" ou "educadas". Esse paradigma ignorou as necessidades e capacidades dos surdos, deslegitimando suas experiências e modos de comunicação. Como resultado, a sociedade passou a vê-los através de uma lente negativa, como indivíduos incapazes de contribuir plenamente, o que ainda ecoa em algumas percepções contemporâneas.

Além disso, a abordagem oralista ignora a importância da cultura surda e da Língua de Sinais como pilares fundamentais para a construção da identidade surda. A comunicação em sinalização não é apenas um meio de transmitir informações, mas também uma forma de expressão cultural que carrega histórias, valores e modos de interação que são intrínsecos à experiência surda.

Com o tempo, esforços vêm sendo feitos para resgatar a valorização da Língua de Sinais e promover uma educação bilíngue, que reconhece e respeita tanto a Língua de Sinais quanto a língua portuguesa, buscando uma inclusão real e uma valorização da identidade surda. Contudo, os ecos do Oralismo ainda são sentidos e as lutas por uma educação inclusiva e respeitosa continuam em curso. (BRASIL,2001).

Assim, os autores nos convidam a uma reflexão crítica sobre a evolução das políticas educacionais voltadas para pessoas surdas, reconhecendo que a trajetória é marcada por êxitos e limitações, e enfatiza a importância de um olhar atento às intenções subjacentes que moldam essas políticas. À medida que a educação inclusiva e bilíngue ganha espaço na discussão contemporânea, é essencial revisar e reconsiderar legacias do passado, aprendendo com os erros e acertos para promover uma educação que respeite e valorize a cultura surda, suas línguas e identidades.

Abaixo estão quadros comparativos sobre os acontecimentos marcantes na educação de surdos desde a Lei de Salamanca até os dias atuais, incluindo autores relevantes e suas contribuições para a temática e com alguns dos principais autores que discutem o ensino da língua portuguesa e o ensino de LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais).

QUADRO COMPARATIVO SOBRE OS ACONTECIMENTOS MARCANTES DA EDUCAÇÃO DE SURDOS			
ANO/PERÍODO	ACONTECIMENTO	DESCRIÇÃO	AUTORES/RELEVÂNCIA
1994	Declaração de Salamanca	Nesta conferência, foi estabelecido o compromisso de promover a educação inclusiva, reconhecendo a importância da inclusão de alunos com necessidades especiais, incluindo surdos, no sistema educacional.	UNESCO - A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) promoveram a declaração, defendendo um modelo educacional inclusivo.
1996	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)	A LDB garantiu aos surdos e alunos com deficiência o acesso à educação em condições de igualdade e estabeleceu a educação especial como modalidade do ensino.	BRASIL** - A LDB (Lei 9.394/96) é um marco legal que consolidou a política de inclusão no Brasil.
2002	Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva	Essa política reforça o direito à educação inclusiva e visa a formação de professores capacitados para atender alunos surdos	Ministério da Educação (MEC) - Elaborou diretrizes para a educação inclusiva, impactando diretamente a formação educacional de surdos
2005	Acordo de Lisboa	A conferência reafirmou a importância das línguas de sinais e da	Conferência Internacional** - Enfatizou a necessidade de políticas públicas que respeitem a cultura surda e suas línguas.

		educação bilíngue para surdos, promovendo uma maior valorização das identidades surdas	
2008	Definição das diretrizes para a Educação de Surdos	O MEC publicou orientações para a educação de surdos, incluindo a recomendação de uma formação bilíngue (Língua Brasileira de Sinais e Português).	A publicação contribuiu para a normatização da educação bilíngue no Brasil, com foco na inclusão e na formação de professores.
2015	Base Nacional Comum Curricular (BNCC)	A BNCC incluiu a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como parte do currículo escolar, reforçando a educação bilíngue e os direitos educacionais dos surdos	A proposta oferece um referencial para garantir os direitos linguísticos e educacionais dos alunos surdos nas escolas.
2020	A Comissão de Educação da Câmara dos Deputados	Debate sobre a importância de políticas públicas que garantam a educação de qualidade para surdos, além de abordar as dificuldades impostas pela pandemia (COVID-19)	Diversos autores e especialistas - O debate trouxe à tona a necessidade de adaptações e ações emergenciais para garantir o acesso à educação durante a pandemia

2021	Movimentos reivindicações contínuas e	Organizações de defesa dos direitos dos surdos continuam lutando por inclusão, acessibilidade e valorização da cultura surda no Brasil, incluindo a defesa de intérpretes de Libras em ambientes escolares	Associação Brasileira de Surdos (ABS) e outras entidades - Atuam ativamente na promoção dos direitos dos surdos, abordando a necessidade de uma educação de qualidade e inclusiva
------	---------------------------------------	--	---

Fonte: Pesquisa bibliográfica – 2025

A trajetória da educação de surdos no Brasil, desde a Lei de Salamanca até os dias atuais, reflete um movimento contínuo em busca da inclusão e respeito à identidade surda. A luta pela educação bilíngue e pelos direitos linguísticos é central e requer a continuidade de políticas públicas que garantam a efetivação desses direitos. A participação ativa de especialistas, como sociólogos, educadores e representantes da comunidade surda, é fundamental para promover avanços e garantir que a educação inclusiva se torne uma realidade.

Abaixo está um quadro comparativo com alguns dos principais autores que discutem o ensino da língua portuguesa e o ensino de LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) para alunos surdos, incluindo os anos de publicação de seus respectivos trabalhos.

Autor	Obra	Ano de Publicação	Foco/Contribuições
ASCENSÃO, José de Oliveira.	A Língua Portuguesa na Educação de Surdos	2015	Discute a integração da Língua Portuguesa e LIBRAS no ensino.
ALMEIDA Maria Teresa de Jesus.	LIBRAS: História, Ensino e Práticas	2013	Historiografia da LIBRAS e sua aplicação pedagógica.
ALMEIDA.S.C RÚBIA	Técnicas de Ensino de LIBRAS e Língua Portuguesa	2019	Metodologias que favorecem a aprendizagem das duas línguas.

KARNOPP, Lourdenir Becker	Libras e Educação: um desafio possível	2008	Discute a integração da Língua Portuguesa e LIBRAS no ensino.
FERREIRA, R. M	Ensino de Libras: Principais conceitos e práticas	2016	Historiografia da LIBRAS e sua aplicação pedagógica.
GOMES, Moacir.	Educação Bilíngue e Surdez	2008	Defende a abordagem bilíngue na educação de surdos, enfatizando o uso da Libras e do Português como segunda língua.
LIMA. Heloisa Helena de.	Língua Brasileira de Sinais e Inclusão Escolar	2011	Foca na inclusão de alunos surdos e o papel da LIBRAS no ensino.
LIMA, G. S	A educação bilíngue: Libras e Língua Portuguesa	2015	Historiografia da LIBRAS e sua aplicação pedagógica.
MANTOAN, Maria Teresa Egler	Inclusão escolar: o que é?	2003	Historiografia da LIBRAS e sua aplicação pedagógica.
OLIVEIRA, Silvana de.	O Ensino da Língua Portuguesa a Surdos	2020	O Ensino da Língua Portuguesa a Surdos.
OLIVEIRA, Edna Maria de	Educação de Surdos"	2014	Aborda metodologias e práticas para o ensino de surdos.
QUADROS, Ronice Muller de.	Libras: A Língua de Sinais e o Ensino	2004	Discute a integração da Língua Portuguesa e LIBRAS no ensino.
SALOMÃO, Ronaldo.	Ensino da língua portuguesa para alunos surdos: desafios e perspectivas.	2019	Discute a integração da Língua Portuguesa e LIBRAS no ensino.
SOUZA, Cláudia de.	A Língua Portuguesa na Educação de Surdos"	2012	Explora metodologias específicas para o ensino de Português a alunos surdos, destacando a importância da contextualização.
SOUZA, Cláudia de.	Libras e o Ensino de Português	2017	Investiga a relação entre Libras e o ensino do Português, propondo

			práticas que integram ambas as línguas no ambiente escolar.
STROBEL, Karin Lilian.	Libras: A Língua Brasileira de Sinais	2006	Historiografia da LIBRAS e sua aplicação pedagógica.

Fonte: Pesquisa- 2025

3. ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA ALUNOS SURDOS: Abordagens na LDB e na BNCC

Notadamente o ensino da língua portuguesa para alunos surdos representa um desafio significativo que requer uma abordagem pedagógica diferenciada e inclusiva. A inclusão dos surdos no sistema educacional brasileiro é um tema amplamente debatido, sendo fundamental entender as particularidades desse público para facilitar a aquisição da língua portuguesa, tanto na sua forma escrita quanto oral.

Ademais falar sobre a temática no que diz respeito ao ensino de alunos surdos é de grande relevância nas discussões pedagógicas atuais, especialmente quando se considera a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Esses documentos orientam a construção de uma educação inclusiva, que respeite as especificidades de cada aluno e promova o desenvolvimento integral.

A BNCC, por sua vez, enfatiza a importância de respeitar a diversidade linguística e cultural dos alunos. De acordo com a BNCC, o ensino deve promover "a valorização da língua e da cultura de cada aluno" (Brasil, 2017). A inclusão de alunos surdos em contextos de ensino da Língua Portuguesa deve considerar suas especificidades, utilizando estratégias que articulem a Libras e o Português, como a tradução e interpretação de textos, a utilização de vídeos e recursos visuais, entre outros.

O Caderno de Diretrizes para a Educação Bilíngue de Surdos, que complementa a LDB e é respaldado pela BNCC, afirma que "o bilinguismo deve ser uma diretriz para o ensino de surdos, possibilitando que o aluno navegue confortavelmente entre sua língua materna e a escrita da língua portuguesa" (Brasil, 2018). Isso reforça a ideia de que o professor deve atuar como um mediador, criando um ambiente de aprendizado que favoreça a interação e a comunicação.

O texto referente ao Caderno de Diretrizes para a Educação Bilíngue de Surdos destaca aspectos fundamentais para o ensino de surdos, enfatizando a importância do bilinguismo como uma estratégia de ensino. Ao mencionar que o bilinguismo deve ser uma diretriz, fica evidente que a educação para surdos deve valorizar tanto a língua de sinais como a língua portuguesa, permitindo que os alunos possam transitar entre elas de forma fluida e confortável.

Essa abordagem reforça a ideia de que a educação bilíngue não é apenas a mera presença de duas línguas no ambiente escolar, mas sim a criação de um espaço onde essas línguas coexistam e se complementem. O papel do professor como mediador é crucial nessa construção; o educador precisa criar um ambiente propício para a interação e a comunicação, estimulando as habilidades linguísticas dos alunos em ambas as línguas de forma integrada.

Ademais, a referência à BNCC (Base Nacional Comum Curricular) no texto reforça a necessidade de que as práticas pedagógicas estejam alinhadas com uma proposta curricular que valorize a diversidade linguístico-cultural dos alunos surdos. Dessa forma, o ensino se torna mais inclusivo e respeita a identidade e as especificidades de cada aluno, promovendo uma educação mais justa e equitativa.

Em síntese, ela a BNCC ressalta uma abordagem pedagogicamente rica que deve ser adotada pelos educadores, promovendo um ambiente que favoreça a aprendizagem significativa para os estudantes surdos e contribuindo para sua formação integral.

Além disso, as práticas pedagógicas devem ser fundamentadas em metodologias que considerem a experiência e o cotidiano dos alunos, uma vez que "o desenvolvimento da leitura e da escrita é um processo que se dá através da interação social e da vivência" (CUNHA et al., 2019). Nesse sentido, é primordial que as atividades propostas sejam contextualizadas e relevantes para a realidade dos alunos surdos.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, a educação deve ser um direito de todos, promovendo a inclusão dos alunos com deficiência no sistema regular de ensino. No entanto, o acesso à língua portuguesa para o estudante surdo demanda um ensino adaptado que considere a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como língua de uma primeira relação (PEREIRA, 2018).

Segundo o documento, em seu artigo 2º, a educação tem a finalidade de "desenvolver a capacidade de aprender, tendo como base a valorização do conhecimento" e deve "promover a igualdade de condições para o acesso e a permanência na escola". Isso implica que o ensino da Língua Portuguesa para alunos surdos deve ser acessível e adaptado, utilizando diferentes recursos pedagógicos e metodológicos. A comunidade surda possui uma língua própria, a Língua Brasileira de Sinais (Libras), que deve ser reconhecida como a primeira língua dos alunos surdos, enquanto a Língua Portuguesa se apresenta como uma segunda língua a ser aprendida.

A Libras, enquanto veículo de comunicação dos surdos, deve ser valorizada e utilizada como meio mediador no ensino da língua portuguesa. Conforme Salomão (2019), "a Libras não é apenas um suporte para o aprendizado da língua portuguesa, mas sim um instrumento essencial que facilita a compreensão e a produção de textos em português por parte dos alunos surdos". Assim, ao ensinar português, os educadores devem considerar a estrutura da Libras, que possui gramática e sintaxe próprias, promovendo uma transição mais fluida entre as duas línguas.

Além disso, a formação docente é um aspecto crucial para o sucesso desse ensino. O professor precisa compreender as especificidades da surdez e das práticas pedagógicas inclusivas. Segundo Martins (2020), "a capacitação continuada dos educadores é uma condição básica para a melhoria da qualidade do ensino da língua portuguesa entre os alunos surdos". Isso implica não apenas o domínio da língua, mas também uma compreensão das metodologias que melhor atendem a esse público.

A afirmação de que "a capacitação continuada dos educadores é uma condição básica para a melhoria da qualidade do ensino da língua portuguesa entre os alunos surdos" destaca um aspecto fundamental na educação inclusiva. A formação contínua dos educadores não se limita apenas ao domínio da língua portuguesa em si, mas também envolve a compreensão das necessidades específicas dos alunos surdos e a aplicação de metodologias adequadas que levem em consideração a forma como essas crianças e jovens se comunicam e aprendem.

Para que o ensino da língua portuguesa seja efetivo entre os alunos surdos, é necessário que os educadores estejam preparados para trabalhar com diferentes formas de comunicação, como a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e abordagens visuais que ajudem na construção do conhecimento. Além disso, a capacitação continuada permite que os professores fiquem atualizados em relação a novas pesquisas, práticas pedagógicas e recursos didáticos que podem potencializar a aprendizagem.

A formação contínua também promove uma reflexão crítica sobre as práticas educacionais, permitindo que os educadores avaliem o que realmente funciona para seus alunos, possibilitando ajustes e inovações. Assim, a capacitação dos educadores não só assegura que eles tenham as ferramentas necessárias para ensinar a língua portuguesa, mas também garante que respeitem e valorizem a cultura e a identidade dos alunos surdos.

Em suma, o compromisso com a formação contínua dos educadores é crucial para a promoção de um ensino de qualidade que realmente atenda às necessidades dos alunos surdos, contribuindo para sua inclusão e permitindo que se tornem leitores e escritores proficientes em língua portuguesa.

O uso de recursos didáticos adaptados e a aplicação de metodologias que estimulem a interação e a comunicação são fundamentais. Atividades que envolvem jogos, contação de histórias e projetos colaborativos têm se mostrado eficazes para engajar os alunos surdos e facilitar a aprendizagem. Em um estudo com alunos surdos, SILVA e LOPES (2021, 54) destacam que "a interação em atividades práticas, aliada ao uso de Libras, contribui significativamente para a aquisição de vocabulário e a construção de sentido em textos escritos".

Nesse sentido, a comunidade surda deve ser parte do processo educativo, pois é no ambiente familiar e social que as crianças surdas se desenvolvem linguisticamente. É essencial que as famílias sejam incluídas no processo educativo, apoiando tanto o uso da Libras quanto o aprendizado da língua portuguesa.

Em suma, ao tratar do ensino da Língua Portuguesa para alunos surdos, a formação contínua dos educadores é essencial. É necessário que os professores estejam preparados para lidar com as particularidades do bilinguismo e das práticas inclusivas, garantindo, assim, que todos os alunos tenham acesso pleno ao conhecimento e ao desenvolvimento de suas capacidades linguísticas.

3.1 Uso de recursos visuais e tecnológicos para o ensino da Língua Portuguesa para alunos surdos

O ensino da Língua Portuguesa para alunos surdos é um desafio que demanda metodologias inovadoras e recursos que considerem a especificidade dessa população. A utilização de recursos visuais e tecnológicos tem se mostrado uma estratégia eficaz para promover a aprendizagem e facilitar a comunicação.

Os recursos visuais, como imagens, vídeos, gráficos e esquemas, são fundamentais no processo de ensino-aprendizagem dos surdos. Segundo Quadros e Guimarães (2017, p. 85), “a Língua Portuguesa, sendo uma língua majoritariamente oral, apresenta desafios específicos para os surdos. Assim, o uso de recursos visuais é uma maneira de tornar o conteúdo mais acessível e compreensível”. Esses recursos não apenas ajudam na ilustração do conteúdo, mas também permitem que os alunos visualizem conceitos que, de outra forma, poderiam ser abstratos e difíceis de entender.

Além disso, a tecnologia desempenha um papel crucial na educação dos alunos surdos. Aplicativos educacionais, plataformas de ensino online e ferramentas de videoconferência têm possibilitado uma interação mais rica e efetiva. De acordo com Lima (2020, p. 42), “as tecnologias digitais democratizam o acesso ao conhecimento, sobretudo para alunos que aprendem de maneira diferente, como os surdos”. Essas ferramentas permitem, por exemplo, a utilização de legendas, se possível diminuir a velocidade da legenda, facilitando assim a leitura e compreensão do conteúdo mostrado. Vídeos em Língua de Sinais e recursos interativos que mantêm o aluno engajado e motivado. Mas, o ideal mesmo, seria janela do intérprete de Libras no canto inferior do vídeo.

A inclusão de vídeos educativos também é uma estratégia que merece destaque. A utilização de conteúdos audiovisuais, como filmes e documentários legendados ou com

interpretação em Libras, estimula a compreensão e a prática da leitura e escrita da Língua Portuguesa. De acordo com SANTOS (2019, p. 33), “o uso de vídeos com tradução para Libras não apenas oferece acesso à informação, mas também promove a conectividade entre diferentes formas de comunicação, favorecendo a construção de significado”.

A afirmação de Santos (2019) destaca a importância do uso de vídeos com tradução para a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como uma ferramenta que vai além da mera acessibilidade. Ao mencionar que essa prática “oferece acesso à informação”, o autor reconhece que a inclusão de Libras nos vídeos é fundamental para que a comunidade surda possa compreender plenamente o conteúdo apresentado.

No entanto, o valor da tradução para Libras vai além do acesso; ela promove a “conectividade entre diferentes formas de comunicação”. Isso sugere que a interação entre linguagem falada e a linguagem de sinais pode enriquecer a experiência comunicativa, permitindo que diferentes grupos se entendam e compartilhem significados de maneira mais ampla. Essa conectividade pode também contribuir para a sensibilização de pessoas que ouvintes, enfatizando a riqueza da diversidade linguística e cultural. Permite assim, uma maneira igualitária de ensinar um conteúdo que atenda todas as pessoas.

Por fim, a ideia de que essa prática “favorece a construção de significado” implica que a comunicação não é apenas uma troca de informações, mas um processo ativo de criação de sentido, onde as nuances e as especificidades de cada linguagem oferecem camadas adicionais de compreensão. Portanto, o uso de vídeos com tradução para Libras é uma estratégia eficaz para promover não apenas a inclusão, mas também o diálogo intercultural e a valorização das diferentes formas de expressão.

Importante ressaltar que a formação de professores é um aspecto essencial para o sucesso desse processo. Investir em capacitação que inclua o uso de recursos visuais e tecnológicos é fundamental para que educadores possam desenvolver práticas pedagógicas inclusivas. Segundo Heloísa e Fernandes (2021, p. 58.), “formar professores competentes para o uso de novas tecnologias e recursos visuais é um passo crucial para garantir a educação de qualidade para alunos surdos.”

Assim, podemos afirmar que a inclusão dos recursos visuais e tecnológicos no ensino da Língua Portuguesa para alunos surdos não só facilita a aquisição da linguagem, mas também propicia um ambiente de aprendizado mais inclusivo e significativo. O olhar atento às necessidades desses alunos e a implementação de metodologias diversificadas são passos essenciais para uma educação mais igualitária e eficaz. (HELOISA e FERNANDES, 2021).

Em se tratando da aprendizagem que é um processo pelo qual competências, habilidades, conhecimentos, comportamento ou valores são adquiridos ou modificados, como resultado de estudo, experiência, formação, raciocínio e observação principalmente em relação ao aluno surdo, este processo se dá pela forma como este compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura, principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais (Libras). Diante do exposto, (DANTE 2019, p.34) ressalta que:

É a conduta ou ação do professor num conjunto de tarefas educativas na sala de aula regular, intentando a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais, com vistas a promover uma educação que acolha a todos, independentemente das diferenças. A educação passa por transformações com desafios a serem enfrentados pelas escolas.

A citação de Dante (2019) ressalta a importância da atuação do professor na promoção da inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais em sala de aula regular. Esse papel é crucial, pois vai além da mera adaptação de conteúdos; envolve uma prática pedagógica que valoriza as diferenças e busca acolher cada estudante em seu processo de aprendizagem.

A menção às transformações e desafios enfrentados pelas escolas destaca que a inclusão não é um processo simples, mas requer formação contínua dos educadores, colaboração entre profissionais e um ambiente escolar que suporte a diversidade. Isso implica também em uma reflexão sobre as metodologias de ensino, a organização do espaço escolar e a criação de um clima de respeito e aceitação, podem contribuir para uma aprendizagem prazerosa. (SKLIAR,2009).

Esse movimento em direção a uma educação inclusiva se alinha a conceitos mais amplos de cidadania e equidade, buscando garantir que todos os alunos tenham acesso a oportunidades de aprendizagem significativas. Portanto, a responsabilidade do professor vai além de suas ações em sala, englobando um compromisso ético e social com a educação inclusiva e a promoção de um ambiente que valorize as singularidades de cada aluno. Essa abordagem é essencial para construir uma sociedade mais justa e igualitária.

O ensino da Língua Portuguesa para alunos surdos apresenta desafios únicos que podem ser superados com a incorporação de recursos visuais e tecnológicos. A utilização de tais ferramentas não apenas facilita a compreensão do conteúdo, mas também promove uma experiência de aprendizado mais rica e inclusiva.

A Surdez, conforme afirmado por SKLIAR (2009), não deve ser vista apenas como uma limitação, mas como uma condição que exige adaptações no processo de ensino-aprendizagem. A Língua de Sinais (Libras) é a primeira língua dos surdos, e o uso de recursos visuais pode servir como um elo entre a Linguagem de Sinais e a Língua Portuguesa. Segundo

SANTOS (2016), "o uso de imagens, vídeos e outros recursos multimídias favorece a construção de significados e facilita o entendimento de conteúdos teóricos e práticos."

Os recursos visuais, como quadros ilustrativos, vídeos legendados e animações, também são essenciais para a cognitividade dos surdos. De acordo com Mendonça e Almeida (2018, p. 45), "a visualização de conceitos e a contextualização de palavras através de elementos gráficos estimulam a compreensão e a memorização, facilitando a aquisição do vocabulário em Língua Portuguesa." Além disso, a utilização de narrativas visuais, como histórias em quadrinhos ou vídeos educativos, pode favorecer a integração de saberes e contextos culturais relevantes para os alunos.

É importante destacar que a formação de professores deve incluir a capacitação em metodologias que integrem esses recursos de forma eficaz. Como ressaltam Barboza e Silva (2017, p.56), "os educadores precisam estar preparados não apenas para usar a tecnologia, mas para mediá-la, reconhecendo as especificidades da aprendizagem dos alunos surdos."

Ademais todos têm o direito de estar e de aprender na escola e todos os estudantes têm direito à diferença sempre que houver necessidade de alguma diferenciação para garantir participação e aprendizagem, ou seja, se todos são diferentes entre si, precisa-se simultaneamente diversificar e diferenciar.

Desta forma propor estratégias pedagógicas diversificadas e potencialmente adequadas para trabalhar com um grupo heterogêneo e, ao mesmo passo, propor diferenciações em termos de desafios e apoios, sempre que necessário, para garantir igualdade de oportunidades no processo de escolarização.

Ainda se tratando deste aspecto no que diz respeito efetivar essa pedagogia inclusiva requer não apenas um professor capacitado, mas também tempo de planejamento, recursos materiais e humanos, trabalho colaborativo entre profissionais e entre escola e família e uma cultura escolar inclusiva dentro e fora da sala de aula. De acordo com MARTINHO, 2016, p.67 o autor ressalta que:

Depende de uma prática que envolva múltiplos atores em uma perspectiva sistêmica, essa realidade pode parecer um tanto distante da realidade das escolas brasileiras, por isso, nessa complexa engrenagem, o que se deve ter em mente é que, a questão é compreender que a mudança não é linear e que o processo de transformação se dá a partir de pequenas ações, que ocorrem simultaneamente e desencadeiam mudanças nas práticas, na organização dos sistemas de ensino e na cultura educacional.

O autor nos leva a refletir sobre a complexidade do processo de mudança na educação, especialmente no contexto das escolas brasileiras. Ele enfatiza que a transformação educacional não ocorre de maneira linear, mas sim por meio de uma rede de interações e ações que envolvem

diversos atores, como professores, gestores, alunos e a comunidade. Isso ressalta a importância de uma abordagem sistêmica, em que cada elemento atua em relação aos outros, promovendo um efeito acumulativo nas práticas educativas.

Esse entendimento é fundamental porque muitas vezes, as iniciativas de reforma ou melhoria na educação são concebidas como ações isoladas ou de cima para baixo, sem considerar a dinâmica do ambiente escolar e as múltiplas relações que nele se estabelecem. Martinho (2021) sugere que, ao invés de buscar grandes mudanças de uma só vez, é mais eficaz focar em pequenas ações que podem se interligar e gerar impactos significativos ao longo do tempo.

Além disso, ele nos convida a valorizar a cultura educacional existente nas escolas, reconhecendo que cada contexto possui suas particularidades e desafios. A mudança, portanto, deve ser sensível a esses fatores e buscar um engajamento coletivo que respeite a realidade local. Essa perspectiva contribui para uma educação mais inclusiva e adaptada às necessidades da comunidade, garantindo que a transformação seja não apenas desejada, mas também possível e sustentável.

Em suma, a combinação de recursos visuais e tecnológicos consubstancia uma abordagem pedagógica inovadora e inclusiva no ensino da Língua Portuguesa para alunos surdos. A adaptação do ambiente de aprendizado e a diversificação de metodologias são fundamentais para garantir que todos os alunos tenham acesso ao conhecimento.

3.2 Currículo, ensino em sala de aula para alunos surdos

A educação de alunos surdos no Brasil enfrenta desafios significativos, sendo fundamental a elaboração de um currículo inclusivo que atenda às necessidades específicas desses estudantes. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) são dois documentos fundamentais que orientam a prática pedagógica e as políticas educacionais voltadas para a inclusão de alunos com deficiência, incluindo aqueles com surdez.

A LDB, em seu Artigo 58, estabelece que “a educação especial, preferencialmente, em sistema educacional inclusivo, é uma modalidade de educação que deve ser oferecida em todos os níveis de ensino.” Essa diretriz enfatiza a importância da inclusão dos alunos surdos nas salas de aula regulares, promovendo o acesso ao conhecimento e à aprendizagem em condições de igualdade. Para que essa inclusão seja efetiva, é imprescindível que o currículo seja adaptado e que os professores sejam capacitados para atender às especificidades desses alunos.

O referido documento versa acerca de um ponto crucial para a promoção da inclusão educacional no Brasil, enfatizando a educação especial dentro de um sistema inclusivo. Essa abordagem destaca não apenas a necessidade de integrar os alunos com deficiência, como os surdos, no ambiente escolar regular, mas também a obrigação da sociedade e das instituições de ensino em garantir que essa inclusão aconteça de maneira efetiva e significativa.

A inclusão de alunos surdos nas salas de aula regulares é um reflexo de um compromisso mais amplo com a equidade e a diversidade na educação. No entanto, essa inclusão não se resume à simplesmente colocá-los na mesma sala que os demais alunos; requer um ajuste profundo nas práticas pedagógicas e no currículo. Para isso, a adaptação do currículo é fundamental, pois é preciso garantir que o conteúdo seja acessível e relevante para todos os alunos, respeitando seu ritmo e estilo de aprendizagem. Isso pode incluir a utilização de recursos visuais, a oferta de materiais em Libras (Língua Brasileira de Sinais) e o desenvolvimento de atividades que incentivem a participação ativa de todos os alunos. (MARTINHO,2021).

Além das adaptações curriculares, a capacitação dos professores é um aspecto imprescindível para garantir o sucesso da inclusão. Os educadores precisam estar preparados para entender as necessidades específicas dos alunos surdos, desenvolver estratégias de ensino que promovam a interação e a colaboração entre todos os alunos, e superar barreiras comunicativas que possam surgir no dia a dia escolar. Isso significa que as instituições devem investir em formações continuadas e em práticas de sensibilização que ampliem a compreensão sobre a surdez e a importância da inclusão.

A BNCC, por sua vez, estabelece diretrizes que visam garantir a formação integral do estudante, levando em consideração as diversidades. No que diz respeito aos alunos surdos, a BNCC destaca a importância da Libras (Língua Brasileira de Sinais) como primeira língua dos surdos e como meio essencial para o processo de ensino-aprendizagem. De acordo com a BNCC, “o ensino de Libras deve ser garantido em todos os níveis de ensino, com o objetivo de promover a acessibilidade e a inclusão” (BRASIL, 2017, p58).

Além disso, o documento propõe que as práticas pedagógicas sejam interdisciplinares e que respeitem o ritmo de aprendizado de cada aluno. Isso é especialmente relevante para alunos surdos, que muitas vezes enfrentam barreiras na comunicação e na compreensão de conteúdos apresentados em uma língua que não é sua primeira. Nesse sentido, os Professores devem desenvolver estratégias e práticas que possibilitem a efetiva participação dos alunos surdos, assegurando o direito à educação de qualidade. (BRASIL,2017).

A formação inicial e continuada dos professores é um ponto chave para a eficácia do ensino em sala de aula. É essencial que os educadores tenham conhecimento sobre a surdez, as

diferentes formas de comunicação e as abordagens pedagógicas inclusivas. Segundo Mendes (2018, p.62), “a capacitação dos docentes para o atendimento às diversidades de aprendizagem é um passo fundamental para a construção de um ambiente educacional inclusivo que atenda a todos os estudantes”.

Em suma, a articulação entre a BNCC e a LDB é crucial para a elaboração de um currículo que respeite a identidade e a cultura dos alunos surdos. É a partir da conscientização e da capacitação dos educadores que se pode promover um ensino eficaz e inclusivo, garantindo que todos os alunos tenham acesso a uma educação de qualidade. (BRASIL,2017).

A educação de alunos surdos é um desafio que exige uma abordagem curricular adaptada e estratégias de ensino específicas. A construção de um currículo eficaz para alunos surdos deve considerar as particularidades da língua de sinais e as necessidades comunicativas desse público. Segundo a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), "todo aluno tem direito à educação de qualidade, e isso inclui o acesso ao currículo numa linguagem que compreenda" (UNESCO, 2009).

Ademais, a inclusão em sala de aula é uma questão que envolve toda a comunidade escolar. O trabalho em equipe, que envolve professores, profissionais da educação especial, pais e alunos, é vital para criar um ambiente acolhedor e cooperativo, onde as diferenças sejam respeitadas e valorizadas.

Um currículo inclusivo deve promover a aprendizagem por meio de metodologias que respeitem a diversidade linguística e cultural dos alunos surdos. A Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) deve ser reconhecida como uma língua plena, e sua inclusão no currículo escolar é fundamental. Como ressalta Bittencourt (2015, p.39), "a LIBRAS não deve ser vista apenas como um recurso auxiliar, mas como uma língua de instrução que possibilita a construção do conhecimento".

A prática pedagógica deve ser centrada em estratégias que favoreçam a comunicação e a interação entre alunos ouvintes e surdos. O ensino colaborativo, que envolve a participação ativa de todos os alunos, pode proporcionar um ambiente de aprendizado mais inclusivo e dinâmico. De acordo com a pesquisa realizada por Santos e Almeida (2018, p.59), "a interação entre alunos surdos e ouvintes enriquece o processo de ensino-aprendizagem, promovendo a troca de experiências e conhecimento".

Além disso, é fundamental que os educadores estejam capacitados para atender às necessidades dos alunos surdos. A formação continuada dos professores é um aspecto crucial para garantir que as práticas pedagógicas sejam adequadas e sensíveis às especificidades da surdez. Segundo SKLIAR (2006, p.64), "a formação de professores para a inclusão deve

abranger tanto a compreensão das diferenças como o desenvolvimento de competências para o ensino".

A utilização de recursos multimídia e tecnologias assistivas também pode ser uma aliada no processo de ensino de alunos surdos, uma vez que esses instrumentos podem facilitar a compreensão dos conteúdos e ampliar o acesso à informação. Como afirmam Araújo e Costa (2020), "as tecnologias podem ser utilizadas para criar material didático que atenda às diferentes formas de aprendizagem, favorecendo assim um ambiente mais inclusivo".

Em suma, o currículo e o ensino em sala de aula para alunos surdos requerem uma abordagem inclusiva que valorize a Língua de Sinais, promova a interação entre alunos de diferentes habilidades e capacite os educadores para atuar de forma efetiva. Ao respeitar e integrar as especificidades dos alunos surdos no processo educativo, é possível contribuir para a construção de uma sociedade mais equitativa e inclusiva. SKLIAR (2006, p.64).

3.3 O Papel do Intérprete de Libras no processo de ensino aprendizagem do aluno surdo em relação a L2

A inclusão de alunos surdos no ambiente escolar é um processo que demanda atenção e especialização. Nesse contexto, o intérprete de Libras (Língua Brasileira de Sinais) desempenha um papel fundamental no ensino e na aprendizagem desses estudantes, servindo como mediador entre a língua de sinais e a língua portuguesa. Para compreender a importância desse profissional, é necessário considerar o histórico da sua criação e o arcabouço jurídico que o ampara.

Historicamente, a figura do intérprete de Libras começou a ganhar destaque no Brasil a partir da década de 1990. Com a Conferência Mundial de Educação para Todos, realizada em Jomtien, na Tailândia, em 1990, houve um movimento global que ressaltou a importância da educação inclusiva. No Brasil, esse novo olhar refletiu-se na necessidade de garantir que os alunos surdos tivessem acesso à educação de qualidade, adequada às suas necessidades linguísticas e comunicativas. A presença do intérprete se tornou essencial para que a comunicação em sala de aula fosse efetivar.

A Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) foi uma das primeiras regulamentações que trouxeram reconhecimento e diretrizes para a atuação do intérprete. No entanto, foi com a publicação da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que a Libras foi oficialmente reconhecida como língua e, conseqüentemente, iniciou-se um maior suporte para os profissionais que a traduzem. Além disso, a Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010, regulamentou a profissão

do Intérprete e Tradutor de Libras, estabelecendo quais são as suas atribuições e requisitos de formação.

A função do intérprete de Libras no ambiente escolar vai além de simplesmente traduzir o que o professor diz. Ele atua como mediador, ajudando a construir pontes entre dois mundos linguísticos e culturais. O intérprete deve ter um conhecimento profundo não apenas da Libras, mas também do conteúdo curricular e das especificidades da comunicação com alunos surdos. Com essa habilidade, ele facilita a participação ativa do aluno surdo em atividades de aprendizagem, contribuindo para que ele se sinta parte integrante da turma.

Além disso, o trabalho do intérprete de Libras também envolve a promoção de uma cultura de respeito e inclusão. Ele auxilia professores e colegas de classe a entenderem melhor as características e necessidades dos alunos surdos, promovendo um ambiente harmonioso e colaborativo. Essa interação mútua é vital para o desenvolvimento social e emocional do aluno, que se vê respeitado e valorizado, o que é essencial para o seu aprendizado.

Em resumo, o intérprete de Libras é um profissional indispensável no contexto escolar inclusivo. Desde sua formalização no Brasil até as leis que regulamentam sua atuação, esse profissional desempenha um papel crucial na educação de alunos surdos. Sem ele, a comunicação e a participação plena desses alunos seriam comprometidas. Portanto, reconhecer o valor do intérprete de Libras é um passo fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva, onde todos possam desfrutar do direito à educação de forma equitativa.

O papel do intérprete de Libras (Língua Brasileira de Sinais) no processo de ensino-aprendizagem de alunos surdos é fundamental para a construção de um ambiente educacional inclusivo e eficaz. Conforme destaca o educador e pesquisador José Lima (2015, p. 59), "o intérprete atua como um mediador cultural e linguístico, facilitando a comunicação entre o aluno surdo e o restante da comunidade escolar". Essa função vai além da simples tradução; envolve também a adaptação do conteúdo de forma que o aluno compreenda plenamente o que está sendo ensinado.

Além disso, a presença do intérprete é crucial para garantir que o aluno surdo participe ativamente das atividades, sejam elas acadêmicas ou sociais. Segundo Silva (2020, p.71), "a inclusão do intérprete no ambiente escolar promove não apenas a comunicação, mas também a valorização da cultura surda, contribuindo para o desenvolvimento da identidade do aluno". Isso é particularmente importante, pois a educação não é apenas um ato de transmissão de conhecimento, mas também uma experiência que envolve a socialização e a construção de relacionamentos.

É imprescindível que o intérprete possua não apenas habilidades linguísticas em Libras, mas também formação e conhecimento pedagógico. De acordo com OLIVEIRA (2018, p.72), "um intérprete bem-preparado consegue captar as nuances do diálogo, interpretar não apenas palavras, mas também os contextos e as emoções subjacentes, promovendo uma aprendizagem mais significativa". Dessa forma, a atuação do intérprete deve ser vista como uma colaboração entre diferentes profissionais da educação, buscando sempre o melhor para o aluno surdo.

Em suma, o papel do intérprete de Libras é multifacetado e essencial, sendo crucial para a construção de um ambiente educacional verdadeiramente inclusivo. Como afirma Freire (1996, 25), "a educação deve ser uma prática de liberdade", e, para que isso ocorra, é necessário que todas as vozes, incluindo as dos alunos surdos e de seus intérpretes, sejam ouvidas e respeitadas no processo educativo.

A presença do intérprete de Língua Brasileira de Sinais (Libras) no ambiente escolar é fundamental para favorecer a inclusão e garantir o acesso à educação de qualidade para alunos surdos. Este profissional atua como um mediador linguístico e cultural, possibilitando que o aluno surdo compreenda não apenas as informações transmitidas em sala de aula, mas também o contexto cultural que envolve a Língua Portuguesa, sua segunda língua (L2).

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, 1996), a educação deve ser inclusiva e atender a todos os alunos, respeitando suas singularidades. O intérprete, portanto, desempenha um papel crucial, uma vez que a língua utilizada pelo aluno surdo é a Libras, enquanto a língua oficial do país e do ambiente escolar é o Português. Como salienta QUIRINO (2012, p29), "o intérprete de Libras tem a função de tornar acessível o conteúdo curricular, interpretando as aulas e intervenções dos professores em Libras, o que possibilita a comunicação efetiva".

Além de atuar como um tradutor entre as línguas, o intérprete deve também estar atento às diferenças culturais que permeiam a interação entre ouvintes e surdos. Conforme destacado por OLIVEIRA e SOARES (2019, p.39), "o intérprete não é apenas um transmissor de informações; ele é um agente da inclusão que ajuda a construir pontes entre mundos comunicacionais diferentes". Essa função amplia o acesso do aluno surdo não só ao conteúdo escolar, mas também ao desenvolvimento de habilidades sociais e de comunicação.

Outro aspecto importante a ser considerado é a formação e a atuação do intérprete de Libras. Segundo XAVIER (2020, p.58), "é fundamental que o intérprete possua formação específica que inclua tanto o conhecimento profundo de Libras como a Língua Portuguesa". Essa formação garante que o profissional possa intervir de maneira eficaz, garantindo que o

aluno surdo compreenda o conteúdo abordado e possa, assim, desenvolver sua competência em Língua Portuguesa de forma mais significativa.

Além disso, a atuação do intérprete de Libras deve ser integrada ao planejamento pedagógico. Segundo LIMA e SILVA (2021, p.45), "o professor deve trabalhar em colaboração com o intérprete para que haja um alinhamento entre as estratégias utilizadas para o ensino de L2 e as necessidades do aluno surdo". Tal colaboração é essencial para que se possa criar um ambiente de aprendizagem que favoreça a construção do conhecimento e o desenvolvimento da língua.

Assim, o intérprete de Libras se configura como um elemento essencial no processo de ensino e aprendizagem do aluno surdo, não apenas como um facilitador da comunicação, mas também como um promotor da inclusão e do desenvolvimento linguístico em Língua Portuguesa. Seu papel é fundamental para garantir que os alunos surdos tenham acesso equitativo a um currículo educacional que respeite suas especificidades e ofereça oportunidades de aprendizado significativas.

3.4 Desafios e limitações do ensino da língua portuguesa para surdos no Ensino Médio

O ensino da língua portuguesa para alunos surdos no Ensino Médio apresenta uma gama de desafios e limitações que precisam ser cuidadosamente abordados. Essa questão se torna ainda mais complexa quando consideramos a diversidade das necessidades educacionais desse público.

Um dos principais desafios é a falta de formação específica dos professores. Segundo a pesquisa de DANTAS e MENDES (2021, p.62), "a maioria dos educadores não possui formação em Libras e, portanto, enfrenta dificuldades para estabelecer uma comunicação efetiva com os alunos surdos." Esse cenário gera uma barreira na transmissão do conteúdo, dificultando o processo de ensino-aprendizagem. É fundamental que os educadores tenham acesso a cursos e capacitações que incluam a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como parte do currículo formativo, garantindo uma formação mais inclusiva e efetiva.

Outro ponto crítico é a necessidade de materiais didáticos ajustados às especificidades dos alunos surdos. De acordo com SILVA (2020, p.59), "o desenvolvimento de materiais que considerem a cultura surda e suas linguagens é essencial para engajar os alunos no aprendizado da língua portuguesa." A falta de recursos pedagógicos adequados muitas vezes leva à desmotivação e à dificuldade de compreensão dos conteúdos, uma vez que esses alunos podem ter formas de aprender diferentes dos ouvintes.

Além disso, a estrutura curricular do Ensino Médio, muitas vezes, não contempla a inclusão de práticas pedagógicas que valorizem a cultura surda. SANTOS (2019, 76) destaca que “é preciso que a educação bilíngue seja uma realidade nas escolas, respeitando a Libras como primeira língua do aluno surdo e o português como segunda.” Essa abordagem bilíngue não apenas facilita a aprendizagem da língua portuguesa, mas também promove o reconhecimento e a valorização da identidade surda.

Por fim, a falta de acompanhamento e apoio psicológico para os alunos surdos no Ensino Médio pode dificultar ainda mais o processo educativo. RODRIGUES (2022, p.68) menciona que “o suporte emocional é crucial para garantir que os alunos se sintam parte do ambiente escolar, evitando a exclusão e o abandono.” Estabelecer um ambiente escolar inclusivo não se limita apenas ao ensino de conteúdos, mas envolve também o cuidado com a saúde mental e o bem-estar dos alunos.

Em síntese, o ensino da língua portuguesa para alunos surdos no Ensino Médio enfrenta desafios significativos, como a formação dos professores, a adequação de materiais didáticos, a estrutura curricular e o suporte emocional. Abordar essas questões é essencial para promover uma educação realmente inclusiva e de qualidade, garantindo que todos os alunos tenham a oportunidade de desenvolver suas habilidades linguísticas e serem plenamente integrados ao ambiente escolar.

A educação de alunos surdos no Brasil enfrenta diversos desafios, especialmente no que tange ao ensino da língua portuguesa. Esses desafios não se limitam apenas ao aspecto linguístico, mas englobam também questões pedagógicas, sociais e culturais. A Formação de Professores, a falta de recursos didáticos adequados e a necessidade de um apoio psicológico são algumas das limitações que perpetuam essa realidade.

A língua portuguesa, sendo uma língua oral e escrita, apresenta dificuldades intrínsecas para os alunos surdos, que têm como primeira língua a Libras (Língua Brasileira de Sinal). Segundo Quadros e Karnopp (2004, p.85), "os surdos desenvolvem suas habilidades linguísticas em um contexto diferente daqueles que ouvem, o que exige métodos de ensino diferenciados". Portanto, o desafio principal reside na intersecção entre Libras e o português escrito, onde a compreensão e produção textual se tornam tarefas complexas.

Ademais, muitos educadores reportam que a dificuldade na escrita também é um reflexo da escassez de estratégias didáticas que considerem as peculiaridades do aprendiz surdo. Como ressalta a pesquisa de SANTOS (2018, p.64), "o ensino da língua portuguesa para surdos não pode ser pensado apenas como um recurso de tradução da língua de sinais, mas deve ser uma abordagem integrada que considere suas peculiaridades linguísticas".

O ensino da língua portuguesa para alunos surdos no Ensino Médio enfrenta uma série de desafios e limitações que impactam significativamente o processo de aprendizagem e a inclusão desses estudantes. De acordo com Lacerda (2023), um dos principais obstáculos se refere à falta de formação específica de professores, que muitas vezes não possuem o conhecimento adequado sobre a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e as necessidades linguísticas dos surdos. Isso resulta em práticas pedagógicas que não contemplam as singularidades do processo de aquisição da língua, limitando a efetividade do ensino.

Além disso, Lodi (2023) destaca que as abordagens tradicionais de ensino da língua portuguesa muitas vezes não são aplicáveis no contexto da educação de surdos. A estrutura gramatical da língua portuguesa é bastante diferente da Libras, o que exige uma adaptação meticulosa do conteúdo. Os alunos surdos, ao lidarem com uma língua que não é a sua primeira, enfrentam dificuldades em compreender nuances, expressões idiomáticas e contextos de uso que são próprios da língua falada. Essa diferença estrutural torna o ensino da língua portuguesa um grande desafio.

Segundo, Fernandes (2020) complementa essa reflexão ao afirmar que a falta de materiais didáticos adequados e acessíveis é uma limitação significativa. Muitos dos recursos utilizados nas escolas não levam em consideração as especificidades dos alunos surdos, o que dificulta ainda mais a aprendizagem. A utilização de materiais que integrem a Libras e o português escrito pode facilitar a compreensão, mas esses materiais ainda são escassos nas escolas. (FERNANDES, 2020, p.56).

Por fim, é imprescindível que se busque um modelo educacional que contemple a inclusão real dos alunos surdos no Ensino Médio, promovendo estratégias que respeitem suas particularidades linguísticas e culturais. Isso envolve a capacitação dos educadores, a criação de materiais didáticos específicos e uma abordagem pedagógica que valorize a Libras como língua de instrução e comunicação.

Outro ponto crucial é a formação de professores. Muitos docentes não são treinados adequadamente para lecionar a língua portuguesa para surdos. De acordo com SOARES (2016, p.56), "a maioria dos professores de línguas não possui conhecimentos aprofundados sobre a surdez e as metodologias inclusivas, o que compromete a qualidade do ensino". Essa falta de formação específica pode levar à adoção de práticas pedagógicas que não atendem às reais necessidades dos alunos surdos.

A escassez de materiais didáticos adaptados é uma limitação significativa no ensino da língua portuguesa para surdos. Segundo Lima e Ferreira (2019, p.25), "os recursos disponíveis muitas vezes não contemplam a diversidade linguística e cultural dos alunos surdos,

o que dificulta o aprendizado". Além disso, a infraestrutura das escolas nem sempre garante acessibilidade, limitando ainda mais a participação dos alunos surdos nas atividades escolares.

A citação de Lima e Ferreira (2019) evidencia um ponto crucial na discussão sobre a educação de alunos surdos: a necessidade de recursos que respeitem e reflitam a diversidade linguística e cultural dessa população, muitas vezes, os materiais didáticos e os métodos pedagógicos utilizados nas escolas não são adaptados para atender às especificidades da língua de sinais e às nuances culturais dos surdos. Isso não só compromete a qualidade do aprendizado, mas também a formação de uma identidade positiva e fortalecida desses alunos.

Além disso, a falta de infraestrutura adequada nas escolas cria barreiras adicionais que podem limitar a participação efetiva dos alunos surdos nas atividades escolares. A acessibilidade deve ser considerada em todos os aspectos, desde a arquitetura das instalações até o treinamento dos profissionais de educação para que possam oferecer um ambiente inclusivo e adaptado às necessidades dos surdos. (SOARES, 2016, p.49).

Portanto, para que a educação inclusiva se torne uma realidade, é fundamental que as escolas, as políticas públicas e a sociedade como um todo trabalhem em conjunto para garantir que todos os alunos, independentemente de sua condição auditiva, tenham acesso a recursos que promovam um aprendizado efetivo e uma participação plena nas comunidades escolares. Isso requer não apenas uma revisão dos materiais e metodologias, mas também um compromisso com a formação contínua dos educadores e a melhoria da infraestrutura escolar.

Os aspectos psicossociais também desempenham um papel fundamental na formação e no aprendizado dos alunos surdos. Muitas vezes, o estigma e a exclusão social impactam negativamente a autoestima e a motivação desses estudantes. De acordo com Oliveira e Silva (2020), "é essencial promover um ambiente escolar acolhedor que valorize a cultura surda e incentive a aprendizagem da língua portuguesa de forma positiva e construtiva".

O ensino da língua portuguesa para alunos surdos no Ensino Médio é um campo repleto de desafios e limitações. Para que esse processo seja eficaz, é imprescindível que haja uma formação adequada para os professores, o desenvolvimento de recursos didáticos apropriados e uma abordagem pedagógica que valorize a língua de sinais enquanto primeira língua do estudante. A superação desses desafios deve ser encarada como uma necessidade urgente para garantir o pleno acesso à educação de qualidade para todos os alunos.

4 METODOLOGIA

4.1 Lócus da Pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida após aprovação do CEP/UEMA, nas escolas estaduais Centro de Ensino Dr. Geraldo Melo, localizada rua Gama Lobo, s/n rua 16, bairro: Cohab Anil IV e Centro Educa Mais Estefânia Rosa da Silva, localizada rua dezoito, s/n conjunto habitacional turu em São Luís – MA, ambas localizadas na cidade de São Luís, Estado do Maranhão, na zona urbana. Ela foi feita com base na abordagem qualitativa, desenvolvida como pesquisa colaborativa, na qual a pesquisadora atuou como colaboradora no contexto das referidas escolas, envolvendo professores de Língua Portuguesa que possuem alunos surdos matriculados nelas e intérpretes de Libras que atuam nas referidas turmas.

Deste modo, o presente estudo buscou mais do que descrever o ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa, uma vez que a pesquisadora estava inserida ao longo da pesquisa neste processo, aproximando-se de pessoas, situações, locais e eventos típicos do local de pesquisa, de maneira a entender que os significados que caracterizam o mundo social são constituídos pelo homem, em um processo de interpretação e reinterpretação de sua experiência. (HORIKAWA, 2008).



Fonte: Pesquisa de campo-2025



Fonte: Pesquisa de campo-2025

A escola fica localizada na zona urbana da cidade de São Luís, no endereço rua Gama Lobo, s/nº rua 16 – bairro: Cohab Anil IV. A escola é de ensino médio subordinada a SEDUC – MA do Governo do Estado do Maranhão, funciona nos turnos matutino e vespertino, não é escola de turno integral. Possui 10 salas de aula, uma quadra poliesportiva, um auditório com capacidade para 120 pessoas, um pátio, uma cozinha e banheiros masculinos e femininos. Uma sala de professores e banheiro dos professores unissex. Conta ainda com uma biblioteca e uma sala de Atendimento Educacional especializado. A escola tem uma Gestora geral e uma adjunta.



Fonte: Pesquisa de campo-2025

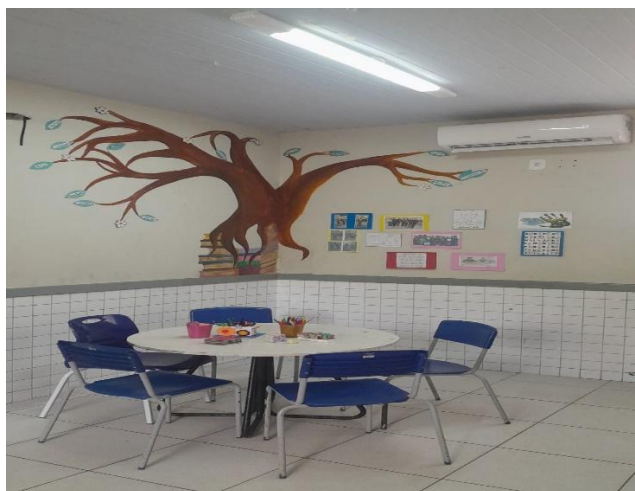
A outra escola fica localizada na zona urbana da cidade de São Luís, no endereço rua dezoito, s/n conjunto *habitacional turu*. A escola é de ensino médio subordinada a SEDUC – MA do Governo do Estado do Maranhão, funciona em tempo integral. Possui 10 salas de aula, uma quadra poliesportiva, não possui auditório, possui um pátio, onde algumas atividades coletivas, acontecem nesse pátio. Possui uma cozinha e 6 banheiros masculinos e 6 banheiros femininos. Uma sala de professores e banheiro dos professores unissex, dentro da sala. Conta

ainda com uma biblioteca que possui condições precárias e uma sala de Atendimento Educacional especializado, que funciona a contento. Possui uma Gestora geral, uma gestora pedagógica e uma gestora administrativa. Possui ainda 3 coordenações, de humanas, de linguagem e da Natureza. Possui 24 professores em seu quadro e 55 funcionários no geral, entre todas as funções.



Fonte: pesquisa de campo - 2025

O horário de entrada dos alunos é 7:30h eles seguem direto para suas salas de aula, por volta das 9:10h e depois se direcionam para a sala de aula para continuar com as aulas e atividades. Por volta das 12h, é servido o almoço e após o almoço os alunos ficam pelo pátio e retornam às aulas 13:20h. por volta das 15:30h é servido o lanche. Após o lanche, os alunos voltam para a sala de aula e são liberados 17h para irem para suas casas.



Fonte: pesquisa de campo-2025

A proposta da escola de tempo integral, é trabalhar com disciplina eletivas, projetos e clubes (xadrez, futebol, dança, música...) As disciplinas dos clubes são apresentadas e disponibilizadas no início do ano e os alunos se inscreve para cursar o ano todo.

4. 2 População e Amostra

Participaram do estudo dois professores de Língua portuguesa, dois intérpretes de Libras, dois alunos surdos com a participação de colegas de turma na ocasião de desenvolvimento de atividades didáticas em sala. A pesquisadora atuou como professor observador que observou na forma colaborativa dando apoio ao processo de escolarização dos alunos surdos nas turmas de ensino comum.

4.3 Entrevista professoras de Língua Portuguesa

No que diz respeito a melhor dinamização do resultado da pesquisa, optou-se num resultado a título discursivo com enfoque no resultado a partir dos questionamentos feitos as professoras de forma contextualizada. Foram feitas 10 perguntas com questionário em anexo. Aqui você encontrará uma análise de forma geral não sendo preciso enumerar as perguntas e sim colocou-se o resultado da pesquisa contextualizando as respostas da professora.

“Uma análise que buscou interpretar as respostas dos participantes de maneira contextualizada não apenas enriquece a compreensão dos dados, mas também promove um diálogo mais relevante entre teoria e prática, permitindo que as vozes dos entrevistados sejam ouvidas de forma mais autêntica” (SOUZA, 2022, p. 45).

No Centro de Ensino Dr. Geraldo Melo



Profa. W a professora entrevistada aqui nomeada com W, trabalha há 08 anos nesta escola, efetiva do quadro de professores, tem 48 anos de idade e possui a seguinte formação acadêmica. Letras/ inglês, Pedagogia e Psicopedagogia. Entre os anos de 2010 e 2011 a professora fez um curso de Libras por intermédio da sua mãe que estava fazendo curso de Libras pela rede municipal de ensino e conseguiu uma vaga para ela. Ela finalizou o curso básico de Libras com a carga horária de 80h e recentemente por sentir necessidade uma vez que já trabalha com alunos surdos há um bom tempo resolveu fazer também uma Pós em Educação Inclusiva e um curso básico de Libras para melhor atender seus alunos surdos.

Ela é responsável por ensinar a Língua Portuguesa nas subdivisões gramática, Literatura, Produção Textual e Letramento. Em 2024, ela recebeu duas alunas surdas, sendo que uma das alunas logo foi transferida para outra escola, devido a mudança de endereço da família, mudando para uma escola mais próxima da sua nova residência, ficando somente uma aluna que seguiu todo ano letivo.

A docente, ao saber das suas novas alunas surdas, se preocupou, pois, havia feito um curso de Libras em 2010/2011 e como não havia mais praticado, estava receosa em relação a comunicação, porém, ao iniciar as aulas e conhecer as discentes, conheceu também as Intérpretes de Libras, duas intérpretes que se revezavam durante a comunicação entre surdos e ouvintes.



Discente D

e F



A sala de aula é composta de 40 alunos, entre eles as duas alunas surdas discente D e F e os demais ouvintes. A professora W, ao chegar na sala de aula e cumprimentar os alunos, também cumprimentava suas alunas surdas através de sinais básicos de cumprimentos.

Oi, bom dia, tudo bem! E bem-vindas!

As aulas acontecem no turno matutino, das 7:10h até 12:45h, tendo 6 aulas por dia. No primeiro dia de aula, a professora W se apresentou em Libras, fazendo seu nome em datilologia e seu sinal em Libras. As alunas ali sentiram uma felicidade pela professora se apresentar e manter um breve diálogo em Libras. Dessa maneira a docente, se mostrou acessível e inclusiva, mostrando as duas alunas surdas que elas eram bem-vindas tanto na escola, quanto nas suas aulas de língua portuguesa.

Durante seus planejamentos, a professora, se preocupava em atender a necessidade de todos os educandos e se empenhava em planejar uma aula bem ilustrativa e dinâmica. Utilizava vídeos com imagens e a tecnologia para facilitar a aprendizagem.



As intérpretes de Libras Z e Y também ajudavam a professora em relação às particularidades da pessoa surda.

Diante do exposto, Paulo Freire, que enfatiza a importância da inclusão e do diálogo na educação: "A educação deve ser um ato de transformação e não apenas de transmissão de conteúdo." Essa citação reflete a preocupação da docente em acolher suas alunas surdas e estabelecer uma comunicação efetiva, reconhecendo a riqueza da diversidade presente na sala de aula e buscando criar um ambiente inclusivo.

A professora W relatou que a rede escolar investe na capacitação/ formação dos professores, já tiveram algumas palestras e formações sobre educação inclusiva e com a ajuda das Intérpretes de Libras houve algumas oficinas de Libras na escola.

Ela relatou que, mais ou menos 4 meses de início das aulas a aluna D, pediu transferência devido a mudança de residência da sua família. Antes da professora W iniciar o ano letivo, passou por um processo de luto, devido a perda da sua mãe, pensou em tirar uma licença e se afastar da sala de aula, porém, depois de muito pensar, resolveu não tirar a licença e continuar trabalhando. O processo todo foi muito difícil, mas com a ajuda dos professores, direção e alunos, ela conseguiu, apesar de ser muito difícil, seguiu em frente.

A escola trabalha com projetos e logo a professora deu início ao de leitura, tendo esse desafio do segundo semestre. Sua carga horária de aula é bem extensa, as aulas duram em média 50 minutos, durante as aulas a professora conseguia ministrar os conteúdos e sempre associar ao projeto às aulas. O projeto foi piloto ela pediu ajuda para todo corpo docente da escola, com todas as disciplinas em prol do mesmo objetivo, produção textual, leitura, escrita e vídeos.

Ela disponibilizou 08 livros paradidáticos com títulos diferentes, onde os alunos, divididos em média de 8 grupos com 5 discentes em cada, escolhiam o livro paradidático e se reuniam para fazer a leitura e estudo de cada livro. A professora W, direcionava cada grupo, de acordo com suas necessidades. Ela registrou alguns momentos das suas aulas, conforme segue algumas fotos abaixo.

"A verdadeira educação não é apenas a transmissão de conhecimento, mas também a capacidade de superar desafios e trabalhar em conjunto para um bem comum." — Paulo Freire
Essa citação reflete a luta da professora W em lidar com seus desafios pessoais enquanto

continua a educar seus alunos e a importância do trabalho colaborativo entre o corpo docente para o sucesso do projeto de leitura.



Fonte: Pesquisa de campo-2025



Fonte: Pesquisa de campo- 2025

Ela destacou a importância fundamental do Intérprete de Libras em sala de aula, especialmente no contexto da inclusão de alunos surdos no ensino de Língua Portuguesa. Ela ressaltou que o profissional supracitado não é apenas um tradutor, mas um mediador que facilita a comunicação entre o professor e o aluno, permitindo que este compreenda as explicações e conteúdo de forma clara e acessível. Essa interação não só favorece a participação ativa do aluno surdo nas atividades, mas também promove um ambiente de aprendizado mais equitativo, onde todos os estudantes têm a oportunidade de se expressar e interagir plenamente. A docente

ênfatizou que o trabalho do intérprete é essencial para garantir que o aluno surdo não se sinta isolado e possa desenvolver suas habilidades linguísticas em conjunto com seus colegas, contribuindo assim para sua formação integral.

Este papel é discutido por Vygotsky quando expõe sobre a ZDP. (Vygotsky, 1987) Como se pode perceber, os diferentes diálogos seriam complementares entre si e poderiam contribuir tanto para a formação de um conceito mais complexo, como para a competência linguística de seu uso, tanto na língua portuguesa como na Libras.

A professora entrevistada ressalta também de forma enfática que falta de formação continuada na área é algo que de certa forma atrapalha o ensino aprendizagem, ou seja, seu trabalho para com o discente surdo, isso se reforça na fala abaixo da docente:

“Gostaria de compartilhar uma reflexão que tem estado presente em minha prática pedagógica. Como professora que trabalha com alunos surdos, tenho percebido que a falta de formação continuada na área da educação bilíngue para surdos tem um impacto significativo no meu trabalho e, consequentemente, no aprendizado dos meus alunos. É inegável que a formação contínua é essencial não apenas para o desenvolvimento profissional, mas também para a nossa capacidade de atender às necessidades específicas de cada aluno. Quando falamos em educação inclusiva e bilíngue, é fundamental que estejamos sempre atualizados em relação às metodologias, recursos didáticos e às novas pesquisas que podem nos ajudar a aprimorar nosso ensino. Muitas vezes, me sinto limitada em minha prática por não ter acesso a uma formação que me proporcione novas ferramentas e abordagens. Isso significa que, sem esse suporte contínuo, posso falhar em oferecer às minhas turmas o ensino de qualidade que tanto desejamos. A comunicação é a base do aprendizado, e a falta de uma formação adequada pode dificultar a interação significativa entre mim e meus alunos surdos. Por isso, enfatizo a importância do investimento em formação continuada. Isso não é apenas um pedido meu, mas uma necessidade para que possamos transformar o ensino e garantir que todos os nossos alunos, independentemente de suas especificidades, tenham acesso a um aprendizado de qualidade. O que buscamos é um ambiente onde os alunos se sintam valorizados e incluídos, e isso só pode ser alcançado quando nós, educadores, estamos bem-preparados”. (Professora W).

A declaração dela vai de encontro ao que diz no Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, o qual garante que as instituições públicas promovam cursos de formação aos professores. O Estado praticamente parou em se tratando de capacitação”. Nesse caso, essa professora teve o interesse de buscar uma formação continuada, ao fazer três cursos na área, mas a iniciativa não partiu da rede estadual, conforme ela diz: **“Eu fiz 03 cursos, mas eu lhe sou sincera eu fiz por interesse meu...”**

Diante do exposto observa-se a seguir um exemplo de dificuldades encontrados por parte dos discentes surdos quando não se tem uma qualificação apropriada no momento do planejamento e acaba por acontecer situações como a relatada a seguir lembrando que foi a professora que relatou tal situação:

“Os estudantes chegam à sala às 13h30 e, depois dos devidos cumprimentos, a aula de Língua Portuguesa teve início. De maneira espontânea e rotineira os estudantes preparam seus cadernos para escrever o texto do quadro. A professora iniciou a aula com o seguinte texto no quadro: Hoje, o dia está bonito, tem sol forte. Pessoas caminham suadas. Sede sentir.

Algumas pessoas têm uma garrafa com água na bolsa. É importante cuidar da saúde no tempo de calor.

Em seguida, ela lê com os estudantes por meio da Libras, porém também oraliza para ajudar a duas alunas que têm resquícios auditivos e usam um aparelho de amplificação sonora individual. No decorrer da leitura os estudantes apresentam dificuldade em sinalizar as seguintes palavras: CAMINHAM-SEDE-SENTIR-GARRAFA-BOLSA-TEMPO. Então ela pede ajuda ao Instrutor que a auxilia nesse momento.”

Esse dado revela o que Lima (2007) diz quando se refere ao fato de a aprendizagem de uma segunda língua está ligada ao input. Isso nos leva a inferir que esses estudantes não tiveram acesso ao léxico da Língua Portuguesa de forma satisfatória. Por essa razão, e vendo a dificuldade dos estudantes, a professora interagiu de forma diferente, exemplificando através de um teatro uma situação diferente da proposta.

Centro Educa Mais Estefânia Rosa da Silva

A outra escola pesquisada denominada Profa. X  a professora entrevistada, ministra Língua Portuguesa no primeiro ano do ensino médio, ela é efetiva da rede, já é aposentada em uma matrícula e falta 02 anos para ela se aposentar dessa atual matrícula. Ela deixou claro que gosta muito de lecionar e sua meta é fazer com que o aluno aprenda e goste de estudar. Sua formação é Letras/Inglês, ela leciona há quase 25 anos.

Sobre trabalhar em uma escola de tempo integral, a professora deixou claro que a demanda é muito grande, existe muita demanda burocrática, pois os professores, além de sala de aula, ainda participam de outras demandas escolares.

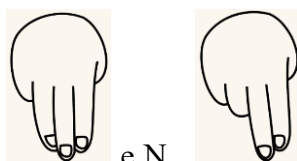
A disciplina Língua Portuguesa, tem uma das cargas horárias mais extensas e ela passa durante a semana 06 aulas. Na sua disciplina, na qual se divide entre literatura, gramática e interpretação de texto e produção textual. Ela não ministra aulas isoladamente, sempre contextualiza e interliga um conteúdo com outro. Suas aulas são adaptadas e para ajudá-la em relação a adaptação, tem a professora da sala de AEE, que ajuda muito com dicas e opiniões sobre adaptação de materiais. As aulas de Língua Portuguesa acontecem, tanto no turno matutino, quanto no turno vespertino.

São trabalhados projetos interdisciplinares e o corpo docente é muito envolvido, comprometido, coeso e unido, sempre ajudam e além de dar aula, ainda fazem papel de acolher, aconselhar, acalmar, tirar alunos de crises de ansiedade, depressão, angústia e tristeza. Apesar da escola não ter problemas com bullying, os alunos “sofrem” com problemas familiares,

financeiros e até amoroso. Isso acaba refletindo no seu comportamento escolar e rendimento também. A instituição de ensino não possui Psicólogos, Terapeutas, Assistente Sociais, Tutores e nem cuidadores. O único profissional que a escola possui são 04 Intérpretes de Libras, que se revezam no atendimento a 02 alunos surdos em séries diferentes.

Sobre o primeiro ano do ensino médio de uma escola integral, é desafiador, pois os alunos, além de se adaptarem à didática de ensino do ensino médio, ainda tem que se adaptar com a dinâmica de uma escola de tempo integral. Pois as demandas, atividades e tempo dentro da escola, são diferentes. Falta uma acolhida com profissionais multidisciplinares, pois os alunos precisam se adaptar. Alguns alunos ao finalizar o ano, mudam de escola, por não se adaptar ao ritmo da escola de tempo integral. Pois a proposta de uma escola de tempo integral é muito mais cansativa.

Ao iniciar o ano letivo, no primeiro ano do ensino médio, possuía 02 alunos surdos,



aqui denominados discentes M e N. Ambos iniciaram pela primeira vez em uma escola de tempo integral. O discente M, frequentou o primeiro semestre e no segundo semestre, foi transferido para outro município. Sua vó ficou doente e sua mãe se mudou para Rosário – MA, porém, a aluna N, continuou na escola e concluiu o primeiro ano do ensino médio.

A professora relatou que a aluna N, falta demais às aulas. Quando ela frequenta, ela participa juntamente com as Intérpretes de Libras. A professora faz adaptação de materiais, incentiva a participação dos alunos de maneira igualitária, a professora frisou bem que é direito do aluno aprender e cada um aprende do seu modo e a seu tempo, sendo respeitado seu direito a materiais adaptados que facilitem sua aprendizagem. A professora X relatou que a aluna mantém um certo distanciamento, ela entende o conteúdo e participa das aulas. Ela já apresentou seminário em Libras e as intérpretes de Libras fizeram a voz, foi um momento incrível e de muito aprendizado para todos. Em relação às avaliações, ela faz geralmente, 10 perguntas 5 objetivas e 5 subjetivas. Quando tem as perguntas subjetivas, a aluna N responde e a professora X consegue entender. A professora explicou que não existe formação na área de educação especial, isso faz falta. Já tiveram algumas palestras com temas variados sobre os tipos de deficiência, mas precisa de mais atenção para o público da educação especial e para os professores que trabalham com alunos com deficiência. Os alunos do primeiro ano, são bem receptivos, mas a aluna N que não se aproxima dos alunos. Fica sempre isolada. Um dos grandes desafios é fazer a aluna frequentar às aulas.

Durante as observações na sala de aula, pude perceber esse isolamento da referida aluna em relação aos demais alunos da turma, percebi que é como ela fizesse as atividades que a disciplina demanda e depois se afasta como se nada estivesse acontecendo. Observei que a aluna N sabe língua de sinais e durante minhas observações ela demonstrou ser bem desenrolada e aprende com facilidade.

Ao conversar com a aluna, ela relatou sua trajetória escolar, explicou que no início, pensou em não estudar, pois sua vida de casada é cheia de responsabilidades. Ela mora com um rapaz surdo que por algumas vezes, devido alguns problemas pessoais a fazem faltar aula. Antes de morar com esse rapaz, há 4 anos atrás, ela morava com sua tia, que até hoje dar muito apoio a ela. Ela não tem filhos e seus pais já faleceram. Ela e o esposo, possuem o Benefício de Prestação Continuada, BPC previsto na Lei Orgânica da Assistência Social – LOAS, é a garantia de um salário-mínimo por mês ao idoso com idade igual ou superior a 65 anos ou à pessoa com deficiência de qualquer idade.

A aluna N possui 24 anos de idade e mora em um bairro próximo à escola, possui passe livre para os ônibus e se desloca na cidade sozinha, tendo independência. Ela possui deficiência desde seu nascimento, a mãe apresentou problemas durante sua gravidez, mas ela não soube explicar, explicou que gosta muito da escola, apesar de ter muitas faltas, ela disse que as pessoas possuem muita paciência com ela muito acolhimento, relatou que na escola as professoras, as Intérpretes de Libras e a professora da sala de recurso, acolhem ela com muito amor e carinho. Ela se sente bem e valorizada, relatou também que a alimentação na escola é muito boa, mas falta um local para descanso dos alunos pós almoço, pois não tem um espaço reservado para ver TV, jogar ou brincar e até mesmo descansar e cochilar, ela imaginava que escola de tempo integral tivesse esse espaço.

A aluna N relatou que a disciplina Língua Portuguesa é difícil, mas a professora X ajuda bastante e as intérpretes também. Ela me relatou que frequenta a sala de Atendimento Educacionais Especializado, a professora é muito paciente e a ajuda muito em relação a contexto de Libras e Língua Portuguesa, em relação a escrita e a leitura e entendimento dos textos. “*A professora X me ajuda muito e amplia minha mente*”. Ela falou que os colegas da sala de aula são bem legais, mas como ela é casada, é melhor manter distância e ter um relacionamento formal.

"A jornada educacional de N é um exemplo inspirador de resiliência e superação. Apesar dos desafios impostos pela sua deficiência, ela encontrou na escola um espaço acolhedor, onde o amor e a paciência das professoras e intérpretes de Libras são fundamentais para seu desenvolvimento. 'A professora X me ajuda muito e amplia minha mente', afirma N,

demonstrando que o apoio adequado pode transformar dificuldades em conquistas. No entanto, sua reflexão também revela a importância de um ambiente escolar mais estruturado, que proporcione momentos de descanso e lazer, vital para o bem-estar dos alunos."

Conversei com a professora da sala de Atendimento Educacional Especializado –



AEE, a professora L ela relatou que a aluna N, é muito inteligente e esperta, aprende as coisas com facilidade, mas a questão das faltas atrapalha no seu desenvolvimento educacional. Ela conversa com a discente e explica a importância de ser assídua à escola para seu desenvolvimento educacional. A mesma quando aparece depois de faltar, explica que teve problemas pessoais e que não teve como ir à escola.

Os atendimentos dela na sala de recursos, flui normalmente, 2 vezes por semana, uma hora cada atendimento. Uma das grandes dificuldades é para desenvolver textos com a aluna Ana. Existem recursos de coleções de livros e ela já fez tipo uma jornada de leitura com a aluna e ela desenvolveu bastante, tendo melhorado ainda mais na escrita de textos.

A professora relatou que gosta muito do trabalho desenvolvido na escola, afirmou também que é contratada e gostaria muito que fosse efetivar do quadro. Seu contrato encerra no final de 2025, após 2 anos de um envolvimento trabalho. Ela fica apreensiva por deixar a escola e os alunos, mas sabe que faz parte e que quer deixar sua marca na educação dos alunos atendidos por ela.



Conversei com a intérprete de C ela falou que a grande dificuldade com a aluna N, são as faltas constantes. Relatou que a aluna é inteligente, esforçada, aprende com facilidade, mas seu histórico de faltas é muito ruim. Durante as aulas, a aluna se concentra e responde as atividades propostas e toda demanda escolar. Falou que a N sabe Língua de Sinais e tem um feedback bom. A intérprete relatou que a professora X, é muito experiente, muito desenvolta, tem muita didática e facilidade em lidar com todos os alunos, por ser comunicativa e descontraída os alunos participam muito das aulas dela. Relatou que as aulas, as atividades, as avaliações e os trabalhos em grupo são bem acessíveis, facilitando assim o aprendizado dos alunos e o trabalho do intérprete, relatou que apesar da “pressão” de trabalhar em uma escola de tempo integral, gosta muito das atividades desenvolvidas durante toda dinâmica da escola. Os alunos são estimulados a estudar, a se desenvolver e a produzir na escola. Ele não leva atividade para casa, tudo é resolvido na escola. Na sua casa, o aluno somente descansa para voltar no dia seguinte.

Conversei com a intérprete C que também acompanha a aluna N e a mesma queixa sobre as faltas da aluna. Ela falou que a aluna é inteligente, esforçada quando está na escola, aprende com facilidade, mas tem muitas faltas. Falou que ela sabe língua de sinais, facilitado assim a assimilação dos conteúdos e desenvolvimento educacional. Falou que ajuda muito a aluna e em relação as atividades que são passadas em sala de aula. Elas respondem juntas na escola mesmo. Algumas vezes quando precisam treinar para apresentar algum trabalho, elas utilizam a sala de recursos multifuncionais.

Diante do que foi relatado afirma-se que "Criar ambientes de aprendizagem inclusivos significa entender que a presença regular e o envolvimento ativo dos estudantes são fundamentais para o seu desenvolvimento. A constância na frequência escolar não é apenas um imperativo educacional, mas um pilar para a construção da trajetória de aprendizado eficaz." (BRASIL, 2016, p. 23).

Eu perguntei para Coordenação Pedagógica sobre a questão das faltas em relação a aluna surda N, sobre reprovação. A coordenação informou que já conversou com a aluna, com a ajuda da intérprete e já conversou com sua tia e o motivo das faltas é um acompanhamento psicológico que ela faz, desde o falecimento da sua mãe. Devido a esse tratamento a mesma não é prejudicada devido às faltas.

Em suma este estudo nos permitiu saber que a educação dos estudantes surdos em geral tem sido não uma responsabilidade do governo, como previsto em decretos e na política de educação nacional, mas a critério dos muitos professores alfabetizadores que independente da deficiência dos estudantes e da situação social, buscam e acreditam que eles devem ter as mesmas oportunidades. Os dados deste estudo revelam que não há incentivo na formação continuada por parte dos governantes, motivo pelo qual o ensino fica prejudicado. Entretanto, isso não inviabilizou a busca das professoras que fizeram parte deste estudo, já que elas procuraram fazer cursos de atualização e tem um bom domínio da Libras, dessa forma, o ensino da Língua Portuguesa é focado em ensino de L2, com uso de estratégias direcionadas para as pessoas surdas, uma vez que se constitui um público que percebe e compreende o mundo prioritariamente pela visão.

Dentre as muitas dificuldades enfrentadas no ensino de L2 aos estudantes surdos, além da falta de incentivo pelos governantes, pudemos constatar no depoimento das professoras participantes dessa pesquisa e nas observações feitas em sala de aula, que falta material didático acessível.

Nesse sentido, diante da falta de recursos, destaca-se o fato de a professora ter usado estratégias visuais como recurso didático-metodológico, a exemplo das imagens

desenhadas, teatro e o uso constante da Libras para esclarecer os textos lidos em Língua Portuguesa. Dessa forma, que embora existam discursos, apoio e políticas reconhecendo a educação bilíngue como apropriada para os indivíduos surdos, o que acontece é a inserção de estudantes surdos em salas regulares, nas chamadas escolas inclusivas, mas será que o ensino está sendo qualitativo como deveria ser? Os estudantes estão aprendendo e se apropriando do conteúdo ensinado de maneira satisfatória? A identidade e cultura surda têm sido trabalhadas de maneira legítima dentro da sala de aula? Os professores estão tendo formação continuada volta para a área de atuação? Devemos considerar todo contexto histórico da educação para pessoas surdas não para uma possível adaptação, mas uma real mudança. É nesse sentido que deixamos essas inquietações como possibilidade de futuros estudos na área de educação de pessoas surdas em nosso país.

4.4 A observação do participante

A análise dos dados obtidos durante os encontros individuais dos alunos surdos e o pesquisador indicou a necessidade da observação também da prática no cotidiano escolar. Desta forma, em parceria com o instrutor, os professores das salas de aula e de recurso planejaram, desenvolveram e avaliaram algumas atividades de leitura e escrita que, neste capítulo de item único, são discutidas e problematizadas à luz das teorias estudadas. Os excertos destacam a relevância se de revisitar a prática, para um melhor entendimento contextual dos fatos.

4.5 Entrevista com aluno surdo

Para a análise da observação participante, serão expostos breves excertos que se destacaram durante a pesquisa e que serviram de base para o melhor entendimento contextual dos fatos. Tais excertos eram reconstituídos por mim, Instrutor de Libras, e registrados na forma escrita, logo após a sua ocorrência nos intervalos que aconteciam entre os processos de tradução.

Após este momento, durante minha observação participante, algumas perguntas que ficaram sem respostas mais claras foram sendo resgatadas de forma mais tranquila e confiante por parte dos pesquisados, que sempre comentavam algo nos breves diálogos que aconteciam nos cotidianos da escola, entre os intervalos de aulas, nas aulas vagas quando o professor regente faltava ou na hora do recreio.

A pesquisa de campo seguiu conforme um roteiro utilizado para a entrevista aos dois alunos surdo do ensino médio. O participante da entrevista é apresentado com o pseudônimo:

aluno Z, simplesmente para identificação do entrevistado. Durante a discussão, foram realizadas questões sobre sua realidade pessoal, escolar e em relação a disciplina de Língua Portuguesa.



Resgatando os memorandos da entrevista realizada com o aluno Z e com o



aluno T ficou notório o incômodo de ambos os referentes à gravação em filmagem. Após este momento, durante minha observação participante, algumas perguntas que ficaram sem respostas mais claras foram sendo resgatadas de forma mais tranquila e confiante por parte do pesquisado, que sempre comentavam algo nos breves diálogos que aconteciam nos cotidianos da escola, entre os intervalos de aulas, nas aulas vagas quando o professor regente faltava ou na hora do recreio. No caso do aluno Z que no momento da entrevista apresentou respostas curtas, mas satisfatórias, no decorrer da observação participante, em meio aos nossos diálogos nos intervalos de aulas e recreios, pude conhecer melhor seus desejos e expectativas referentes à aprendizagem da leitura e escrita da Língua Portuguesa.

Para a análise do uso da observação participante em contextos educacionais, é importante considerar que esse método permite um aprofundamento na compreensão das vivências dos alunos em sua rotina escolar. Segundo Tavares (2016, p. 45), "a observação participante possibilita ao pesquisador uma imersão na realidade do grupo estudado, propiciando um entendimento mais amplo e significativo das interações sociais e culturais" Essa abordagem foi utilizada na presente pesquisa para captar dados e nuances que, muitas vezes, não emergem em entrevistas formais, como demonstrado nas interações informais durante os intervalos das aulas.

Por ser Instrutor de T. há um ano, nesta mesma escola, já tinha um prévio conhecimento sobre sua fluência em Libras e alguns (des)interesses na aprendizagem da leitura e escrita do português, no ambiente escolar. Porém, chamou-me a atenção saber sobre seus desejos de aprendizagem dessa língua para atender interesses próprios de interação e convivência social, externos ao ambiente escolar nas últimas décadas, pesquisas com adolescentes têm revelado um desinteresse pelos conteúdos escolares, assim como para a leitura e escrita.

Yunes (2003, p.25) afirma que os adolescentes têm retratado uma escola a partir de um mesmo olhar, onde as práticas rotineiras e sem sentido se repetem, "transparecendo uma escola que se fecha sobre ela mesma desconhecendo o mundo que circula do lado de fora".

Para início da entrevista utilizou a seguinte questão “Alguém em sua casa sabe e usa a língua brasileira de sinais?”. Percebeu-se que no seu ambiente familiar a mãe utiliza libras pois participa de um curso há alguns anos, porém ainda não é fluente e o pai sabe moderadamente, este não estuda em cursinho, aprendeu um pouco da língua através da mulher e filho. Z afirmou que o papel da família foi muito acolhedor e importante para aceitação da sua identidade surda.

Os familiares são considerados os principais responsáveis para construção do caráter de uma pessoa. Silva (2011) considera que a interação familiar ajuda na formação de personalidade do filho e determina suas características sociais. Essas atitudes, comportamentos produzem efeitos para a sua evolução.

A família do estudante possui um papel fundamental na vida do aluno, ao possuir um cuidado e acompanhamento no desenvolvimento do filho surdo. Silva (2011) cita que a relação do aluno com os familiares fortalece o processo de aprendizado e através de suas palavras vemos que a família busca informações e desenvolvem-se assim como Z em relação suas habilidades de comunicação.

A maneira como o surdo é tratado em sua residência pode refletir na sua imagem, porque é através da família que os valores e costumes são transmitidos de geração em geração através da linguagem. Em casa é que o surdo deve ter uma base, tendo a família como se fosse a primeira escola, para início do desenvolvimento de suas capacidades. Pais cientes do seu papel e preparados para aproveitar oportunidades de progresso dentro do lar.

As crianças surdas adquirem espontaneamente a utilização língua de sinais com os pais no ambiente familiar. Z é educado em um ambiente linguístico mesmo fora da escola e isso contribui para relação com os pais ouvintes, o que não acontece na maioria das famílias de alunos surdos.

O educando T por sua vez, demonstrou um desejo maior de poder se comunicar a partir da leitura e escrita da língua portuguesa realizada via celular, por meio de mensagens é mais fechado do que Z, isto é, é mais tímido. Pelas suas dificuldades em usar a Libras, devido a um vocabulário um pouco mais restrito, percebe-se que suas referências anteriores de aprendizagem desta língua foram escassas. De acordo com relatos no meio escolar, antes T. não havia tido contatos com outros surdos. Seu contato com a Libras vinha da pouca convivência com outros instrutores, que eram raridade na cidade do interior em que morava anteriormente. Segundo testemunhas, o contato com Z. o motivou a usar mais a Libras no ambiente escolar.

Nas últimas décadas, pesquisas com adolescentes têm revelado um desinteresse pelos conteúdos escolares, assim como para a leitura e escrita. Yunes (2003, p.25) afirma que os adolescentes têm retratado uma escola a partir de um mesmo olhar, onde as práticas rotineiras

e sem sentido se repetem, “transparecendo uma escola que se fecha sobre ela mesma desconhecendo o mundo que circula do lado de fora”.

Visto isso, é notável que muitas crianças surdas não têm contato com a Língua de sinais e isso dificulta o aprendizado de uma segunda língua. A família do aluno em estudo contribui para o seu crescimento de forma significativa na busca do aprendizado de uma segunda língua.

Seguindo as perguntas feitas na parte da entrevista, os alunos foram questionados se conseguiam realizar leitura labial e em quais situações. Eles explicam que na escola possuem amigos mais próximos e são com eles e o instrutor que tem mais interação. Outros colegas da turma ainda tentam se comunicar por libras, mas a comunicação também flui através da leitura labial.

Nas atividades desenvolvidas em grupo, Z explicou que sempre faz com os mesmos amigos que tem mais intimidade, e que já conhece a mais tempo e isso facilita a comunicação. Ele cita que tem boa receptividade por parte da professora regente e que durante as aulas ela sempre pergunta se ele entendeu bem ou se tem alguma dúvida. Em suas falas verifica-se a leitura labial como recurso que o aluno surdo obtém conhecimento oralizado juntamente com o apoio do instrutor de Libras.

No que diz respeito a T. ele por ser mais tímido tem muita dificuldade em externalizar quando não entende e tenta também utilizar a leitura labial como formas de entender o que a professora fala.

Segundo Z comenta o fato de utilizar a leitura labial e oralização com os colegas da escola ainda sentindo um pouco de dificuldade, na oralização algumas palavras não são interpretadas corretamente pelos colegas e às vezes eles fingem entender. Apontamentos de Lodi, Harrison e Campos (2004) recomendam que para a aprendizagem a criança surda merece estímulos diferentes para comunicação. A leitura labial e oralização podem proporcionar o desenvolvimento nas habilidades de leitura.

Na escola, Z esclarece sobre a comunicação com os colegas que não ocorre somente por Libras, mas com outros meios que utiliza. Sobre isso é muito importante entender que as pessoas pensam ser comum o surdo realizar a leitura dos lábios, porém em sua fala ele ressalta facilitar na interação do ambiente escolar. Lodi, Harrison e Campos (2004) comentam sobre esse caso e alega que é preciso muito treino para praticar esses recursos.

A uso da Língua de sinais como única forma de comunicação nas escolas em certos casos não é suficiente para os surdos e os ouvintes interagirem. Dessa forma muitos alunos surdos procuram outras maneiras para interagir com os colegas. De acordo com os relatos de Z,

esses meios tornam-se facilitadores da aprendizagem pelo fato de que somente com o uso da Libras, os demais estudantes sentem dificuldades de compreensão.

Nesse ponto, o uso da Libras juntamente com a leitura labial e oralidade pode facilitar a interação com os colegas e sua aprendizagem em sala de aula. Por essa razão Marques (2007) discorre sobre o dever de o professor de sempre buscar metodologias que unam as vivências do aluno em atividades propostas.

O professor deve prestar atenção nas necessidades do aluno, nesse caso ao utilizar leitura labial como recurso para a aprendizagem, ele deve atentar-se na forma como ensina, sua postura diante do quadro, a forma como fala são contribuições para que o aluno possa obter conhecimento através da oralização.

Este fato também é vivenciado entre o intérprete de Libras e os alunos surdos que, por compartilharem uma mesma língua, desencadeiam experiências biculturais e bilíngues, a partir de enunciados dialógicos que surgem durante o processo de tradução e interpretação, em uma interação dialógica. Porém, tal fato nos leva a repensar sobre a figura de um professor regente de sala não usuário da Libras, onde experiências linguísticas desfavoráveis ao aluno surdo podem gerar sentimentos de exclusão e, até mesmo, descontentamento e desinteresse para a aprendizagem de novos conhecimentos

No tocante ao educando T ele não se sente motivado ao aprendizado da língua mesmo tendo o suporte do Instrutor e dos amigos de sala de aula. Fato que nos leva ao pensamento de Bakhtin (1995), a palavra é um signo neutro, cabendo a ela um sentido qualquer dependendo do lugar que ela ocupa num contexto, seja ela verbal ou escrita.

Assim sendo, uma mesma palavra pode ter vários sentidos, não literal ou único, por estar interligada e ser dependente de fatos socioideológicos presentes no cotidiano real, e ter uma relação direta com a língua/linguagem comumente usufruída entre sujeitos sociais determinados (Bakhtin 1995, p.43) Além disso, Bakhtin (1995) e Vygotsky (1995) deixam claro em seus estudos que a construção de conceitos e conhecimentos se dá pelas interações dialógicas que acontecem nos contextos sociais.

A partir desses diálogos pode-se deduzir com as afirmações de Gesueli (2011) que o aprendizado da leitura e escrita formal da língua portuguesa não é igual para os surdos, os caminhos são diferentes comparados a pessoa ouvinte.

Isso se torna comprovado através das respostas dos dois entrevistados que vem essa aprendizagem por diferentes óticas.

Conhecer a Língua Portuguesa é essencial para estes estudantes que desejam maior conhecimento, pois sabe-se que a estrutura do Português incita nos processos de leitura e escrita.

Entretanto, deve-se refletir também sobre a relação entre a Libras e o Português, outrem o professor precisa entender a realidade do surdo e compreender que a língua de sinais é importante para o surdo compreender o Português, porém não seja o suficiente para sua escolarização citam Dorziat, Lima e Araújo (2017).

Lacerda (2002) expõe que a presença de alguém que domina a língua de uma criança surda e que pode mediar a comunicação entre atores em sala de aula não garante por si só a aprendizagem do aluno com surdez. Apesar de suas discussões destacarem a necessidade do uso do material visual contextualizado associado a esta mediação do intérprete, acrescento a necessidade de reflexão sobre outras estratégias, tais como: experiências comparativas interlínguas, entendimento do contexto para uso adequado de sinais, incremento de exemplos contextuais que façam parte do cotidiano do aluno surdo etc., que possam favorecer essa aprendizagem

Partindo para mais uma pergunta, temos “Em que situações, no seu cotidiano, você utiliza a escrita ou leitura do português, ou sente necessidade de usá-la?”. Z responde que em seu dia a dia a leitura e escrita do português é muito importante, mesmo ele não possuindo um grande conhecimento. Afirma que precisa para o uso de redes sociais, para assistir filmes ou séries e principalmente para a resolução das tarefas de casa. Quanto a necessidade de outro lazer, falou que gostaria muito de ler livros, pois se identifica muito com o gênero fantasia.

O educando T ressalta outra importância e desejo de aprendizagem da leitura e escrita do português suscitadas por ele eram relacionadas ao “facebook”. Anteriormente, T. sempre precisava de um amigo intérprete que dominasse este recurso para participar do bate-papo ou traduzir as mensagens escritas que eram deixadas. Hoje, ele entende o significado de alguns termos básicos como: Oi! vc (você); tb (também), mas sempre erra no jeito da escrita correta do português, porém apesar do amigo ser de confiança, sente que não tem privacidade e, às vezes, tem vergonha de fazer certas perguntas ou de tratar de certos assuntos, como nos casos de namoro ou paqueras. Em outros momentos, há certas coisas que são secretas, entre outros amigos, e que acabam tendo que ser reveladas indiretamente para o seu amigo instrutor, que o acompanha nos bate-papos, por causa dessa dificuldade de leitura e escrita do português.

Nota-se um certo foco dos alunos e compreensão de que o Português é essencial assim com a Libras. De acordo com o que foi falado, o seu nível de leitura e escrita está em desenvolvimento, mas ainda não é o suficiente para alcançar seus objetivos ou para momentos de descontração.

A partir disso, vemos a importância de os alunos surdos conhecerem a Língua Portuguesa de forma mais profunda. Cabe ao professor a tarefa de reconhecer o valor desse

ensino, explorando formas para auxílio efetivo no desenvolvimento do aluno, atentando-se ao dualismo das línguas segundo Quadros & Schmiedt (2006).

Continuando em suas concepções, atenta-se que a Língua Portuguesa necessita ocupar um maior espaço em valor cultural e expressões individuais dos surdos. Contudo, uma das barreiras que impede o aluno surdo no aprendizado do Língua Portuguesa é o fato de uma grande parte de alunos não gostarem de escrever em português. Várias questões são levantadas a partir desse desinteresse, como a relação com família, escola e colegas ouvintes.

Outro problema que impede o aluno surdo aprenda o Português escrito é que em alguns casos os professores não sabem como encontrar uma maneira de garantir essa ligação das línguas. Nesse contexto Quadros & Schmiedt (2006) destaca que o professor do aluno surdo também deve compreender o funcionamento da Libras para conseguir diminuir essas dificuldades de ensino, porém sabe-se que em vários casos essa realidade é completamente diferente, nem todos os professores estão prontos para comunicação direta com o aluno surdo.

Com isso, Damázio (2007) nos alerta a questão de o intérprete ser apenas mediador da comunicação e não agente facilitador da aprendizagem. É muito importante fazer a distinção do seu papel para que seu trabalho aconteça de maneira a desenvolver o educando.

Os profissionais instrutores devem redirecionar os questionamentos dos alunos aos professores definindo seu papel na intermediação. Assim como o professor deve compreender o contexto do aluno surdo e um intérprete em sala de aula. Essa relação é vista nos comentários de Z e T pois para eles o ensino flui melhor com o suporte do instrutor e relacionamento com a professora.

Os entrevistados relatam que a relação com o instrutor facilita no aprendizado da língua portuguesa, assim como a boa relação com a professora regente. Com isso, Soares e Carvalho (2012) discorrem sobre o professor não poder se manter distante no ensino aprendizagem. Cabe a ele agir na mediação, viabilizando reflexões e questionamentos. E caso não tenha muito conhecimento em Libras, comunicar-se com o intérprete e buscar metodologias é o adequado para garantir o melhor ensino ao surdo.

E mediante essas trocas que os alunos Z e T obtém ajuda e desenvolve-se na aprendizagem de Língua Portuguesa nesse ambiente, proporcionado pela atuação do professor e instrutor.

Ao citar o instrutor como ajudante nas dúvidas em alguns momentos em sala de aula, pode ser visto por vezes como desempenho do papel de professor, mas segundo Quadros & Schmiedt (2006) isso deve ser esclarecido desde o início ao professor, que as dúvidas devem ser dirigidas a ele.

O professor e o instrutor são essenciais para o processo de ensino aprendizagem, juntamente com o aluno, esses devem ter cuidado e compreender que devem mudar a realidade desse aluno. Em sala, o intérprete precisa interpretar e contribuir na ligação entre professor e aluno, auxiliando nas dificuldades que o educador possa ter em relação à surdez.

Partindo para a última questão “Na sua opinião, como o instrutor poderia colaborar no seu processo de aprendizagem e produção de escrita e leitura do português na sala de aula?” Ambos Z e T responderam que a interação com o intérprete em sala é ótima para ajudá-lo a entender o conteúdo de Português. Continua falando que a professora até se comunica um pouco em Libras, mas para entender melhor, prefere recorrer ao profissional intérprete.

Os discentes prosseguem falando que a comunicação é muito importante para a aprendizagem da língua. Comunica sobre sua comunicação como professora ser limitada, porém tudo que o intérprete pode ajudar, faz com todo apoio.

Dessa maneira, nota-se o reconhecimento dos alunos ao papel do instrutor, enxergando-o de certa forma como um professor regente mesmo sabendo que não. Z adiciona que ele não é só um instrutor e sim um meio para comunicação com a turma, ele percebe sua boa intenção como profissional em ajudar na hora das dúvidas, trabalhando juntos.

O profissional se envolve completamente no processo de aprendizagem do aluno e seu papel deve ser conhecido pelos seus procedimentos metodológicos e estímulo de conhecimento do aluno.

Na sala de aula com alunos surdos observa-se em Soares e Carvalho (2012) ser comum ver a participação em conjunto dos dois profissionais. A tarefa de ambos é que proporcionará um ambiente para preparação de estratégias a serem aplicadas e obter uma eficiência de conhecimentos escolares.

Nessa situação do aluno Z, o instrutor além de interpretar o conteúdo explanado, auxilia na aquisição do conhecimento, comunicando-se com a professora e por vezes sugerindo o que pode ser revisto. Sua professora não é de professor, mas sim trazer ideias ou sugestões para auxílio do aluno.

A atuação do instrutor de Z relatada acima fica claro que vai além da interpretação, pois garante assistência na realização das tarefas, construção de conceitos e situar-se na disciplina.

Em suma os dados coletados revelam uma compreensão mais profunda do papel do instrutor no contexto educacional, especialmente no que tange à população de alunos surdos. Os testemunhos dos alunos surdos evidenciam um reconhecimento do instrutor não apenas como um facilitador de comunicação, mas também como uma parte integrante do processo educativo. Essa percepção destaca a importância da colaboração mútua entre o instrutor e os

demais educadores, onde cada um desempenha um papel essencial na construção do conhecimento.

Os dados sugerem que o envolvimento do instrutor vai além da mera tradução do conteúdo; ele se torna um agente ativo na mediação do aprendizado, promovendo um ambiente educacional que estimula o diálogo e a reflexão. Ao se posicionar como um intermediário entre aluno e professora, o instrutor potencia a compreensão dos conteúdos e contribui para a formação de um espaço de aprendizado mais dinâmico e colaborativo.

Além disso, a interação entre os dois profissionais, conforme apontado nas pesquisas de Soares e Carvalho (2012), evidencia a eficácia de uma abordagem compartilhada, onde a soma das expertises favorece a elaboração de estratégias pedagógicas que atendem às necessidades específicas dos alunos. Essa sinergia é crucial para o sucesso educacional, uma vez que proporciona um ambiente propício para que os alunos se sintam assistidos e motivados em sua trajetória de aprendizagem.

Nesse interim, os dados demonstram que a atuação do instrutor é vital para a formação integral do aluno, sendo seu papel multifacetado e essencial na construção do conhecimento. A implementação de práticas pedagógicas interativas e colaborativas não apenas enriquece a experiência de aprendizado, mas também reafirma a importância de uma educação inclusiva e acessível para todos. As contribuições do instrutor, portanto, devem ser valorizadas e reconhecidas, pressupondo um compromisso contínuo com a formação de uma educação que respeite e promova a diversidade.

5 PRODUTO EDUCACIONAL

No que concerne ao Produto Educacional da pesquisa se constituiu na elaboração de um material didático, um Caderno com Estratégias Didáticas que possam nortear o trabalho do professor sobre um planejamento em regime de colaboração para auxiliar no ensino de discentes surdos incluídos na classe comum do ensino regular.

O tema relacionado à educação inclusiva é o mais polêmico e inquietante para nós, comunidade surda (alunos surdos, seus familiares, professores surdos, professores bilíngues e intérpretes), bem como para professores que não têm domínio da língua e coordenadores, devido às condições culturais históricas, educativas e linguísticas que estão em jogo. (CAMPOS, 2014, p. 37).

De acordo com o Decreto 5.626 de 2005, surdo é todo sujeito que, “por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Libras”. (BRASIL, 2005). No entanto, essa compreensão sobre como o sujeito Surdo aprende e interage com o mundo ao seu redor está distante do que se entende e se faz na prática, principalmente nas instituições de ensino.

Segundo Carvalho (2010, p.45), no Brasil, “adotou-se a expressão educação inclusiva para traduzir a orientação política proposta, o que acarreta inúmeras mudanças nas atitudes das pessoas e nas práticas educacionais das organizações de ensino-aprendizagem”. Caminhamos a passos lentos nesse sentido apesar de não ser a desejada pela Comunidade Surda, que clama por uma Educação Bilíngue para os seus. A partir das discussões teóricas, políticas e sociais várias leis vêm nortear a inclusão de pessoas Surdas em instituições de ensino e têm contribuído para os avanços na área educacional. Entre elas temos:

- A Lei 10.436 de 2002, que reconhece a Libras como segunda língua oficial do Brasil;
- Decreto 5.626 de 2005, que regulamenta a referida lei e obriga a inserção da Libras nos cursos de licenciatura;
- A Lei 12.319 de 1º de setembro de 2010, que regulamenta o exercício da profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS;
- A Lei Brasileira de Inclusão nº 13.146 de 2015, também conhecida como Estatuto da Pessoa com Deficiência, destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania; e o mais recente,

- O Decreto 9.465 de 2 de janeiro de 2019, que traz as competências da Diretoria de Políticas de Educação Bilíngue de Surdos no Artigo 35, diretoria esta que até então não existia.

Há ainda a legislação da Educação Especial, que não é bem-vista pela Comunidade Surda, porque essa modalidade de ensino, “[...] cujos componentes ideológicos, políticos, teóricos etc. são, no geral, de natureza discriminatória, descontínua e anacrônica, conduzem a uma prática permanente de exclusão e inclusão.” (SKLIAR, 2016, p. 11).

No entanto, embora considerada ultrapassada para a Comunidade Surda, é a legislação da Educação Especial na perspectiva inclusiva que tem contribuído para políticas de inclusão escolar e que obriga minimamente a contratação de intérprete de Libras e Atendimento Educacional Especializado (AEE) nas instituições de ensino.

A linguagem utilizada no material é científica e didática, logo, oferece condições acessíveis para que, por exemplo, o supervisor ou Coordenador Pedagógico multiplique com o corpo docente, tanto da escola quanto em demais instituições de ensino. Outrem, o profissional da Educação Especial, com ou sem aperfeiçoamento na educação de surdos, é o profissional que tem formação técnica e específica para melhor disseminar esse material, uma vez que ele tem propriedade e formação adequada para tal ação.

Para tanto, buscou-se desenvolver uma experiência de ensino colaborativo como alternativa no apoio ao processo de letramento de LP com alunos surdos em turmas de ensino médio das referidas escolas, propiciando processos pedagógicos inclusivos com o apoio dos conhecimentos do Intérprete de Libras e pesquisador autor desta Dissertação e professores de Língua Portuguesa, foi pensado procedimentos metodológicos para o desenvolvimento do processo gerador do recurso educacional.

Algumas sugestões de possibilidades de plataformas para a divulgação incluem: Websites educacionais: Portais ou sites governamentais relacionados à educação ou inclusão, bem como sites de organizações sem fins lucrativos que atuem na área de educação especial e inclusiva; Redes sociais: O material elaborado pode ser anunciado e disponibilizado para download gratuito em redes sociais populares, como Facebook, Twitter, LinkedIn e Instagram. O caderno pedagógico será disponibilizado através do link e QR Code a seguir: <https://sites.google.com/view/livro-libras-com/in%C3%ADcio;>



O compartilhamento por meio de grupos ou páginas voltados para a educação, inclusão e necessidades especiais pode alcançar um público específico que pode se beneficiar do conteúdo; Plataformas de compartilhamento de conteúdo: Sites como SlideShare, Scribd ou Issuu permitem o upload e compartilhamento de e-books, oferecendo a oportunidade de alcançar um público maior; Diretórios de recursos educacionais: Algumas plataformas online, como Word Waal, Cerrou, Duoline, mantêm diretórios de recursos educacionais, nos quais profissionais da educação podem encontrar e baixar materiais úteis.

A inclusão do caderno de sequência pedagógica em diretórios que esse tipo amplia sua visibilidade entre os educadores; Parcerias com instituições de ensino e organizações educacionais: estabelecer parcerias com escolas, universidades e centros de formação de professores para promover o Caderno entre educadores e estudantes é uma maneira eficaz de alcançar um público-alvo relevante.

Essas são apenas algumas possibilidades e opções para divulgar o Caderno de Sequência de boas práticas no ensino da língua portuguesa para alunos surdos como L2. A diversificação das plataformas de divulgação pode aumentar a probabilidade de que o recurso educacional alcance uma ampla gama de educadores e profissionais da área da inclusão educacional. A seguir apresenta-se o sumário e as etapas a serem desenvolvidas no caderno de sequência didática.

5.1 Delineamento do Produto Educacional

O produto educacional aqui proposto – Caderno pedagógico para alunos surdos visa a sugerir procedimentos de ensino para estudantes Surdos matriculados em sala de aula da escola comum que contribuam para promover a igualdade de oportunidades e condições de acesso ao conhecimento formal por parte desses estudantes nessa modalidade de ensino. Este produto constitui-se de sugestões atividades diversificadas com objetivos de ensino e de aprendizagem específicos.

A pesquisa desenvolvida no âmbito do Mestrado profissional consistiu em sistematizar conhecimento científico sobre processos investigativos envolvendo a apresentação de soluções para problemas ou demandas advindas do contexto da realidade educacional envolvida na pesquisa. A pesquisa desenvolvida no âmbito do mestrado profissional consiste em:

Planejamento coletivo das atividades didáticas acessíveis para o Letramento em LP com alunos surdos. Contará com a experiência e formação especializada da pesquisadora. Que se dedicará a analisar o contexto da realidade educacional, o perfil de formação e de demandas do trabalho pedagógico dos professores e demandas de aprendizagem dos alunos surdos. Para a construção da proposta do produto educacional será considerado algumas diretrizes e premissas:

- I. Análises sobre a formação inicial dos professores de através do dossiê dos professores disponível neste centro de ensino e questionários a serem aplicados;
- II. Identificação de demandas formativas dos professores de Língua Portuguesa voltadas para o processo de letramento de surdos;
- III. Sistematização de pressupostos conceituais e práticas de ensino colaborativo no processo de ensino de Língua Portuguesa para Surdos que podem auxiliar a ação docente para inclusão efetiva do surdo na sala comum;
- IV. Desenvolvimento do planejamento feito entre os professores de Língua Portuguesa e o professor Intérprete de Libras na perspectiva do ensino colaborativo;
- V. Acompanhamento e sistematização de resultados da experiência de ensino no processo de letramento de surdos em LP;
- VI. Construção de instrumentos de validação do produto educacional;

Com a pesquisa, pretende-se elaborar o produto educacional, traçando e traçar caminhos para uma prática inclusiva de alunos Surdos mais efetiva. Assim, propõe-se a elaboração de um Caderno Pedagógico: estratégias e propostas didáticas via ensino colaborativo para o letramento de alunos surdos.

Assim, foram realizados os seguintes passos iniciais:

1. Levantamento das demandas para desenvolver o processo de letramento em LP de alunos surdos do ensino médio;

2. Encontros pedagógicos para planejamento coletivo das atividades didáticas acessíveis para o Letramento em LP com alunos surdos;
3. Desenvolvimento prático das atividades didáticas propostas e avaliação de resultados na aprendizagem.
4. Registros dos processos didático desenvolvidos e análises da eficácia das atividades propostas no âmbito de experiências de ensino colaborativo.
5. Aplicação de um protocolo de avaliação dos resultados de aprendizagem no letramento em LP com estratégias de ensino;
6. Processo de produção dos textos instrucionais sobre as propostas didáticas condensadas para o caderno pedagógico;
7. Descrição comentada das atividades didáticas de letramento em LP e testagem quanto sua eficácia na promoção da aprendizagem qualificada dos alunos;
8. Aplicação de instrumentos e critérios para avaliação dos resultados dos processos de intervenção desenvolvidos;

Para a finalização do produto educacional proposto, foi pensada a seguinte estruturação:

Estrutura de Apresentação

1. Nome: Cadernos Pedagógicos
2. Descrição:
3. Público-alvo:
4. Contexto de desenvolvimento do produto:
5. Objetivos:
6. Planejamento e sistematização de material instrucional para o processo.
7. Processo técnico-pedagógico desenvolvido no contexto escolar.
8. Descrição dos resultados;
9. Análise dos resultados em relação aos objetivos propostos.
10. Avaliação do processo educacional desenvolvido.

A elaboração da proposta pedagógica com base nos princípios educacionais do Ensino e da literatura especializada no campo da língua Portuguesa como L2 na educação de Surdos, enforçará estratégias metodológicas desenvolvidas no processo de intervenção da pesquisa, que exigirá a produção de materiais didáticos que auxiliem o desenvolvimento do ensino-aprendizagem de alunos surdos. Os conteúdos a serem contemplados como fundamentos do produto educacional, abrangem conhecimentos sobre Ensino em regime de colaboração entre os profissionais envolvidos no processo, pressupostos para a educação em Língua Portuguesa para Surdos e ainda, conhecimento da surdez pelo viés socioantropológico. O caderno pedagógico será destinado a todos os professores que desejarem acessar e em especial, os professores da rede Estadual de Ensino do Maranhão e demais professores da Educação Básica.

Está previsto produto conter orientações aos professores que têm alunos surdos de como elaborar e implementar metodologias de ensino de Língua Portuguesa para Surdos resultante de uma experiência vivida de ensino em regime de colaboração entre o Intérprete de Libras e o professor de Língua Portuguesa. A ideia de materialização do produto educacional está em processo de análise, quanto a necessidade de ser um material didático impresso ou digital, neste caso, na forma de um caderno pedagógico digital. Não se tem a pretensão de prescrever como deve ser ação docente, ou seja, criar a fórmula exata de prática inclusiva para ação dos professores de LP para alunos surdos. Pretende-se com esse produto nortear, tentar encaminhar o professor a um processo constante de reflexão diante das possibilidades ofertadas pelo ensino Colaborativo.

5.2 Estratégias metodológicas utilizadas no ensino aprendizagem de alunos surdos

Em se tratando da aprendizagem que é um processo pelo qual competências, habilidades, conhecimentos, comportamento ou valores são adquiridos ou modificados, como resultado de estudo, experiência, formação, raciocínio e observação principalmente em relação ao aluno surdo, este processo se dá pela forma como este compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura, principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais (Libras). Diante do exposto, DANTE 2019, p.34 ressalta que:

É a conduta ou ação do professor num conjunto de tarefas educativas na sala de aula regular, intentando a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais, com vistas a promover uma educação que acolha a todos, independentemente das diferenças. A educação passa por transformações com desafios a serem enfrentados pelas escolas.

Nesta perspectiva afirma o autor que estas mudanças, geram impactos que fazem com que a aprendizagem se reorganize para atender à necessidade de desenvolver o ensino do aluno surdo, nas distintas realidades, tal como Paiva (2015, p.78) ressalta que: Os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio contemplam a necessidade dessa adequação para o desenvolvimento e a promoção de alunos às diferentes realidades, a fim de criar condições para sua inserção em um mundo sempre em mudança. Outrem, é preciso inteirar-se das possibilidades metodológicas que facilitem a relação professores e alunos, a fim de superar os obstáculos da comunicação de conhecimentos em sala de aula frente a esta diversidade, MARTINHO, (2016, p.23) enfatiza: O professor precisa estar bem-preparado para lidar com um leque muito variado e altamente diferenciado de alunos.

A partir dessas considerações, se ratifica que a metodologia de ensino utilizada é fundamental para superar a diferença de comunicação, na qual o professor precisa conhecer e optar por uma maneira de expressar melhor o conteúdo proposto, como se observa na declaração abaixo: A metodologia de ensino se torna muito importante, uma vez que se está trabalhando com pessoas pertencentes a uma cultura diferente, que pensam e desenvolvem seu conhecimento de forma diferente. Deve-se adequar a metodologia que utilizamos ao público que se pretende atender, no que diz respeito ao aluno surdo para que este possa pensar, construir e expressar seu conhecimento satisfatoriamente.

É fato notório que a base teórica corresponde a abordagens de diversos autores e pesquisadores, acerca das estratégias metodológicas de ensino para motivação, desenvolvimento de conteúdos variados a partir das abordagens pré-estabelecidas mediante planejamento, ainda mais em se tratando do aluno surdo.

Ademais todos têm o direito de estar e de aprender na escola e todos os estudantes têm direito à diferença sempre que houver necessidade de alguma diferenciação para garantir participação e aprendizagem, ou seja, se todos são diferentes entre si, precisa-se simultaneamente diversificar e diferenciar. Desta forma propor estratégias pedagógicas diversificadas e potencialmente adequadas para trabalhar com um grupo heterogêneo e, ao mesmo passo, propor diferenciações em termos de desafios e apoios, sempre que necessário, para garantir igualdade de oportunidades no processo de escolarização. Ainda se tratando deste aspecto no que diz respeito efetivar essa pedagogia inclusiva requer não apenas um professor capacitado, mas também tempo de planejamento, recursos materiais e humanos, trabalho colaborativo entre profissionais e entre escola e família e uma cultura escolar inclusiva dentro e fora da sala de aula. De acordo com MARTINHO, 2016, p.67 o autor ressalta que:

Depende de uma prática que envolva múltiplos atores em uma perspectiva sistêmica, essa realidade pode parecer um tanto distante da realidade das escolas brasileiras, por isso, nessa complexa engrenagem, o que se deve ter em mente é que, a questão é compreender que a mudança não é linear e que o processo de transformação se dá a partir de pequenas ações, que ocorrem simultaneamente e desencadeiam mudanças nas práticas, na organização dos sistemas de ensino e na cultura educacional.

Isso posto, em última instância, depende do compromisso ético de cada profissional, de cada família, de cada escola ou rede de ensino, com uma educação de qualidade para todos. Ser professor de alunos surdos significa acima de tudo considerar suas singularidades de apreensão e construção de sentidos quando comparados aos alunos ouvintes. Discute-se muito que a sala de aula deve ser um lugar que permita que o aluno estabeleça relações com aquilo que é vivido fora dela, e deste modo interessa contextualizar socialmente os conteúdos a serem trabalhados, apoiando-os quando possível em filmes, textos de literatura, manchetes de jornais, programas televisivos de modo a tornar a aprendizagem mais significativa.

Assim que se estas estratégias auxiliam os alunos ouvintes a uma melhor compreensão dos temas trabalhados, para alunos surdos elas são ainda mais imprescindíveis, uma vez que eles, em geral, tiveram poucos interlocutores em sua língua e, conseqüentemente, poucas oportunidades de trocas e de debates além de não terem acesso completo aos conteúdos de filmes, programas de televisão e outras mídias que privilegiam a oralidade (e nem sempre contam com legenda), ou possuem textos complexos de difícil acesso a alunos surdos com dificuldades no letramento em língua portuguesa.

Deste modo, é frequente que estes alunos cheguem ao espaço escolar com conhecimentos de mundo reduzidos quando comparados com aqueles apresentados pelos alunos que ouvem, já que estes podem construir conceitos a partir das informações trazidas pela mídia, por exemplo.

Assim, este capítulo procura discutir alguns princípios e estratégias que possam favorecer a preparação de aulas que facilitem o acesso dos alunos surdos aos conteúdos de sala de aula. Além disso, na perspectiva da educação inclusiva de alunos surdos, o professor precisará ser parceiro do intérprete de Libras para que se ampliem as possibilidades de construção de conhecimentos desses alunos, e é sobre estes aspectos que pretendemos tratar neste capítulo.

Uma imagem suscita o leitor a reflexões de situações, da sociedade, que, ao mesmo tempo em que são captadas neste meio, são também reflexos dela, revelando elementos de exclusão social, consumismo, abandono, felicidade, entre outros da nossa sociedade. As

imagens são documentos sociais bastante explorados pela mídia televisiva e jornalística, visto que as imagens impactam colaborando para a construção de julgamentos capazes de reconfigurar a opinião pública e os conceitos dos sujeitos. É nessa direção que as possibilidades de leitura de imagens poderiam ser mais bem exploradas pela escola, na busca da construção de sentidos.

Em princípio, um elemento imagético (uma maquete, um desenho, um mapa, um gráfico, uma fotografia, um vídeo, um pequeno trecho de filme) poderia ser um material útil à apresentação de um tema ou conteúdo pelos professores de ciências, física, química, biologia, história, geografia, matemática, inglês, entre outros. Um elemento visual que provocasse debate, que trouxesse à tona conceitos, opiniões e que pudesse ser aprofundado na direção dos objetivos pretendidos pelo professor.

A escola, em geral, está presa ao texto didático como caminho único para a apresentação de conceitos, e este caminho tem se mostrado pouco produtivo quando se pensa na presença de alunos surdos em sala de aula. Um segmento de filme, por exemplo, sobre o transporte de escravos africanos para o Brasil pelos portugueses, pode favorecer a compreensão de uma série de elementos sociais, da natureza, políticos, econômicos entre outros (vestuário, tipo de embarcação, condições de higiene, alimentação, relações sociais, maus tratos, clima etc.), criando condições para uma discussão ampla e para a aprendizagem.

A priori, o trabalho do intérprete de Libras será muito mais efetivo quando a informação visual é acessível, pois com e sobre ela o aluno surdo poderá construir conceitos e os colocar em tensão em relação àquilo que é apresentado pelo professor, dando oportunidades para uma aprendizagem mais reflexiva e efetiva. Ainda dentro da perspectiva de recursos de uma Pedagogia Visual, trazemos para a discussão o uso de mapas conceituais. A teoria sobre mapas conceituais foi desenvolvida por Joseph Novak (NOVAK, 1977), nos anos de 1970 (TAVARES, 2007), e define que:

O mapa conceitual como uma ferramenta para organizar e representar conhecimento, ou seja, configura-se como uma representação gráfica em duas dimensões de um conjunto de conceitos construídos de tal forma que as relações entre eles sejam evidentes.

Assim, no mapa conceitual, os conceitos aparecem dentro de caixas (quadrados, círculos, retângulos, entre outros), enquanto as relações entre os conceitos são especificadas por meio de frases de ligação nos arcos (setas, flechas, linhas) que unem os conceitos. Tal abordagem auxiliará o professor no ensino aprendizagem do aluno surdo e facilitará assim aquisição do conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada sobre as estratégias de ensino da Língua Portuguesa para alunos surdos no 1º ano do Ensino Médio, nas escolas Centro de Ensino Dr. Geraldo Melo e Centro Educa Mais Estefânia Rosa da Silva, em São Luís – MA, revelou a complexidade e os desafios enfrentados no âmbito educacional voltado para essa realidade inclusiva. Ao longo deste estudo, foi possível evidenciar a importância de metodologias diferenciadas, que considerem não apenas as especificidades linguísticas e cognitivas dos alunos surdos, mas também suas experiências culturais e sociais.

Os dados coletados demonstraram que, apesar dos esforços de professores e instituições, ainda existem lacunas significativas na formação docente e na capacitação para lidar com a diversidade comunicativa. A utilização de recursos visuais, a valorização da Libras (Língua Brasileira de Sinais) e a adaptação dos conteúdos curriculares se mostraram fundamentais para promover uma aprendizagem efetiva e significativa. Também se revelou a necessidade de uma maior articulação entre os diferentes profissionais que atuam na educação desses alunos, para que se crie um ambiente de aprendizado mais coeso e estruturado.

Ademais, a participação ativa dos alunos no processo de ensino-aprendizagem foi uma constante ao longo do estudo. Quando as terras de um ensino que respeite e valorize a língua do aluno surdo são cultivadas, observa-se uma elevação do seu engajamento e uma melhoria no desempenho acadêmico. Portanto, é essencial que as escolas desenvolvam um plano estratégico de ensino que considere as singularidades dos alunos surdos, promovendo, assim, uma educação mais equitativa e justa.

Concluímos que a transformação da prática pedagógica em relação ao ensino da Língua Portuguesa para alunos surdos deve ser um compromisso coletivo, envolvendo a formação contínua de educadores, a valorização da cultura surda e um olhar mais atento às políticas públicas que garantam o direito à educação inclusiva. Essa pesquisa também abre espaço para novas investigações e reflexões sobre práticas pedagógicas que busquem constantemente aprimorar o ensino para esse público, respeitando suas particularidades e contribuindo para uma sociedade mais inclusiva e diversa.

O principal trabalho resultante desta Dissertação foi o caderno pedagógico, que se propõe a ser uma ferramenta didática útil para professores que atuam na educação de surdos. Este caderno é uma compilação de metodologias, atividades e recursos que têm como objetivo facilitar o ensino da Língua Portuguesa, respeitando as especificidades da aprendizagem dos

alunos surdos. A sua elaboração foi pautada em pesquisas teóricas e práticas, consultando especialistas e evidências de práticas bem-sucedidas.

As contribuições do caderno pedagógico são significativas, pois ele não apenas sistematiza estratégias de ensino, mas também promove uma reflexão crítica sobre a inclusão escolar e a acessibilidade do conhecimento. Ao oferecer um conjunto de atividades adaptadas, o caderno visa engajar os alunos surdos de maneira mais dinâmica, permitindo que eles desenvolvam suas habilidades linguísticas de forma contextualizada e significativa.

Além disso, a utilização deste material pode servir como um apoio para a formação continuada dos professores, incentivando-os a repensar suas práticas e a diversificar os métodos de ensino. A inclusão de atividades que promovem a interação e a colaboração entre alunos ouvintes e surdos é um aspecto fundamental do caderno, pois contribui para a construção de um ambiente escolar mais inclusivo e respeitoso à diversidade.

Em suma, a pesquisa realizada e o caderno pedagógico desenvolvido sinalizam para a importância de se implementar práticas educacionais que valorizem a língua de sinais e a cultura surda, promovendo uma educação de qualidade, que respeite e reconheça as singularidades de cada aluno. O desafio, portanto, permanece: é necessário continuar investindo na formação de professores, na pesquisa e na criação de materiais pedagógicos que efetivamente atendam às necessidades dos alunos surdos.

Assim, esperamos que este trabalho possa contribuir para uma mudança significativa na educação inclusiva e na promoção da igualdade de oportunidades para todos os alunos, independentemente de suas condições sensoriais. Por fim, espera-se que as contribuições deste estudo possam servir como um ponto de partida para futuras pesquisas e para a implementação de ações concretas que visem à melhoria da educação de alunos surdos, fortalecendo a formação de cidadãos plenos e participativos na sociedade.

REFERÊNCIAS

- ABNT. CAPOVILLA, Fernando César et al. **Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: a libras em suas mãos**. São Paulo: EDUSP.. Acesso em: 22 maio 2025. , 2017.
- ARAÚJO, L. S., & COSTA, R. A. **Tecnologias Assistivas no Ensino de Alunos Surdos: Desafios e Perspectivas**. Revista Brasileira de Educação Especial, 2020.
- BARBOZA, E.; SILVA, R. **Formação de Professores para o Ensino de Alunos Surdos**. Revista Brasileira de Educação Especial, 2017.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: [Link da LDB] (http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm).
- _____. Decreto nº 6.571, de 17 de setembro de 2008. Disponível em: [Link do Decreto] (http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Decreto/D6571.htm).
- _____. Resolução CNE/CEB nº 2, de 1 de julho de 2001. Disponível em: [Link da Resolução] (http://www.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=14559&Itemid=195).
- _____. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Disponível em: [Link da Lei Brasileira de Inclusão] (http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2015/L13146.htm).
- _____. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017.
- BITTENCOURT, A. **Educação de Surdos: Uma Prática Dialógica**. Revista Internacional de Educação Especial, 2015.
- FERNANDES, A. **Caminhos para o ensino da língua portuguesa a surdos na contemporaneidade**. Belo Horizonte: Editora Learning, 2020.
- HELOÍSA, M.; FERNANDES, G. **Formação de Professores para a Educação Inclusiva: O Caso dos Alunos Surdos**. Campinas: Editora Almedina, 2021
- LACERDA, M. **Desafios da inclusão no ensino de línguas para surdos**. São Paulo: Editora Educação Inclusiva, 2023.

LIMA, A. C. **A Tecnologia como Ferramenta de Inclusão no Ensino de Surdos.** *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 26, n. 2, p. 39-56, 2020.

LODI, R. **Linguística e educação: A língua de sinais na escola.** Rio de Janeiro: Editora Educa, 2023.

MARTINS, A. C. **A formação de professores para a educação inclusiva: a surdez em foco.** São Paulo: Editora Educação Inclusiva, 2020.

MENDES, E. **Inclusão Escolar: formação de professores e práticas pedagógicas.** São Paulo: Cortez, 2018

MENDONÇA, A.; ALMEIDA, C. **Recursos Visuais e a Aprendizagem da Língua Portuguesa.** Educação e Tecnologia. 2018.

OLIVEIRA, T.; CAMARGO, L. **Tecnologias Assistivas no Ensino de Alunos Surdos. Encontro de Educação e Inclusão,** 2020.

OLIVEIRA, J. A., & SILVA, M. R. "Aspectos psicossociais no ensino inclusivo: desafios e possibilidades." **Revista Brasileira de Educação Especial*, 2020.

PEREIRA, M. B. **A Libras como língua de instrução no ensino da língua portuguesa para surdos.** *Revista Brasileira de Linguística*, 2018.

QUADROS, Ronice. Muller.; GUIMARÃES, I. N. **Ensino de Língua Portuguesa a Alunos Surdos: Possibilidades e Desafios.** São Paulo: Editora Nacional, 2017.

QUIRINO, C. **O papel do intérprete de Libras na educação de surdos: Uma perspectiva reflexiva.** *Caderno de Letras*, 2012.

SALOMÃO, Ronaldo. **Ensino da língua portuguesa para alunos surdos: desafios e perspectivas.** Curitiba: Editora Peirópolis, 2019.

SANTOS, M. R. **O Uso de Vídeos na Educação de Alunos Surdos. In: Anais do Congresso Brasileiro de Educação,** 2019.

SANTOS, J. **O Uso de Imagens no Ensino da Língua Portuguesa.** *Cadernos de Educação Especial*. 2016.

SANTOS, M. A., & ALMEIDA, F. R. **Estratégias de Ensino para a Inclusão de Alunos Surdos: Um Estudo de Caso.** Educação e Pesquisa, 2018.

SILVA, J. D., & LOPES, E. A. **Metodologias ativas na educação de surdos: uma experiência de ensino com jogos e práticas comunicativas**. Contextos de Educação, 2021.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis-SC. Editora da UFSC, 2008.

SKLIAR, C. **A Surdez e o Ensino: Uma Nova Perspectiva**. Caminhos da Inclusão, 20(2), 45-58. 2006

_____. A Surdez: Olhares e Interfaces. Língua e Ensino. 2009.

UNESCO. **Declaração de Salamanca e Linha de Ação sobre Necessidades Educativas Especiais**, 2009.

_____. Inclusão e Educação: A caminho da qualidade para todos. Disponível em: [Link da UNESCO] (<https://unesdoc.unesco.org/Ark:/>

XAVIER, L. **Formação de intérpretes de Libras: Desafios e perspectivas**. Revista Língua de Sinais, 10(1), 77-92, 2020.

APÊNDICE



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO-UEMA PROGRAMA DE PÓS-
GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM
EDUCAÇÃO INCLUSIVA- PROFEI**

Pesquisadora: MICHELLE KELLEN RAMOS BRITO JARDIM

Orientador: JAKSON DOS SANTOS RIBEIRO

QUESTIONÁRIO DO PERFIL PROFISSIONAL

NOME:

IDADE:

Perfil do Professor:

1-Qual sua situação funcional:

() Professor Efetivo () Professor Substituto

2-Leciona em qual turno:

() matutino () vespertino () noturno

3. Quais suas Habilitações Acadêmica

GRADUAÇÃO

ÁREA: _____ ANO: _____

INSTITUIÇÃO: _____

PÓS-GRADUAÇÃO

ÁREA: _____ ANO: _____

INSTITUIÇÃO: _____

MESTRADO:

ÁREA: _____ ANO: _____

INSTITUIÇÃO: _____

DOUTORADO:

ÁREA: _____ ANO: _____

INSTITUIÇÃO: _____

4-Quantos anos de docência tem em turmas com estudante surdo:

- () Nenhum
- () De um a dois anos
- () De três a seis anos
- () De seis a dez anos
- () Mais de dez anos

5-Realizou cursos de formação continuada sobre cultura e identidade surda e/ou estratégias de atuação na área de surdez:

- () Sim () Não

Se sim, quais dentre as alternativas a seguir:

() Cultura e identidade surdas;	() Pedagogia visual /imagética;
() Aspectos linguísticos relacionados a Libras ;	() Tecnologia assistiva para o estudante surdo;
() Literatura surda;	() Outros: _____

6. Gostaria de acrescentar mais informações sobre a sua formação inicial e continuada para trabalhar com estudante surdo? Se sim, utilize esse espaço:



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
MARANHÃO



MESTRADO
EM EDUCAÇÃO INCLUSIVA



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO INCLUSIVA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

O(A) senhor(a) está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) do estudo intitulado Estratégias de Ensino da Língua Portuguesa para Alunos Surdos do Ensino 1º ano do Ensino Médio: Um Estudo nas Escolas CEM Geraldo Melo e CEM Centro de Ensino Estefânia Rosa da Silva em São Luís – MA, estudo sobre a prática de ensino de professores de Língua Portuguesa de produção textual para estudantes Surdos do Ensino Médio nas escolas públicas de São Luís – MA, que será realizado (a) escola em duas escolas: escolas CEM Geraldo Melo e CEM Centro de Ensino Estefânia Rosa da Silva em São Luís – MA envolvendo professores de Língua Portuguesa que possuem alunos surdos matriculados nelas e intérpretes de Libras que atuam nas referidas turmas, cujo pesquisador responsável é o Dr. Jackson dos Santos Ribeiro, professor adjunto da Universidade Estadual do Maranhão (CESC – Caxias) e a pesquisador participante, Sr.^a. Michelle Kellen Ramos Brito Jardim, professora/intérprete de Libras da Secretaria de Estado da Educação –SEDUC (São Luís – MA).

Nessa perspectiva, este estudo se propõe analisar quais práticas pedagógicas os professores de Língua Portuguesa utilizam para ensinar os estudantes surdos nas escolas públicas do Ensino Médio na cidade de São Luís – MA, a produzirem textos dissertativos- argumentativos, bem como: investigar nas legislações e produções científicas as discussões relacionadas ao ensino de Língua Portuguesa como Segunda Língua e a produção textual dissertativa-argumentativa feita por estudantes surdos em Língua Portuguesa na modalidade escrita; descrever as práticas pedagógicas de ensino desenvolvidas pelos professores da disciplina de Língua Portuguesa. A pesquisadora elabora um caderno de sequência pedagógica digital, com propostas pedagógicas que orientem as práticas de ensino dos professores de Língua Portuguesa a trabalharem com produção de textos dissertativos- argumentativos com estudantes surdos.

O presente projeto de pesquisa pretende investigar: Quais são as atitudes e percepções dos professores de Língua Portuguesa do 1º ano do Ensino Médio de São Luís – MA, em relação ao ensino de alunos surdos, incluindo quais os desafios enfrentados e as estratégias utilizadas para superá-los? O interesse pela pesquisa deu-se devido as dificuldades presenciadas no ambiente de trabalho, as queixas dos alunos surdos em relação ao uso da Língua Portuguesa na modalidade escrita. Passamos a entender a tamanha relevância dessa pesquisa. A dificuldade em redigir uma redação, a dificuldade em fazer uma pesquisa, a dificuldade em preencher um formulário, a dificuldade em elaborar um currículo, a dificuldade em conversar e expor sua opinião nas redes sociais (De Deus, 2012). A pesquisa será realizada de forma presencial com Observações não-participantes nas aulas e com Entrevistas Semiestruturada¹, técnicas que permitirão conhecer o perfil dos professores e intérpretes, de como eles lidam com as questões pertinentes aos estudantes Surdos, à Libras e o ensino de Língua Portuguesa como segunda língua (L2).

Quanto aos benefícios deste estudo, pontua-se a relevância e a necessidade de pesquisa quanto às práticas de ensino na produção de textos dissertativos-argumentativos em Língua Portuguesa na modalidade escrita por estudantes Surdos, que perpassa por uma formação(inicial, continuada e em serviço) e a criação de sugestões de práticas de ensino de L2 escrita, com o objetivo de auxiliar professores de Língua Portuguesa a trabalharem com seus estudantes Surdos, nas suas produções textuais, com o foco no gênero textual dissertativo-argumentativo. Para garantir a segurança dos participantes, serão utilizados nomes fictícios para resguardar a identidade daqueles que irão fornecer os dados aos pesquisadores, fazendo que não sofram de nenhum lado qualquer tipo de retaliação e assim o pesquisadores poderão utilizaras informações para a construção da dissertação do mestrado e ou apresentação dos resultados.Com o resultado desta pesquisa será produzido um caderno pedagógico², em formato e-book, com possibilidades de propostas pedagógicas no ensino de textos dissertativos- argumentativos em Língua Portuguesa na modalidade escrita na perspectiva do DUA e do Ensino Colaborativo, para os professores desenvolverem com seus estudantes Surdos do Ensino Médio, visto que há uma carência de estudos, no Maranhão, que discutem e norteiem as práticas de ensino de professores dessa disciplina principalmente em gêneros textuais.

Portanto, vale deixar claro que sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos ao sujeito da pesquisa sobre cada uma das etapas do estudo, de modo que poderá se recusar a continuar participando do estudo, e ele poderá retirar o seu consentimento, sem que isso lhe traga qualquer penalidade ou prejuízo.

Declaro que estou informado(a) sobre este projeto de pesquisa e, tendo ciência do referido projeto, confirmo meu consentimento. Concordo, voluntariamente em participar do projeto de pesquisa.

Assinatura do sujeito da pesquisa.

¹ Será utilizado como instrumento para registro dos dados, caso os professores aceitem, o gravador, pois estes instrumentos garantem o registro fidedigno das entrevistas em sua integridade.

² Após a produção desse produto, pretende-se promover uma oficina formativa, inicialmente, na escola *locus* da pesquisa,

a fim de possibilitar uma formação continuada de toda a equipe escolar, para que possam compreender as propostas pedagógicas no ensino da Língua Portuguesa para estudantes Surdos do Ensino Médio, construídas durante a pesquisa e que não se findam nela.

Endereço do(a) participante voluntário(a):

Domicílio: (rua, conjunto): _____

Bloco: _____ Nº: _____, complemento: _____

Bairro: _____ Cidade: _____ Cep: _____

Telefone: () _____

Ponto de referência: _____

Contatos: _____

Caso necessário, entrar em contato com os pesquisadores por telefone ou e-mail:

Jakson dos Santos Ribeiro / Telefone (99) 99996459657 / E-mail:

jaksonsantos@professor.uema.br Michelle Kellen Ramos Brito Jardim / Telefone (98)

988046359/email: michellebjardim@gmail.com

Instituição:

Universidade Estadual do Maranhão – UEMA / Cidade Universitária Paulo VI, Av. Lourenço Vieira da Silva N.º 1000 – Jardim São Cristovão – São Luís/MA, CEP: 65.055-310.

ATENÇÃO: Para informar ocorrências irregulares ou danosas, dirija-se ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), pertencente ao Centro de Estudos Superiores de Caxias. Rua Quininha Pires, nº 746, Centro. Anexo Saúde. Caxias-MA. Telefone: (99) 3521-3938.

São Luís – MA, ____ de _____ de _____

Assinatura do(a) Participante da pesquisa

Prof. Jakson dos Santos Ribeiro

Orientador Responsável CPF: 020.898.643-03

Michelle Kellen Ramos Brito Jardim

Pesquisador Responsável CPF: 712.272.533-20

CADERNO PEDAGÓGICO

Estratégias inclusivas de ensino da Língua Portuguesa para alunos surdos no 1º Ano do Ensino Médio - Um estudo nas escolas Centro de Ensino Dr. Geraldo Melo e Centro Educa Mais Estefânia Rosa da Silva em São Luís – MA



MICHELLE KELLEN RAMOS BRITO JARDIM

ELABORAÇÃO/ORGANIZAÇÃO

Michelle Kellen Ramos Brito Jardim

ORIENTAÇÃO

Dr. Jakson dos Santos Ribeiro

PARCEIROS

Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)

Programa de Mestrado Profissional em Educação Inclusiva

(PROFEI)

Secretaria Estadual de Educação do Maranhão (SEDUC)

COLABORADORES

Centro de Ensino Dr. Geraldo Melo e Centro Educa Mais

Estefânia Rosa da Silva em São Luís – MA

CRÉDITOS DO DESIGNER GRÁFICO

Marcelo Cássio

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	5
INTRODUÇÃO	9
O SUJEITO SURDO E O ENSINO APRENDIZAGEM	14
ORIENTAÇÕES AO PROFESSOR	37
O INSTRUTOR E AS ESTRATÉGIAS DE ENSINO	46
AVALIAÇÃO NO PROCESSO EDUCACIONAL	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERÊNCIAS	60
SOBRE O AUTOR	62

APRESENTAÇÃO



Olá, Colegas professores e instrutores de Língua Portuguesa!

É com grande Satisfação, que apresento a vocês o nosso caderno pedagógico: Estratégias Inclusivas de Ensino da Língua Portuguesa para Alunos Surdos no 1º Ano do Ensino Médio - Um Estudo nas Escolas Centro de Ensino Dr. Geraldo Melo e Centro Educa Mais Estefânia Rosa da Silva em São Luís - MA. O presente produto educacional, uma demanda do Programa do Mestrado Profissional em Educação Inclusiva (PROFEI). Insere-se na linha de pesquisa Formações de professores em Educação Inclusiva. O PROFEI, tem como objetivo proporcionar formação em Educação Inclusiva aos profissionais da Rede de Educação pública, visando tanto a produção de conhecimento como o desenvolvimento de produtos educacionais, por meio da realização de pesquisas que integrem os saberes inerentes a práticas inclusivas.

Este material, foi cuidadosamente elaborado com algumas sugestões, podendo ser um material de apoio, ajudando a facilitar o processo de ensino e aprendizagem durante as práticas pedagógicas em sala de aula. Com um enfoque de estratégias colaborativas, buscamos proporcionar ferramentas e estratégias que favoreçam a participação ativa de todos os envolvidos no ensino- aprendizagem.



Sabemos que a Língua Portuguesa é uma disciplina fundamental para a comunicação escrita e oral, além de ser fundamental na formação do pensamento crítico e reflexivo dos nossos alunos. Por isso, é essencial que possamos oferecer uma educação de qualidade, utilizando métodos e técnicas modernas e eficazes.

Além disso, buscamos valorizar a diversidade linguística e cultural, trazendo exemplos e textos que reflitam a pluralidade da nossa sociedade. Acreditamos que, ao enriquecer o ensino da Língua Portuguesa com conteúdo relevantes e significativos, formaremos cidadãos críticos e conscientes do seu papel na sociedade. Portanto, convido a todos a explorarem este caderno pedagógico de forma criativa e adaptá-lo às suas realidades e necessidades.

Uma vez conhecendo a problemática envolvida no campo dessa pesquisa e toda a complexidade de questões teóricas e realidades práticas levantadas no decorrer da investigação, surgiu em mim o desejo de congregiar colegas com quem eu pudesse partilhar estudos, reflexões, ideias, projetos etc. relacionados ao trabalho inclusivo a partir de estratégias do instrutor de Libras no ensino de português para surdos, na escola comum de educação básica. Esta concretização está descrita neste caderno que apresenta, justifica e comenta a criação e desenvolvimento do Espaço virtual Permanente.

A proposta, já construída e disponível neste caderno e em forma on-line, foi idealizada não apenas para difundir e discutir os resultados deste estudo de caso, mas, principalmente, para utilizá-los como um ponto de partida para a reflexão sobre a relevância da integração entre todos os profissionais envolvidos na área da educação.

Espero que este material seja uma ferramenta valiosa no seu trabalho diário e que contribua para o sucesso e a realização dos seus alunos.

Devido à amplitude do tema e à limitação do tempo para o desenvolvimento da pesquisa, que ocorre simultaneamente ao desenvolvimento, implementação e avaliação do produto educacional, houve necessidade de um recorte no universo e na amostra no sentido de viabilizar ambos, pesquisa e produto educacional. Como critério para o recorte, o campus a ser selecionado deveria atender estudantes Surdos na perspectiva do conceito de inclusão e viabilizar tanto a pesquisa quanto o desenvolvimento, implementação e avaliação do produto educacional pretendido.



INTRODUÇÃO





A inclusão educacional demanda não apenas a presença de alunos surdos nas salas de aula, mas também a implementação de práticas pedagógicas que considerem suas especificidades e promovam um aprendizado significativo. Este caderno pedagógico, resultante da pesquisa desenvolvida na dissertação de mestrado, visa ser uma ferramenta prática e teórica que visa, através de estratégias inclusivas, facilitar o ensino da Língua Portuguesa para estudantes surdos que estão no 1º ano do Ensino Médio. A pesquisa foi realizada nas escolas Centro de Ensino Dr. Geraldo Melo e Centro Educa Mais Estefânia Rosa da Silva, ambas localizadas em São Luís – MA.

O principal **objetivo** deste caderno pedagógico é oferecer um conjunto de estratégias inclusivas e adaptadas para o ensino da Língua Portuguesa, proporcionando um ambiente de aprendizado acessível a alunos surdos. A proposta é promover a valorização da língua de sinais, incorporando recursos visuais e sonoros que favoreçam a comunicação e a compreensão, além de fomentar a interação entre todos os alunos, respeitando e valorizando a diversidade linguística e cultural presente na sala de aula.



A escolha do tema e a elaboração deste caderno pedagógico se justificam pela constatação da necessidade de aprimorar as práticas educativas direcionadas a alunos surdos, uma vez que muitas vezes o ensino da Língua Portuguesa para esse grupo é realizado de forma tradicional, desconsiderando suas especificidades. A pesquisa revelou que, apesar de avanços nas políticas públicas de educação inclusiva, ainda existem lacunas significativas na formação dos educadores e nas metodologias aplicadas.



Além disso, a realidade encontrada nas escolas escolhidas para o estudo evidenciou a urgência de se desenvolver materiais didáticos que integrem as diferentes formas de comunicação, respeitando as singularidades dos alunos surdos. O caderno pedagógico busca, portanto, contribuir para a formação de professores, fornecendo orientações práticas que possam ser aplicadas em sala de aula, visando não apenas a transmissão de conteúdo, mas a promoção de um ambiente de inclusão e aprendizado.

Tendo em mente esse cenário, o presente produto educacional foi pensado de tal forma que, a partir do trabalho colaborativo entre ambos os profissionais, o estudante Surdo participante da pesquisa tivesse condições de por meio de estratégias que respeitassem as especificidades da cultura desses estudantes. Subjazem à construção do produto educacional as premissas guiadas pela compreensão vigotskiana dos conceitos de linguagem, aprendizagem, mediação, níveis de desenvolvimento/aprendizagem e autonomia no contexto selecionado para o desenvolvimento da pesquisa e do produto educacional, além das leis, regulamentos e diretrizes nacionais sobre a inclusão de Surdos na Educação Básica, que serão desenvolvidas ao longo deste texto.

As atividades de ensino-aprendizagem que compõem o produto educacional foram construídas a muitas mãos: por mim, guiada pela meu orientador no Programa de Mestrado, pelas professoras de Língua Portuguesa das escolas Centro de Ensino Dr. Geraldo Melo e Centro Educa Mais Estefânia Rosa da Silva em São Luís – MA, que avaliaram e validaram as atividades de aprendizagem propostas, pelo próprio estudante participante da pesquisa, que não mediram esforços para que todo o processo se efetivasse da melhor maneira possível.

Esperamos que este caderno pedagógico sirva como um recurso valioso para educadores, proporcionando subsídios que promovam práticas inclusivas. Assim, avançamos não apenas na formação acadêmica dos alunos surdos, mas também na construção de uma sociedade mais justa e igualitária, onde todos tenham acesso e possam participar efetivamente do processo educativo.



O SUJEITO SURDO E O ENSINO APRENDIZAGEM



O tema relacionado à educação inclusiva é o mais polêmico e inquietante para nós, comunidade surda (alunos surdos, seus familiares, professores surdos, professores bilíngues e intérpretes), bem como para professores que não têm domínio da língua e coordenadores, devido às condições culturais históricas, educativas e linguísticas que estão em jogo. (CAMPOS, 2014, p. 37).

A surdez, frequentemente entendida apenas em seus aspectos físicos, transcende limites biológicos e se insere no campo da sociocultural. O sujeito surdo não é apenas alguém que tem dificuldade auditiva, mas sim um ser humano com uma identidade própria, que vive em um contexto social rico e diversificado. Essa perspectiva nos leva a refletir sobre a aprendizagem do sujeito surdo, que deve ser abordada de forma inclusiva e adaptativa.

A educação para surdos deve considerar a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como uma língua legítima e fundamental para o processo de ensino-aprendizagem. Como enfatiza a professora e pesquisadora Fernanda F. de Lima (2016), "o reconhecimento da Libras como língua não apenas facilita a comunicação, mas também é um passo crucial para a inclusão social e escolar do surdo". Isso implica que as instituições educacionais precisam oferecer um ambiente que respeite e valorize a cultura surda.



Além disso, a pedagogia deve ser adaptada às necessidades dos alunos surdos. Segundo Sanches (2018), "a utilização de estratégias que relate diretamente à realidade do aluno surdo, como o uso de recursos visuais e atividades práticas, pode contribuir para uma aprendizagem mais significativa". Essa abordagem não apenas respeita a forma de comunicação dos surdos, mas potencializa suas habilidades e talentos, promovendo um aprendizado ativo e engajado.

Os desafios enfrentados pelos sujeitos surdos na aprendizagem são múltiplos e complexos, muitas vezes relacionados à formação inadequada dos educadores. Isso é reforçado por Gomes (2020), que observa que "a falta de formação específica dos professores para lidar com a surdez pode resultar em barreiras significativas no ambiente escolar". Portanto, é imprescindível que os educadores sejam qualificados para ensinar não apenas a língua de sinais, mas também a cultura surda, criando um espaço de respeito e inclusão.

Outro aspecto crucial é a importância de um ambiente escolar inclusivo. De acordo com o Guia de Educação Inclusiva do Ministério da Educação (2020), "uma abordagem inclusiva deve ser uma prioridade, garantindo que os alunos surdos tenham acesso a um currículo relevante e adaptado às suas necessidades". Isso promove não apenas o aprendizado acadêmico, mas também a socialização e a construção da identidade do aluno surdo.



Em suma, a aprendizagem do sujeito surdo deve ser vista através de uma lente que valorize sua identidade e cultura. Ao oferecer uma educação inclusiva, que respeite a Libras e promova o desenvolvimento de metodologias adaptativas, podemos garantir que os sujeitos surdos não apenas aprendam, mas também se tornem protagonistas de suas próprias histórias.

Algumas Leis e Decretos



- **a Lei 10.436 de 2002, que reconhece a Libras como segunda língua oficial do Brasil;**

- **o Decreto 5.626 de 2005, que regulamenta a referida lei e obriga a inserção da Libras nos cursos de licenciatura;**



- **a Lei 12.319 de 1º de setembro de 2010, que regulamenta o exercício da profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS;**

- **a Lei Brasileira de Inclusão nº 13.146 de 2015, também conhecida como Estatuto da Pessoa com Deficiência, destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania;**



- **o Decreto 9.465 de 2 de Janeiro de 2019, que traz as competências da Diretoria de Políticas de Educação Bilingue de Surdos no Artigo 35, diretoria esta que até então não existia.**

Há ainda a legislação da Educação Especial, que não é bem-vista pela Comunidade Surda, porque essa modalidade de ensino, “[...] cujos componentes ideológicos, políticos, teóricos etc. são, no geral, de natureza discriminatória, descontinua e anacrônica, conduzem a uma prática permanente de exclusão e inclusão.” (SKLIAR, 2016, p. 11).

No entanto, embora considerada ultrapassada para a Comunidade Surda, é a legislação da Educação Especial na perspectiva inclusiva que tem contribuído para políticas de inclusão escolar e que obriga minimamente a contratação de intérprete de Libras e Atendimento Educacional Especializado (AEE) nas instituições de ensino.

Na legislação da educação especial na perspectiva inclusiva, que trouxe alguns avanços na inclusão educacional de surdos, podemos citar:

A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, promulgada em 2008, estabelece que a educação bilíngue Libras/Português para surdos e o Atendimento Educacional Especializado (AEE) devem ser oferecidos de forma a atender às necessidades específicas de cada estudante. A política reconhece a importância da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como língua materna para os surdos, defendendo a educação bilíngue, onde a Libras e o Português são usados como línguas de ensino. O AEE é um suporte pedagógico que visa garantir o acesso ao currículo comum e o desenvolvimento integral do aluno com necessidades educacionais especiais. O AEE pode ser oferecido em diferentes modalidades, como oral, escrita e/ou Libras, para atender às necessidades específicas de cada aluno.



Modalidades do AEE:

·**Oral:** Utilização da língua portuguesa falada para a comunicação e o ensino.

·**Escrita:** Utilização da língua portuguesa escrita para a comunicação e o ensino.

·**Libras:** Utilização da Língua Brasileira de Sinais para a comunicação e o ensino, especialmente para os alunos surdos.

A Resolução CNE/CEB nº 4, de 2 de outubro de 2009, estabelece as diretrizes operacionais para o Atendimento Educacional Especializado (AEE) na Educação Básica. A publicação do Ministério da Educação e Cultura (MEC) sobre o AEE - pessoas com surdez, aborda as abordagens educacionais com alunos surdos que frequentam o AEE.

O produto educacional aqui proposto – O ensino colaborativo para alunos surdos visa a sugerir procedimentos de ensino para estudantes Surdos matriculados em sala de aula da escola comum que contribuam para promover a igualdade de oportunidades e condições de acesso ao conhecimento formal por parte desses estudantes nessa modalidade de ensino. Este produto constitui-se de sugestões atividades diversificadas com objetivos de ensino e de aprendizagem específicos.



Diante dessa premissa, compreendemos que a criança inicia a sua aprendizagem mediada primeiramente pela linguagem, que na abordagem interacionista de Vygotsky, conforme aponta Quadros (1997), a linguagem é consequência do desenvolvimento cognitivo. Consequentemente, de modo igual, a aprendizagem da linguagem para a criança Surda, mesmo sendo viso espacial, a literatura vem apontando que é imprescindível que ela tenha acesso à linguagem desde a mais tenra idade, além de todas as experiências visuais possíveis para a plena fluência na língua e conhecimento de mundo (QUADROS, 1997; SALLES, 2007; SACKS, 2010).

Em outras palavras, por meio da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e utilizando imagens e materiais concretos, o Surdo terá mais chances de se desenvolver cognitivamente, aprender e interagir com o mundo ao seu redor com mais eficácia, conforme se deseja demonstrar com este Produto Educacional.

Assim, o Produto Educacional aqui apresentado respeita a identidade linguística do Surdo, ou seja, entende que a primeira língua (L1) desse estudante é a língua brasileira de sinais (LIBRAS) e que a segunda língua (L2) é o português escrito.



TIRE SUAS DÚVIDAS!



Como posso me comunicar efetivamente com um aluno surdo?

É importante adaptar a comunicação às suas necessidades e preferências individuais. Isso pode envolver o uso de língua de sinais (Libras), leitura labial, escrita e, em alguns casos, tecnologias de comunicação como aplicativos de tradução de voz para texto, aplicativos de tradução de língua portuguesa escrita ou oral para língua de sinais, são úteis. Criar um ambiente escolar inclusivo e seguro, com foco na prevenção, identificação e intervenção. Isso inclui a implementação de políticas claras, o envolvimento da comunidade escolar e a promoção de valores de respeito e empatia. A comunicação pode ser facilitada utilizando gestos, imagens, escrita e a Língua de Sinais. Se possível, aprenda algumas palavras e frases em Libras (Língua Brasileira de Sinais). O uso de tecnologia, como aplicativos de tradução, também pode ser útil.

Vale a pena saber:

- Aprenda a língua de sinais (Libras) para se comunicar diretamente com pessoas surdas;
- Se você não sabe Libras, use papel e caneta ou aplicativos de tradução para se comunicar por escrito;
- Mantenha contato visual e não fale com a boca cheia ou enquanto estiver mascarando;
- Evite falar muito rápido ou muito devagar, e não grite;
- Use expressões faciais e corporais para ajudar a transmitir sua mensagem;
- Se estiver em um grupo, certifique-se de que todos tenham acesso ao intérprete de Libras, se houver um presente;
- Seja paciente e não tenha medo de pedir ajuda ou esclarecimentos se não entender algo;
- Respeite a cultura surda e suas tradições, como a preferência por intérpretes surdos ou eventos exclusivos para a comunidade surda.

·IMPORTANTE:

“Quando a conversa começar, caso tenha a ajuda de um intérprete de Libras. Sempre se dirija diretamente à pessoa surda, não ao seu intérprete.”



Devo adaptar o material didático para o aluno surdo?

Sim, você deve adaptar o material didático para o aluno surdo. A adaptação do material didático é fundamental para garantir que o aluno surdo tenha acesso ao conhecimento e possa desenvolver suas aprendizagens de forma eficaz. Adapte o material didático para incluir imagens, gráficos, se possível escolha vídeos com a janela do intérprete de Libras, caso encontre vídeos somente com legendas, diminua a velocidade do vídeo. Sempre que possível, forneça um suporte visual para os conceitos apresentados.

Por que a adaptação é necessária?

·Acesso ao conhecimento:

O material didático adaptado garante que o aluno surdo possa compreender o conteúdo, mesmo que ele não consiga ouvir a explicação oral.

·Comunicação:

A adaptação permite que o aluno surdo se comunique e interaja com o material, utilizando recursos visuais e a Língua Brasileira de Sinais (Libras).

·Inclusão:

A adaptação é um importante passo para a inclusão do aluno surdo no ambiente escolar, garantindo que ele tenha as mesmas oportunidades de aprendizagem que os demais alunos.

Algumas dicas de como adaptar o material didático:

·Recursos visuais:

Utilize imagens, gráficos, vídeos e outros recursos visuais para ilustrar os conceitos e tornar o material mais acessível.

·Simplificação do texto:

Utilize um vocabulário mais simples e frases mais curtas para facilitar a leitura e compreensão do aluno surdo.

·Adaptação para a Libras:

Utilize a Libras para apresentar o conteúdo e interagir com o aluno surdo.

·Recursos tecnológicos:

Utilize ferramentas tecnológicas, como softwares de áudio descrição e leitores de tela, para tornar o material mais acessível.

·Atendimento especializado:

Ofereça atendimento especializado com um professor de Libras para auxiliar o aluno surdo em suas dúvidas e necessidades de aprendizagem.

Alguns exemplos de adaptações:

·Livros com ilustrações:

Os livros podem ter ilustrações que facilitam a compreensão do conteúdo.

·Vídeos com legenda:

Os vídeos podem ter legendas em português e Libras para facilitar a compreensão.

·Materiais em PDF com acessibilidade:

Os materiais em PDF podem ser adaptados para serem lidos por leitores de tela que traduzem da língua Portuguesa, para a Língua de Sinais.

·Reuniões com intérprete de Libras:

As reuniões podem ter um intérprete de Libras para facilitar a comunicação entre o aluno surdo e os demais participantes.

Ao adaptar o material didático, você está garantindo que o aluno surdo possa ter acesso ao conhecimento e desenvolver suas potencialidades, contribuindo para uma educação mais inclusiva e igualitária.



Como garantir que o aluno surdo participe ativamente das aulas?

Para garantir a participação ativa do aluno surdo nas aulas, é crucial criar um ambiente inclusivo e adaptar a metodologia de ensino para atender às suas necessidades específicas. Isso inclui o uso de recursos visuais, intérpretes de Libras, adaptações curriculares e o desenvolvimento de atividades práticas que estimulem a participação. Incentive a participação ativa por meio de atividades em grupo, discussões e projetos. Isso envolve a utilização de recursos visuais, intérpretes de Libras, tecnologias assistivas, e a adaptação de métodos pedagógicos. Pergunte frequentemente e verifique o entendimento do aluno.

Algumas dicas para a criação de um ambiente escolar mais inclusivo:

- **Intérpretes de Libras:**

A presença de um intérprete qualificado em Libras é fundamental para facilitar a comunicação entre o aluno surdo, o professor e os demais colegas ouvintes.

- **Recursos Visuais:**

O uso de recursos visuais, como imagens, vídeos, apresentações em PowerPoint, Canva, etc... Escrita clara em materiais de apoio, auxilia o aluno surdo a entender o conteúdo.

- **Tecnologias Assistivas:**

A utilização de softwares de legendagem, janela do intérprete de Libras, aplicativos de comunicação e plataformas de ensino a distância adaptadas pode facilitar o acesso ao conteúdo e a interação com os demais alunos.

- **Adaptação Pedagógica:**

O professor deve adaptar as estratégias pedagógicas para atender às necessidades específicas do aluno surdo, como a oferta de tempo adicional para as atividades e a utilização de recursos que permitam a participação em diferentes momentos da aula.

- **Comunicação Clara:**

A comunicação deve ser clara e direta, com o professor evitando o uso de jargões técnicos e complexos.

- **Atividades Interativas:**

As atividades devem ser interativas, permitindo que o aluno surdo participe de forma ativa e significativa na aula.

- **Acolhimento e Respeito:**

É importante que o aluno surdo se sinta acolhido e respeitado, com os demais alunos demonstrando curiosidade e interesse pela cultura surda.

- **Formação de Professores:**

Os professores devem receber formação e capacitação para lidar com as necessidades específicas dos alunos surdos.

- **Interação com a Família:**

A interação entre a escola e a família do aluno surdo é importante para o sucesso da inclusão.

Ao implementar estas estratégias, a escola pode criar um ambiente educativo inclusivo que permita ao aluno surdo participar ativamente das aulas, desenvolver seu potencial e construir uma trajetória de sucesso.



Como lidar com o preconceito ou bullying entre os alunos?

Para lidar com preconceito e bullying entre alunos, é crucial promover um ambiente escolar inclusivo e seguro, onde a empatia e o respeito sejam valorizados. Isso pode ser alcançado através de diversas ações, desde a prevenção até a intervenção e tratamento dos casos, envolvendo a comunidade escolar como um todo.

Segue abaixo algumas dicas:

- Realizar campanhas de conscientização sobre o que é bullying, seus impactos e como prevenir, envolvendo alunos, professores, pais e funcionários;
- Promover espaços de diálogo e escuta para as vítimas, incentivando a comunicação e a busca por soluções em conjunto;
- Estabelecer normas claras de convivência, que promovam o respeito e a tolerância, e que sejam aplicadas de forma consistente;
- Capacitar professores e a equipe pedagógica para identificar e intervir em casos de bullying;

- Incentivar a empatia e a compreensão das diferenças, promovendo atividades que fortaleçam a capacidade de se colocar no lugar do outro;
- Utilizar atividades lúdicas, culturais e artísticas para abordar temas como preconceito e bullying, de forma leve e criativa;
- Dar atenção especial aos alunos com dificuldades de aprendizado ou com problemas de relacionamento, pois eles podem ser mais vulneráveis ao bullying;
- Estabelecer um canal claro e seguro para as vítimas denunciar os casos de bullying, com o apoio de um profissional da escola;
- Conversar individualmente com a vítima e o agressor, buscando entender a situação e oferecer apoio;
- Implementar intervenções pedagógicas que abordem o caso, buscando conscientizar sobre as consequências do bullying e promover a mudança de comportamento;
- Oferecer suporte psicológico para as vítimas e, se necessário, para os agressores, buscando o tratamento adequado;
- Acompanhar o caso de perto, buscando a recuperação da vítima e a mudança de comportamento do agressor, em um processo de reabilitação e reconciliação;
- Estabelecer uma parceria com os pais, envolvendo-os no processo de conscientização e prevenção;
- Promover atividades em conjunto entre alunos, professores e pais, para fortalecer o sentimento de comunidade e o respeito mútuo;
- Envolver toda a comunidade escolar no combate ao bullying, desde a direção até os funcionários, para que todos se sintam responsáveis pela criação de um ambiente seguro.

Ao adotar essas medidas, a escola pode criar um ambiente escolar mais inclusivo, seguro e acolhedor, onde a tolerância, a empatia e o respeito são valorizados, e onde o preconceito e o bullying são combatidos de forma eficaz. Promova uma cultura de respeito e inclusão dentro da sala de aula. Fale sobre a diversidade, a importância da empatia e educar todos os alunos sobre a surdez. Encoraje a amizade e a colaboração entre todos os alunos.



O aluno surdo deve ter um intérprete na sala de aula?

Sim, no Brasil, a presença de um tradutor e intérprete de Libras em sala de aula é obrigatória para alunos surdos, tanto no ensino básico como no ensino superior. A legislação brasileira, como o Decreto Federal nº 5626 de 2005, garante o direito à educação bilíngue para alunos com deficiência auditiva, o que inclui a possibilidade de um intérprete mediar a comunicação e o acesso à informação. A presença do intérprete é fundamental para garantir a inclusão e o acesso à educação, permitindo que o aluno surdo compreenda o conteúdo das aulas e possa participar ativamente do processo de ensino-aprendizagem.

Algumas vantagens:

- **Inclusão e Acesso à Educação:**

A presença do intérprete de Libras facilita a comunicação e o acesso ao conteúdo das aulas, permitindo que o aluno surdo possa participar ativamente da sala de aula.

- **Legislação:**

A legislação brasileira garante o direito à educação bilíngue para alunos surdos, incluindo a presença de um intérprete de Libras em sala de aula.

- **Papel do Intérprete:**

O intérprete de Libras traduz o conteúdo da aula para a língua de sinais e vice-versa, garantindo que o aluno surdo compreenda as informações e possa expressar suas ideias e dúvidas.

- **Necessidade de Inclusão:**

A inclusão de alunos surdos em sala de aula não se limita apenas à presença do intérprete, mas também requer a sensibilização da comunidade escolar para garantir a efetividade do processo.

- **Importância da Comunicação:**

O intérprete facilita a comunicação entre o aluno surdo e o professor, permitindo que ambos se comuniquem e interajam de forma mais eficaz.

- **Formação do Intérprete:**

A formação do intérprete de Libras é essencial para garantir a qualidade da interpretação e a efetividade da comunicação em sala de aula.

A formação do tradutor e intérprete de Libras é regulamentada pela Lei nº 12.319/2010 e pela Lei nº 14.704/2023, que a atualiza. A Lei 12.319/2010 define os requisitos para o exercício da profissão, incluindo a necessidade de formação em cursos de educação profissional técnica de nível médio ou superior, ou formação continuada/especialização em áreas específicas. A Lei 14.704/2023 inclui o guia-intérprete na regulamentação e define as condições para o exercício da profissão.



Quais são as estratégias de ensino mais eficazes?

As estratégias mais eficazes para o ensino de alunos surdos incluem o uso da Língua Brasileira de Sinais (Libras), a utilização de recursos visuais, a promoção da interação e participação ativa dos alunos em sala de aula, além de materiais didáticos adaptados e o suporte de intérpretes/tradutores de Libras, quando necessário.

Segue abaixo algumas dicas:

- Imagens, vídeos legendados, animações em Libras, slides, objetos e jogos educativos são ferramentas importantes para facilitar a compreensão e a aprendizagem;
- Estimular a interação entre os alunos, a participação em atividades em grupo e a apresentação de trabalhos individuais são formas de promover a inclusão e o desenvolvimento;
- Livros, apostilas, atividades e outros materiais devem ser adaptados para atender às necessidades dos alunos surdos, com foco na linguagem acessível e na utilização de recursos visuais;
- Em ambientes de ensino com muitos alunos surdos, o uso de intérpretes/tradutores de Libras pode ser fundamental para garantir a comunicação e a inclusão;
- Utilizar softwares de voz para texto, softwares com legendas e outros recursos tecnológicos pode ser útil para facilitar a aprendizagem;
- A sala de aula deve ser organizada de forma a garantir que o aluno surdo tenha boa visibilidade do professor e de outros alunos;
- Em turmas numerosas, pode ser útil dedicar atenção individual ao aluno surdo, seja explicando o conteúdo novamente, seja oferecendo ajuda específica;
- Implementar práticas inclusivas que consideram a diversidade e as necessidades individuais de cada aluno, como a adaptação de atividades e a utilização de recursos visuais.

Utilize uma combinação de métodos visuais. Incorporar jogos, simulações e projetos práticos pode ajudar na compreensão. Além disso, seja claro e conciso nas instruções, repetindo e reformulando quando necessário.



Como posso avaliar o aprendizado de um aluno surdo?

Para avaliar o aprendizado de um aluno surdo, é crucial considerar a sua língua (Libras e/ou português) e adaptar as formas de avaliação para que o aluno possa demonstrar o que aprendeu. É fundamental que a avaliação seja contínua e não se limite a provas tradicionais, utilizando também observação, participação em atividades e outros métodos que permitam avaliar a compreensão e o conhecimento do aluno.

Utilize avaliações que considerem as diferenças de comunicação e aprendizagem. Isso pode incluir projetos, apresentações e avaliações orais em Libras, além de provas escritas com suporte visual. Fique atento ao progresso contínuo do aluno.

Estratégias para Avaliar:

- **Adaptação da linguagem:**

Utilize a língua de sinais (Libras) ou, se o aluno também for alfabetizado em português, adapte as avaliações para que ele possa demonstrar o seu conhecimento através do meio que melhor se comunica.

- **Observação:**

Observe a participação do aluno em sala de aula, sua capacidade de se expressar, sua interação com os colegas e a forma como ele responde a questões e participa de atividades.

- **Trabalho em grupo:**

Incentive o trabalho em grupo e a colaboração entre alunos surdos e ouvintes, observando a forma como o aluno surdo interage e contribui para o desenvolvimento do grupo.

- **Avaliação contínua:**

A avaliação não deve se limitar a provas e testes, mas sim ser um processo contínuo que observe o desenvolvimento do aluno ao longo do tempo.

- **Uso de tecnologias:**

Utilize recursos visuais, como imagens e vídeos, para auxiliar na compreensão do conteúdo e na avaliação do aluno.

- **Adaptações individuais:**

Cada aluno surdo possui um perfil único e é importante considerar as suas necessidades individuais na hora de planejar a avaliação.

- **Parceiros:**

Conte com a ajuda de intérpretes e tradutores de Libras, se necessário, para facilitar a comunicação e a avaliação do aluno.

- **Envolvimento da família:**

Converse com a família do aluno sobre o seu progresso e procure a colaboração deles no processo de avaliação.

- **Atividades criativas:**

Incentive a participação do aluno em atividades criativas, como desenhos, pinturas, produção de textos e outros meios de expressão que permitam demonstrar o seu conhecimento.

- **Avaliação da compreensão:**

Verifique se o aluno compreende o conteúdo e se ele consegue se expressar sobre o assunto utilizando a sua língua.

- **Flexibilidade:**

Esteja aberto a adaptar as formas de avaliação e a utilizar diferentes estratégias para avaliar o aluno surdo.

- **Avaliação do conteúdo:**

Avalie se o aluno aprendeu o conteúdo, mesmo que ele não consiga expressá-lo de forma perfeita na escrita.

- **Libras como língua materna:**

Reconheça a Libras como a língua materna do aluno surdo e utilize-a como base para a avaliação.

- **Português como segunda língua:**

Avalie o conhecimento do aluno em português como uma segunda língua, considerando as suas dificuldades e limitações.

- **Acompanhamento individual:**

Monitore o progresso do aluno individualmente e ajuste as estratégias de avaliação conforme as suas necessidades.

- **Comunicação:**

Professor, incentive a comunicação entre você e o seu aluno surdo, utilizando a Libras ou outros meios de comunicação adequados. Mesmo que você tenha um tradutor intérprete de Libras na sala de aula.

- **Avaliação qualitativa:**

Valorize a avaliação qualitativa, que considera os aspectos do desempenho do aluno, como sua participação em sala de aula, sua capacidade de se expressar e sua interação com os colegas.

- **Avaliação contínua e cumulativa:**

A avaliação deve ser contínua e cumulativa, observando o desenvolvimento do aluno ao longo do tempo.

Ao considerar estas estratégias, é possível construir um processo de avaliação que seja justo, eficaz e que valorize a individualidade do aluno surdo.



Quais recursos estão disponíveis para ajudar a educar alunos surdos?

Para educar alunos surdos, diversos recursos estão disponíveis, incluindo a Língua Brasileira de Sinais (Libras), materiais visuais, tecnologia assistiva, intérpretes e tradutores de Libras, e estratégias pedagógicas adaptadas.

Algumas sugestões de recursos e estratégias:

Libras:

A Língua Brasileira de Sinais é fundamental para a comunicação e aprendizagem de alunos surdos, e sua utilização deve ser promovida em sala de aula.

Materiais Visuais:

Vídeos legendados, animações em Libras, jogos educativos adaptados e aplicativos interativos facilitam a compreensão e o envolvimento dos alunos.

Tecnologia Assistiva:

Dispositivos como aparelhos auditivos, implantes cocleares, sistemas de amplificação sonora, despertadores que vibram, e dispositivos que convertem texto em voz são recursos que auxiliam na comunicação e no aprendizado.

Intérpretes e Tradutores de Libras:

A presença de intérpretes e tradutores de Libras é essencial para garantir a comunicação e a inclusão de alunos surdos em sala de aula e em eventos.

Estratégias Pedagógicas Adaptadas:

A utilização de métodos de ensino diferenciados, como o trabalho cooperativo, a abordagem bilingue (Libras e Português) e a promoção de atividades lúdicas, favorece o aprendizado de alunos surdos.

Recursos Tecnológicos:

Softwares, aplicativos e ferramentas online que oferecem materiais em Libras, facilitam a comunicação e o acesso à informação para os alunos surdos.

Legendas em Tempo Real:

A utilização de legendas em tempo real em vídeos e apresentações permite que os alunos surdos acompanhem o conteúdo com facilidade.

Auxílio para Leitura e Transcrição:

Recursos como prova ampliada, prova em braile, auxílio para leitura e auxílio para transcrição podem ser utilizados para atender as necessidades individuais de cada aluno.

Importância da Inclusão:

A inclusão de alunos surdos no sistema educacional regular é fundamental para garantir o direito à educação e o desenvolvimento social e profissional desses alunos. A educação bilingue (Libras e Português) é um modelo promissor para a educação de alunos surdos, que permite que eles se desenvolvam em suas duas línguas e culturas.

Existem várias ferramentas e recursos, como softwares educativos, vídeos em Libras, e materiais didáticos adaptados. Consulte com especialistas em educação bilingue e organizações que trabalham com surdos para obter acesso a mais recursos e treinamentos.

Dica: Percepção visual

O surdo aprende através da percepção visual, utilizando os seus olhos para entender o mundo e a comunicação.

Quando você for realizar uma explicação utilizando o quadro branco. Se possível, utilize pinceis de cores variadas e vá intercalando as cores ao conteúdo que precisa ser destacado, chamando atenção (destacando). Se possível, faça setas, traços, destacando as palavras, frases. Enfim, faça a contextualização por cores, visualmente. Essa mescla de cores, setas, traços, chamam a atenção do aluno surdo para a explicação do professor e conseqüentemente o entendimento do aluno.

FIQUE LIGADO!!!



A educação inclusiva tem sido um tópico amplamente debatido e em constante evolução ao longo do tempo. Contudo, ainda existem muitos obstáculos a serem superados em relação ao ensino e aprendizado de alunos surdos. As indagações e reflexões sobre esse assunto são essenciais para garantir uma educação verdadeiramente inclusiva e de qualidade para todos os estudantes.

Um dos principais desafios identificados é a escassez de profissionais capacitados para atender às necessidades específicas dos alunos surdos. É crucial que os educadores possuam conhecimentos em Libras (Língua Brasileira de Sinais) e compreendam a cultura surda, permitindo uma comunicação eficaz com esses alunos e a adaptação das estratégias de ensino às suas particularidades.

Outro aspecto fundamental é o desenvolvimento de materiais didáticos acessíveis para os alunos surdos. É preciso repensar o uso exclusivo do texto escrito como principal meio de comunicação e aprendizado, explorando alternativas como vídeos em Libras e recursos visuais que favoreçam a compreensão dos conteúdos.



FIQUE LIGADO!!!



Ademais, é essencial reconhecer a relevância da interação social no processo de ensino-aprendizagem dos alunos surdos. A inclusão desses estudantes em escolas regulares é um avanço significativo, mas é crucial assegurar que eles tenham oportunidades de se relacionar tanto com colegas ouvintes quanto com a comunidade surda, permitindo assim o pleno desenvolvimento de suas habilidades linguísticas e sociais.

Além disso, é importante reavaliar os métodos de avaliação empregados para os alunos surdos. As tradicionais provas escritas podem não ser a melhor maneira de mensurar o conhecimento desses estudantes. Portanto, é necessário explorar alternativas mais apropriadas, como apresentações orais em Libras ou atividades práticas.

Por último, promover um ambiente inclusivo e acolhedor é fundamental para que os alunos surdos se sintam valorizados e respeitados em suas particularidades. Isso implica não apenas na adaptação dos espaços físicos, mas também na criação de uma cultura inclusiva que combata o preconceito e valorize a diversidade.



ACESSE AS PUBLICAÇÕES

Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) - O INES é uma instituição referência em educação para surdos no Brasil. O site oferece informações sobre cursos, eventos, recursos e materiais pedagógicos voltados para a educação de surdos.



Hand Talk - Um site de tradução de conteúdo para Libras (Língua Brasileira de Sinais). É uma ótima ferramenta para alunos surdos acessarem conteúdos educacionais em sua língua de comunicação.



Canal de Libras - Um canal no YouTube com vídeos educacionais em Língua Brasileira de Sinais. Os vídeos abordam diversos temas, desde matemática até ciências, facilitando o acesso a conteúdo educativos para os alunos surdos.



Libreria - Um site que oferece livros digitais em Libras. Alunos surdos podem ter acesso a uma variedade de materiais de leitura em sua língua de comunicação.



Hand Talkers - Uma plataforma online que oferece cursos de Libras. Alunos surdos podem aprender e aprimorar seus conhecimentos em Língua Brasileira de Sinais de forma interativa e didática.



Librascursos - Um site que oferece cursos online em Libras, voltados para educadores e profissionais que trabalham com alunos surdos. Os cursos abordam estratégias e recursos pedagógicos para a inclusão de alunos surdos na educação.



ORIENTAÇÕES AO PROFESSOR



Aqui estão algumas orientações para o professor:
Orientações para Professores em Sala de Aula Inclusiva com Alunos Surdos

A inclusão de alunos surdos em salas de aula comuns é um desafio que requer abordagens pedagógicas específicas e a adoção de práticas que favoreçam a comunicação e o aprendizado. A seguir, apresentamos um conjunto de orientações que pode ser útil para professores que atuam em contextos inclusivos:

1. Conhecimento da Língua de Sinais

- Aprenda a Libras: Invista tempo em aprender a Língua Brasileira de Sinais (Libras), pois isso facilitará a comunicação com os alunos surdos. Existem cursos e recursos disponíveis para professores.
- Use Libras na Comunicação: Sempre que possível, utilize Libras para se comunicar com os alunos surdos, mesmo que não tenha fluência total. Isso demonstra respeito e esforço em se conectar.

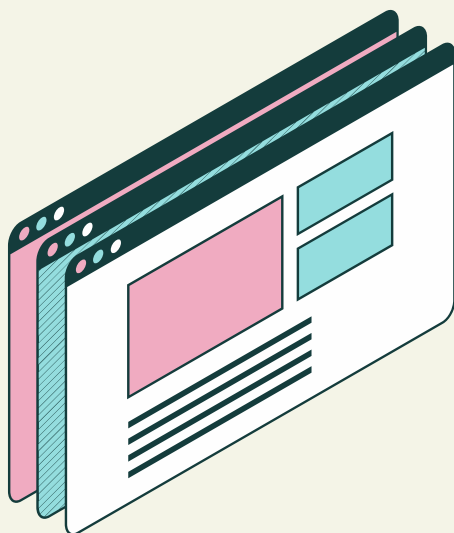
2. Adaptações Curriculares

- Visualize o Conteúdo: Use recursos visuais como slides, vídeos, gráficos e imagens para tornar o conteúdo mais acessível. A aprendizagem visual é muito eficaz para alunos surdos.
- Simplifique a Linguagem: Ao ensinar, utilize frases simples e evite gírias ou expressões idiomáticas que possam dificultar a compreensão.

3. Recursos Tecnológicos

- Utilize Softwares e Apps: Existem diversas ferramentas tecnológicas que podem auxiliar na comunicação e no aprendizado, como aplicativos que traduzem texto para Libras e vice-versa.
- Videoaulas com Legendas: Produza ou utilize videoaulas que tenham legendas, permitindo que o aluno surdo acompanhe o conteúdo de forma mais independente.

Existem vários recursos tecnológicos que auxiliam no aprendizado da Língua Brasileira de Sinais (Libras), como aplicativos e plataformas que traduzem texto e áudio para Libras, além de recursos que facilitam a comunicação entre surdos e ouvintes.



Alguns aplicativos e plataformas:

- **Hand Talk:** Um dos aplicativos mais populares, com um avatar 3D que traduz frases em português para Libras, ideal para iniciantes e avançados.
- **ProDeaf:** Oferece tradução de texto e voz para Libras, além de um dicionário de sinais.
- **VLibras:** Uma plataforma desenvolvida pelo governo brasileiro que traduz conteúdos digitais para Libras através de uma extensão de navegador, aplicativos móveis e uma ferramenta para tradução de vídeos.
- **Aplicativos de mensagens instantâneas e plataformas de videoconferência:** Permitem a comunicação em Libras em tempo real, como por exemplo chamada de vídeo como whatsapp.
- **TV com intérpretes:** Permite que os surdos assistam a programas de TV com tradução simultânea em Libras.
- **Softwares de tradução simultânea:** Facilitam a comunicação em tempo real entre surdos e ouvintes, traduzindo texto e voz para Libras.
- **Sistemas de telefonia com intérpretes:** Através do Viável Brasil, por exemplo, é possível ter acesso a uma central de intérpretes por telefone.

- **Plataformas on line - dicionário Libras:** Auxiliam na aprendizagem de novos sinais e expressões.
- **Recursos visuais:** Fotos, vídeos e animações podem ser utilizados para ensinar sinais e expressões em Libras.
- **Jogos educativos:** Podem ser usados para aprender e praticar a Libras de forma interativa e divertida.

4. Ambiente Inclusivo

- **Crie um Ambiente Favorável:** Organize a sala para que todos tenham uma boa visibilidade do professor. Garanta que o estudante surdo esteja em uma posição onde possa ver os intérpretes (se houver) e os colegas.
- **Promova a Sensibilização:** Realize atividades que promovam a conscientização sobre a surdez e a importância da inclusão, incentivando o respeito e a empatia entre todos os alunos.

5. Interação e Colaboração

- Estimule a Interação: Crie atividades em grupo que incentivem a interação entre alunos surdos e ouvintes. Isso pode ajudar na construção de relações mais positivas.
- Utilize Intérpretes: Quando houver intérpretes de Libras, assegure-se de que eles sejam parte do processo educativo, pois são fundamentais para a comunicação em sala de aula.

6. Avaliação Inclusiva

- Diversifique as Avaliações: Utilize métodos de avaliação variados que considerem as diferentes formas de expressão e compreensão, permitindo que os alunos demonstrem seu aprendizado de maneiras que respeitem suas habilidades.
- Feedback Regular: Forneça feedback constante e claro sobre o desempenho dos alunos, assegurando que eles entendam seu progresso e as áreas que precisam ser trabalhadas.



7. Formação Continuada

- **Busque Capacitação:** Participe de cursos e oficinas sobre educação inclusiva e surdez. Aprender sobre as melhores práticas e estratégias pedagógicas é crucial para o sucesso da inclusão.
- **Troque Experiências:** Compartilhe experiências e desafios com colegas que também trabalham com alunos surdos, talvez formando grupos de apoio ou estudo.

8. Envolvimento Familiar

- **Comunique-se com as Famílias:** Mantenha um canal aberto de comunicação com os familiares dos alunos surdos, buscando envolvê-los no processo educativo e na formulação de estratégias de apoio.

9. Respeito às Diversidades

- **Valorize a Cultura Surda:** Reconheça e respeite a identidade e a cultura surda. Envolver-se em discussões sobre diversidade cultural pode enriquecer ainda mais a experiência educativa.

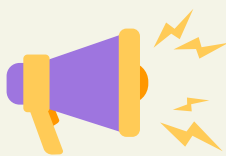
Criar um ambiente educativo inclusivo para alunos surdos exige compromisso, criatividade e contínua adaptação às necessidades de cada estudante. A combinação dessas orientações e a motivação para aprender e implementar práticas inclusivas fazem toda a diferença na formação educacional dos alunos surdos em uma sala de aula comum. Ao trabalhar juntos, podemos garantir que todos os alunos tenham a oportunidade de aprender e prosperar.

Pretendeu-se aqui argumentar a favor do trabalho colaborativo entre professor da escola ensino comum e professor da educação especial. A partir dessa parceria novas condições devem ser oferecidas para acesso ao currículo pelos estudantes público-alvo da educação especial, além de possibilitar aos professores, momentos de pensar e planejar juntos as flexibilizações possíveis das atividades pedagógicas. Na troca de saberes específicos de cada área do conhecimento, quando há contribuição e compartilhamento entre os professores, novos conhecimentos surgem para potencializar o processo de ensino e aprendizagem de todos os estudantes, especialmente, do público-alvo da educação especial, por meio da elaboração de estratégias curriculares conjuntas, para atender as singularidades desses estudantes.



Esteja atento às necessidades emocionais do aluno: O aluno surdo pode enfrentar desafios emocionais adicionais devido à sua deficiência auditiva. Esteja atento e sensível às suas necessidades emocionais, oferecendo apoio e estabelecendo um ambiente inclusivo e acolhedor em sala de aula.

Trabalhe em parceria com profissionais especializados: Busque apoio de profissionais especializados em educação de alunos surdos, como intérpretes de língua de sinais e professores de apoio. Trabalhar em parceria com esses profissionais pode ajudar a garantir que as necessidades do aluno sejam atendidas de forma adequada.



Lembre-se de que cada aluno surdo é único, portanto, é importante adaptar essas orientações de acordo com as necessidades individuais de cada aluno. Esteja sempre aberto ao diálogo e ao feedback do aluno e conte com o apoio de outros profissionais e recursos disponíveis. Ainda, as atividades de ensino-aprendizagem partem da L1 (LIBRAS) do estudante para a L2 (português escrito) e se apoiam em imagens, tendo em vista que os Surdos usam recursos visuais para interagir socialmente e aprender nos contextos em que transitam, conforme argumenta os estudos de Figueiredo (2015) e Skliar (2016).

O INSTRUTOR E AS ESTRATÉGIAS DE ENSINO



A inclusão de alunos surdos no ensino da Língua Portuguesa requer a adoção de estratégias específicas que respeitem suas singularidades e garantam um aprendizado eficaz. A seguir, apresento algumas estratégias inclusivas que podem ser implementadas por educadores:

Utilização de Libras (Língua Brasileira de Sinais)

Formação de Professores: Capacitar os educadores em Libras, para que possam se comunicar efetivamente com alunos surdos.

Bilinguismo: Incentivar o uso da Libras como língua de instrução e a Língua Portuguesa como segunda língua. Isso auxilia na construção de um entendimento mais sólido da língua falada/escrita.

Recursos Visuais

Materiais Didáticos Visuais: Utilizar imagens, vídeos, gráficos e tulhas interativas que ajudem na compreensão dos conteúdos.

Legendagem: Incluir legendas em vídeos e filmes utilizados na sala de aula, para que os alunos surdos possam acompanhar a narrativa.

Atividades Práticas e Interativas

Teatro e Performances: Promover atividades que envolvam dramatizações e encenações, permitindo que os alunos se expressem e pratiquem a Língua Portuguesa de forma divertida.

Jogos Educativos: Criar jogos que estimulem a leitura e a escrita, utilizando elementos visuais e táteis.

Tecnologia Assistiva

Aplicativos e Softwares: Utilizar ferramentas tecnológicas que ajudem no aprendizado de Língua Portuguesa, como aplicativos de leitura e escrita, que sejam interativos e adaptados para surdos.

Quadros Digitais: Fazer uso de quadros interativos para apresentar conteúdos de forma dinâmica e envolvente.

Estratégias de Comunicação

Leitura Labial e Oralidade: Incentivar práticas que desenvolvam a habilidade de leitura labial e a articulação da língua portuguesa, quando apropriado.

Uso de Gestualidade: Incentivar a combinação de Libras e gestos para facilitar a compreensão dos conteúdos ensinados em português.

Colaboração com Especialistas

Audiologia e Fonoaudiologia: Trabalhar em conjunto com fonoaudiólogos e audiologistas para personalizar estratégias que atendam às necessidades específicas de cada aluno.

Educadores e Intérpretes: Integrar intérpretes de Libras às aulas, que possam ajudar na tradução e garantir melhor compreensão do conteúdo.

Ambiente de Aprendizagem Inclusivo

Salas de Aula Acessíveis: Criar um espaço que favoreça a comunicação visual, com boa iluminação e disposição favorável para leitura labial.

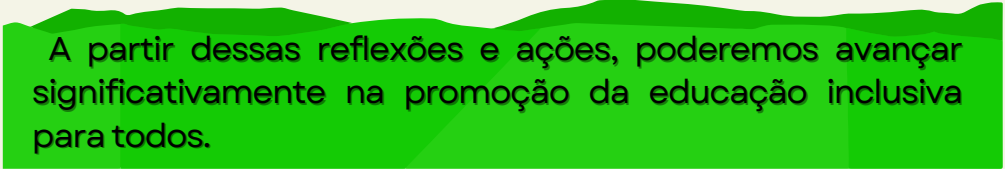
Cultura de Respeito e Inclusão: Promover uma cultura escolar que valorize a diversidade e o respeito às diferenças, envolvendo toda a comunidade escolar nesse processo.

Avaliação Adaptada

Avaliações Alternativas: Desenvolver formas de avaliação que considerem as particularidades dos alunos surdos, como produções em vídeo, projetos individuais ou em grupo que permitam o uso da Libras.



A implementação dessas estratégias deve ser contínua e adaptável, considerando as necessidades específicas de cada aluno. Além disso, é fundamental que haja um diálogo constante entre educadores, alunos e suas famílias, visando sempre a construção de um ambiente educacional inclusivo e enriquecedor. A inclusão na educação não é apenas uma obrigação legal, mas uma oportunidade de enriquecimento para todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.



A partir dessas reflexões e ações, poderemos avançar significativamente na promoção da educação inclusiva para todos.

Dica importante!!!!

Uma dica valiosa para o trabalho do intérprete e do professor no auxílio do aluno surdo na sala de aula comum de Língua Portuguesa é promover uma comunicação eficaz e inclusiva.

É essencial que o professor esteja sempre em sintonia com o intérprete de Libras para garantir que as informações e as instruções sejam transmitidas de forma clara e adequada. Antes das aulas, prepare o conteúdo que será ensinado, discutindo com o intérprete os termos específicos e as expressões que serão utilizadas, assim como estratégias de ensino que possam facilitar a compreensão do aluno surdo.

Além disso, o professor pode utilizar recursos visuais, como slides e imagens, que ajudem a contextualizar o conteúdo. Isso não apenas apoia o aluno surdo, mas enriquece a experiência de aprendizado para toda a turma. Incentive a participação ativa do aluno surdo nas discussões em classe, promovendo um ambiente colaborativo onde todos os alunos se sintam à vontade para se expressar, seja através da Libras ou da língua falada.

Ao integrar esses elementos, o trabalho conjunto entre o professor e o intérprete se torna mais efetivo, promovendo uma educação inclusiva e acessível, fundamental para o desenvolvimento do aluno surdo.

AVALIAÇÃO NO PORCESSO EDUCACIONAL



A inclusão de alunos surdos em salas de aula comuns é uma prática que visa promover a equidade e a diversidade no ambiente escolar. A avaliação do processo educacional desses alunos deve ser adaptada às suas necessidades e particularidades, considerando as especificidades da surdez e as diferentes formas de comunicação. A seguir, apresentamos sugestões de como os professores podem trabalhar para garantir uma avaliação justa e eficaz.

1. Conhecimento Prévio e Contextualização

Identificação das Necessidades: Realizar um levantamento das habilidades e dificuldades do aluno surdo no início do ano letivo. Discuta com o aluno e sua família sobre suas expectativas e experiências anteriores.

Contextualização do Conteúdo: Ao introduzir novos temas, conecte-os à realidade do aluno. Utilize exemplos que estejam próximos de seu cotidiano, facilitando a compreensão.

2. Metodologias de Ensino

Uso de Recursos Visuais: Utilize imagens, vídeos e apresentações em slides que incorporam legendas e intérpretes de Libras (Língua Brasileira de Sinais) para facilitar a compreensão.

Atividades Interativas: Promova atividades em grupo que incentivem a colaboração entre alunos surdos e ouvintes, utilizando a Libras para a comunicação. Jogos e dinâmicas podem ser adaptadas para favorecer a inclusão.

3. Formas de Avaliação

Avaliação Contínua: Implementar uma avaliação formativa, acompanhando o progresso do aluno ao longo do tempo, e não apenas em momentos pontuais. Observar a participação em sala, as contribuições em atividades e o desenvolvimento de habilidades.

Alternativas de Avaliação: Oferecer formatos variados de avaliação que respeitem a língua e a cultura do aluno surdo, como:

- Projetos em grupo com apresentações em Libras.
- Provas orais em que o aluno possa se expressar em Libras.
- Avaliações escritas que considerem a linguagem utilizada pelo aluno, podendo ser escritas em uma linguagem mais simples, evitando jargões complexos.

4. Feedback e Adequações

Feedback Construtivo: Fornecer feedback regular e específico, ajudando o aluno a entender seu progresso e o que pode ser melhorado. Utilize Libras, sempre que possível, para que a comunicação seja clara e eficaz.

Ajustes no Ensino: Avaliar constantemente as estratégias de ensino e estar disposto a realizar ajustes conforme a necessidade do aluno surdo. Isso pode incluir variações na carga de trabalho ou adaptações no material didático.

5. Envolvimento da Família

Comunicação com a Família: Mantenha um canal de comunicação aberto com a família do aluno surdo, atualizando-os sobre o processo de ensino-aprendizagem e buscando sua colaboração nas atividades escolares.

Oferecimento de Recursos e Orientações: Disponibilizar recursos e orientações para que os familiares possam apoiar o aprendizado do aluno em casa, como materiais em Libras ou dicas de estudo.





A avaliação do processo educacional do aluno surdo na sala de aula comum deve ser um reflexo de um ensino inclusivo e adaptado. Ao considerar as singularidades desse aluno, os professores podem criar um ambiente de aprendizagem mais acolhedor e acessível, favorecendo não apenas a avaliação, mas todo o processo de ensino-aprendizagem. A inclusão é um compromisso de toda a comunidade escolar, e a avaliação deve ser uma ferramenta que promova o desenvolvimento integral do aluno surdo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



As considerações finais de nossa dissertação analisaram o impacto das estratégias inclusivas de ensino da Língua Portuguesa para alunos surdos no 1º ano do Ensino Médio, com foco nas experiências vividas nas escolas Centro de Ensino Dr. Geraldo Melo e Centro Educa Mais Estefânia Rosa da Silva em São Luís – MA. Ao longo desta pesquisa, foi possível identificar tanto os desafios enfrentados pelos educadores quanto as potencialidades das práticas pedagógicas inclusivas.

A inclusão de alunos surdos no ensino regular é um tema que continua a ganhar relevância, especialmente à medida que as políticas educacionais brasileiras avançam em direção a uma educação equitativa e acessível. Nossos estudos demonstraram que, com a adoção de metodologias adaptadas e tecnologias assistivas, é viável promover um aprendizado significativo e engajado para os alunos surdos. As experiências observadas nos dois centros de ensino elucidaram que a formação continuada dos professores é um aspecto crucial, não apenas para a adaptação curricular, mas também para o desenvolvimento de uma sensibilização mais profunda sobre a cultura surda e suas especificidades.



Além disso, a pesquisa evidenciou a necessidade de uma maior articulação entre os diferentes agentes educacionais – educadores, gestores, familiares e a comunidade surda. A colaboração e a troca de experiências são fundamentais para fomentar um ambiente escolar que respeite e valorize a diversidade, promovendo o empoderamento dos alunos surdos.

Por fim, enfatizamos que, embora os resultados obtidos neste estudo sejam promissores, ainda há muito a ser feito. É necessário continuar a investigação sobre práticas pedagógicas inclusivas e expandir os conhecimentos acerca da Língua Portuguesa, considerando as nuances da Língua Brasileira de Sinais (Libras). A construção de um efetivo espaço de aprendizagem inclusivo requer um compromisso contínuo de todos os envolvidos no processo educacional, e iniciativas futuras devem ter como prioridade a ampliação e o fortalecimento das práticas inclusivas.

Com a esperança de que este trabalho contribua para a reflexão e a ação pedagógica nas escolas, fechamos esta dissertação com o desejo de um futuro onde todos os alunos, independentemente de suas particularidades, tenham acesso às oportunidades de aprendizado que merecem, tornando-se, assim, protagonistas de suas próprias histórias.



REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. - BRASIL. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Disponível em: [chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.udesc.br/arquivos/faed/id_cpmenu/4487/Caderno__Pol_tica_de_Educa_o_Especial__NEESP_15841042403847_4487.pdf].

COORDENAÇÃO NACIONAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL. **Diretrizes para a Educação de Surdos**. Diretrizes para a Educação de Surdos. Disponível em: [https://www.exemplo.com/diretrizes-surdos]. Acesso em: 22 mai. 2025.

GOMES, Ana. (2020). **Desafios da educação de surdos: formação de professores e práticas inclusivas**. São Paulo: Editora Universitária.

LIMA, Fernanda F. de. (2016). **Libras: língua e identidade na educação de surdos**. Curitiba: Editora Contexto.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. (2020). **Guia de Educação Inclusiva**. Brasília: MEC

SANCHES, Rafael. (2018). **Metodologias ativas na educação de estudantes surdos**. Rio de Janeiro: Editora Caminhos

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. **Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)**. Brasília, DF: Presidência da República, 2015.

BRASIL. Lei n. 12.319, de 1º de setembro de 2010. **Regulamenta a profissão de tradutor, intérprete e guia-intérprete da Língua Brasileira de Sinais (Libras)**. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, ano 147, n. 169, p. 1, 2 set. 2010.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. **Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais e dá outras providências**. Diário Oficial da União, Brasília, 25 de abril de 2002.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. **Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Disponível em: https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/tipo=DEC&numero=5626&ano=2005&ato=b61MTU65UMRpWTdae. Acesso em: 23 de abril de 2025.

REFERÊNCIAS

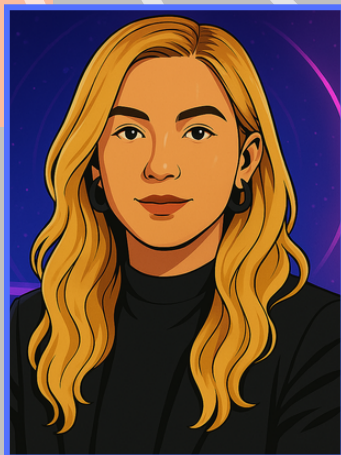
BRASIL. **Decreto nº 9.465, de 2 de janeiro de 2019.** Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2 jan. 2019.

BRASIL. Resolução CNE/CEB nº 4, de 2 de outubro de 2009. **Institui as Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial.** Brasília, 2009.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.** Brasília: MEC/SEESP, 2008. (Se for um decreto, adicionar: Decreto nº 6.571, de 17 de setembro de 2008, por exemplo).

QUEM SOU EU?

MICHELLE KELLEN RAMOS BRITO JARDIM



Licenciada em pedagogia, graduada pelo UNICEUMA. Sou Licenciada em Letras Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, possuo especialização em: Educação Especial Inclusiva pela Uniasselvi, possuo especialização em Libras pela Faculdade Cândido Mendes, Possuo especialização em Atendimento Educacional Especializado - AEE pela Faculdade Cândido Mendes, Possuo especialização em Gestão Educacional Escolar pela Universidade Estadual do Maranhão - UEMA. Sou professora instrutora de Libras na Rede Estadual de Ensino do Maranhão, sou professora de educação especial no município de Rosário -MA, sou professora no Programa Ensinar da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, disciplina Libras, Mestra em Educação Especial - Programa PROFEI/UEMA